

João Rural

As Quintilhanas

paixão em preto e branco

1ª edição

Paraibuna - SP
Edição do autor
Outubro de 2010

ficha

Capa

Adelmo Rochinski

Diagramação

João Rural

Revisão

Luciane Alessandra de C.C. Guimarães

Rogério Francisco B.P. Faria

logojac editora

endereço telefone

Su-

A descoberta	5
A chegada	19
Atração e decisões	35
A opressão	51
A vida sozinha	71
A revolta	81
A volta	93
Nova fazenda	103
A busca	115
A união	131
A fazenda diferente	143
30 anos depois	151



a descoberta



Corria o ano de 1902. Tempo de muita chuva, mas, naquele dia, caía uma chuvinha fina, insistente, fria e incômoda. Naquela manhã as ruas de Cachoeira Paulista estavam quase vazias, exceto por alguns burros e mulas que desciam a rua principal, ao som estridente dos cincerros. Na majestosa Estação Ferroviária, pessoas bem arrumadas chegavam em seus coches, próprios ou alugados. Uns chegavam para a viagem de trem, outros esperavam o desembarque de algum parente ou amigo. O próximo trem estava para passar, vindo de São Paulo, em direção ao Rio de Janeiro, com parada obrigatória naquela estação.

Cachoeira Paulista, até então, era conhecida como a principal cidade na travessia das tropas de São Paulo para Minas Gerais. Ficava em suas terras, a poucas léguas serra

acima, a Garganta do Embaú, caminho obrigatório para quem queria atravessar a Serra da Mantiqueira. Contudo esse caminho já não tinha mais a importância de outrora. A construção da linha férrea São Paulo - Rio de Janeiro tornou a cidade uma das mais importantes na economia do transporte ferroviário no País.

Enquanto várias pessoas transitavam pela plataforma da estação, na esquina da rua, uma figura simples chamava a atenção de quem passava. Não se preocupava com o sereno, pois uma capa de lã, surrada pelo tempo, cobria seu corpo e sua mula. Mais cinco mulas estavam ao lado. Uma arreada e toda coberta com uma capa e mais cinco encangalhadas e cobertas com um couro cru, chamado ligal. Era o tropeiro Vardão, observando o movimento e também esperando o apito do trem.

Não demorou muito para o silêncio ser quebrado por um apito forte e uma fumaça preta escurecer ainda mais o céu. Aos poucos a máquina apareceu, com seu ruído característico e as rodas a cantar com a freada.

O trem parou, os bilheteiros desceram e se postaram nas portas dos vagões. Aos poucos, os passageiros foram descendo. Uns com malas e outros apenas para esticar um pouco as pernas, tomar um café e depois seguir viagem. Por último, apareceu na porta uma figura magra, de baixa estatura, bigodinho bem aparado, chapéu coco na cabeça, um guarda-chuva e com duas malas a tiracolo. Pela apresentação Vardão teve a certeza de que era ele o passageiro esperado. O visitante observou de longe o homem e as mulas e se dirigiu a ele, em passos lentos e medidos, como quem vai a um lugar determinado.

-O senhor está esperando alguém pra levar até Silveiras?

-Estou sim. E pelo jeito é o senhor o doutor engenheiro que vai trabalhar em nossa cidade. Vardão, às suas ordens.

-Sim. Euclides da Cunha, doutor engenheiro da Secretaria de Obras e Viação do Estado de São Paulo.

-O senhor quer seguir viagem assim mesmo, ou vamos esperar a garoa passar?

-Vamos assim mesmo, pois isso não me mete medo. Não sou tão importante assim.

Ele podia até ser pessoa importante, mas para o Vardão era somente mais uma boa empreitada, nada mais. O tropeiro retirou a capa que cobria outra mula, toda arreada e convidou o visitante a montar. Euclides entregou as malas para Vardão, que as colocou dentro dos jacás da outra mula e as cobriu com o ligal. Amarrou bem com o arrocho e foi segurar a outra mula, pois Euclides estava com dificuldades para montar.

-Só ir com calma que a Briosa se acalma também, doutor.

-É. Eu sei. Mas acho que está me estranhando.

Euclides conseguiu montar, colocou a capa sobre o corpo e cobriu todo o animal. Estava seguro contra o sereno, pois esse tipo de capa era impermeável à água. Vardão também montou em sua mula, tocou a mula madrinheira e os cincerros ecoaram pela viela, misturando-se aos apitos do trem que começava a seguir rumo ao Rio de Janeiro. Vardão, Euclides e sua tropa pegaram a trilha em direção a pequena Vila de Silveiras, localizada aos pés da Serra da Bocaina. Euclides ajeitou sua mula e nem precisou tocar muito, pois o animal já seguia o som cadenciado dos cincerros. Logo emparelhou com Vardão e puxou a prosa, enquanto a mula madrinha ia calmamente, balançando seus cincerros, como se conhecesse o caminho. Com o elogio de Euclides a respeito da tropa bem arrumada, Vardão achou por bem completar:

-Sabe, doutor, esses bichos não são burros não. É só soar os cincerros que todos seguem atrás, pois sabem que quando o

som parar vão ter água e tempo para pastar. E tem mais, voltam direitinho, porque já conhecem o caminho inteiro.

Aos poucos foram deixando a Vila de Cachoeira pra trás e entrando nos caminhos mais estreitos, onde só passava um animal por vez. A Serra da Bocaina parecia que vinha chegando mais perto. No caminho, Euclides notou alguns casebres abandonados e ficou curioso. Vardão se apressou a explicar.

-Aqui tinha muita gente, seu doutor. Ali, naquela casa, ficava o Rancho do Seu Atílio, onde muitos tropeiros pernoitavam. Com a chegada do cavalo de fogo, tudo acabou, deixando muita gente sem o que fazer.

-É, Seu Vardão, são coisas que o homem não pode controlar... O progresso vem e ao mesmo tempo em que coloca as coisas nos trilhos de ferro, desorienta as trilhas do homem...

-O doutor falou bonito, mas o assunto é muito triste.

-Pois é, Vardão, tudo é muito triste. Principalmente para nós que estamos sempre procurando escrever a vida dos outros. Muita coisa nos toca e acaba indo pro papel.

-Então o doutor é das letras também?

-Sou sim, já andei pelo Nordeste todo, acompanhando a luta dos seguidores do beato Antônio Conselheiro. Por isso é que conheço bem as tropas, pois lá também a condução era só isso.

-É, então o doutor já viu muito mais desgraça do que tem por aqui.

A prosa parou por aí, com os dois seguindo viagem calados. Só o som dos cincerros ressoava pelo vale. Quase quatro léguas depois, com a chuva já passada, Vardão deu uma parada junto a uma grande cruz, à beira da estrada. Mais uma vez fazia o nome do pai e parava um pouco para tomar água e dar de beber aos animais. Ali estava o marco que lembrava os mortos da grande batalha da Revolução

Liberal de 1842. Euclides, bom conhecedor dos fatos do país, também ficou emocionado.

-Foi aqui, que mais uma vez os gritos da liberdade foram tolhidos a ferro e fogo pelo poder dos mandatários do Brasil.

-Os antigos contam que muita gente daqui da vila resolveu se revoltar contra as ordens do governo, mas acabaram presos, mortos e expulsos pela força policial.

-É, Vardão, mas a luta deles também contribuiu para a nossa liberdade de hoje.

Falou isso e convidou Vardão pra continuar a viagem, que então tocou a mula madrinha fazendo os outros animais apressarem o passo. Mais um quilômetro e chegaram ao Pouso do Nastácio, o primeiro da Vila. Aos poucos outros pousos apareceram, mas muitos abandonados e sem movimento. Nos bons tempos, a Vila de Silveiras chegou a ter 20 pousos e muitas centenas de tropas passando, um vai e vem que nunca parava.

Vardão, garboso como sempre, entrou pela rua central da vila. Os cascos dos animais ressoavam nas pedras da rua, que era toda calçada. Muita gente saía para conhecer o doutor, pois todos já esperavam sua visita. Passando pela venda do Seu Quincas, já foi arrumando mais serviço.

-Vardão, amanhã preciso de sua tropa pra buscar uns capados lá na serra dos macacos...

-Pode deixar Seu Quincas, no terceiro canto do galo já estarei partindo...

Seguiu com a tropa, com Euclides olhando firme para a velha cadeia, que era seu objetivo na cidade. Vardão parou na porta da Pensão da D. Justa, a melhor da cidade, descarregou suas coisas, levando-as para a sala. D. Justa, sempre atenta às raras visitas, recebeu o engenheiro toda contente.

-É a primeira vez que o doutor vem pra essas bandas?

-É sim, mas já estou de morada na Vila de Lorena, pra poder fazer o meu serviço pro governo.

-E o que tá achando?

-É muito bonita, mas realmente está tudo em ruínas, assim como outras cidades dessa região.

D. Justa ouviu, mas não respondeu nada. Encaminhou Euclides para o melhor quarto da pensão, que não tinha muita diferença em relação aos outros. No final do corredor, num quartinho apertado, já estava a tina e água quente para o banho, o que ele fez rapidamente.

Quando o velho relógio de pêndulo deu as sete badaladas da noite, Seu Sodero, marido de D. Justa, foi até o pequeno quarto.

-Dr. Euclides, venha pra sala jantar conosco.

-Pois não, como vai o senhor? Muito prazer.

-Temos uma comida simples, mas muito bem preparada pela Justa. Pelo menos, eu nunca enjoiei dessa comida.

-Já é uma boa notícia.

Ao sentar-se à mesa, Euclides se deparou com grandes travessas de louça, que pareciam porcelanas chinesas, cheias de delícias. De um lado um torresmo no ponto, em outra, o feijão tropeiro, com linguiça e carne-seca, fumegando. D. Justa entrou com o último prato, uma linguiça frita e ovos estalados.

-Vai um abre apetite, doutor?

-Vai sim, principalmente se for dos alambiques daqui.

D. Justa foi até o armário, trouxe uma garrafa e dois copinhos. Após um bom trago, restou a todos saborearem o que estava ainda fumegante. Durante o jantar, D. Justa respeitou o homem e deixou para puxar conversa depois.

Euclides acabou o jantar, foi até seu quarto e trouxe a mala mais estranha. Aproveitou a larga mesa da sala e a boa luz do candeeiro, para desembulhar um calhamaço de

papel, colocando metade do lado e começando a ler a outra. Sodero ficou curioso, pensando ser algum estudo sobre a velha cadeia, motivo da visita de Euclides. Aproximou-se e ficou olhando a cena sem atrapalhar.

-Acho que ninguém sofreu tanto como eu, por causa de um monte de papel.

-Como assim, Seu Euclides? Por causa desse projeto da cadeia?

-Não, isso aqui são as cópias do meu livro. O relato de uma viagem que fiz a Canudos, onde morreu Antônio Conselheiro. É o escrito da minha vida, que espero seja um dos mais importantes livros dos costumes da nossa gente.

-Mas, por que o senhor está sofrendo tanto?

-É que ninguém em São Paulo quis publicar minha história, nem mesmo o Jornal "O Estado de São Paulo", pro qual trabalhei por um tempo. Por isso tive que mandar ao Rio de Janeiro para ser impresso. Mas a oficina tem deixado muitos erros de impressão. Como não posso acompanhar tudo, fico aqui sofrendo, tentando consertar as coisas de São Paulo, lá no Rio de Janeiro, deixando homens insensíveis aniquilarem minha obra.

-Mas o senhor não pode fazer alguma coisa?

-Não adianta nada, não tenho dinheiro para ficar parado lá, ao lado das impressoras. Por isso larguei mão e só quero ver o livro quando estiver impresso.

-Então, mudando um pouco o rumo da prosa, o doutor vai conhecer a cadeia amanhã mesmo, ou não? O prédio está precisando de uma boa reforma há muito tempo.

-Acho que vou bem cedo, pois o dia já se foi e a viagem me cansou muito.

-É bom o senhor chegar lá com o dia claro, pois, assim, o senhor não se espantará com a negra louca.

-Negra louca?

-É. Ela é louca sim. O senhor precisa tomar cuidado com a Dona Ana, uma coitada que fez uma coisa muito feia na vida e agora tá lá pagando seus pecados.

Euclides ia alongar o assunto, que o deixou curioso, quando adentrou pela sala o intendente Antonio Luiz Pedro, que soube rapidamente da chegada do homem.

-Como vai doutor, fez boa viagem?

-Fiz sim. A melhor parte foi a viagem de tropa, com o Vardão, que me trouxe bons momentos de conversa e a lembrança de minhas viagens pelo Nordeste...

-Pois é, doutor, há muitos meses que estamos aguardando sua chegada, mas sabemos muito bem que o governo andava sem recursos. Já está estudando a obra?

-Não. São os escritos do meu livro, que está pra ser editado no Rio de Janeiro.

-Então o doutor é das letras também?

Sobrou para D. Justa ir buscar um bom café para os dois tomarem. O intendente continuou a conversa, curioso pelo assunto.

-Mas é um livro de romance ou de história, doutor?

-É a história do beato Antonio Conselheiro e sua derrocada pelo ataque das tropas do governo, sob o comando justamente de um valeparaibano, o Moreira César, que, com certeza, ainda vai virar nome de cidade. Mas vamos deixar esse assunto pra depois. O que interessa é que já tenho o orçamento pra obra.

Depois de dizer isso, Euclides recolheu os papéis, embrulhou e amarrou com o barbante, enquanto D. Justa servia o cafezinho.

-Pois é muito bom, doutor. Amanhã cedo passo aqui pra olharmos tudo e, aproveitando a oportunidade, estamos com outras necessidades de obras por aqui.

-Pode deixar, que estarei vendo tudo isso amanhã.

-Então fique à vontade que o doutor deve estar cansado, mas se quiser pode dar um pulinho ali na farmácia do Seu Miranda, que sempre tem uma roda de prosa, uma boa pinga e um joguinho de cartas...

-Agradecido pelo convite, mas vou deixar para amanhã.

O intendente saiu. Euclides desembrolhou os papéis novamente e continuou a ler lentamente, anotando sempre, com uma caneta, alguma divergência. Seu Sodero se chegou novamente.

-Seu Sodero, a prosa com o senhor estava melhor. Onde é mesmo que paramos?

-Ah, sim, doutor, eu tava falando da negra louca que está presa lá na cadeia.

-O que é que tem ela?

-Ninguém sabe direito, mas parece que fez coisa ruim na vida, doutor. Dizem que ela é muito violenta. Por isso é bom o senhor ficar longe dela.

-Tá bom, assim já vou mais esperto.

Euclides juntou os papéis, pegou o lampião e se dirigiu ao seu quarto, pretendendo dormir brevemente. Apagou a chama e ficou pensativo. Como bom escritor curioso, não conseguiu dormir logo, pensando no que poderia ser a história da negra. Antes do raiar do dia, já estava acordado. Levantou rapidamente, passou uma água no rosto, vestiu a roupa e, sem ninguém perceber, saiu para a rua. O sino da igreja batia seis horas e a cidade ainda estava no escuro. Virou um quarteirão e avistou o prédio da cadeia. A porta estava entreaberta. Entrou, assustando o único soldado de plantão, ainda dormindo em seu catre, na primeira cela da entrada.

-Bom dia, companheiro.

-Bom dia, em que posso lhe servir, doutor?

-Sou o engenheiro Euclides da Cunha e vim para fazer uma visita nesta cadeia.

-Soldado Matias, às suas ordens, já estava esperando o senhor, mas achei que viria mais tarde, com nosso intendente. O senhor quer olhar o prédio agora?

-Quero sim, se não for atrapalhar seu descanso.

-Então aguarda que vou jogar uma água na cara e fazer um café quente pra gente tomar...

Euclides apreciou o homem pegar uma velha chaleira, encher com água de um pote que estava ao lado e levá-la ao pequeno fogão a lenha, que já estava aceso para aquecer o ambiente à noite.

Enquanto a água fervia, o soldado pegou as velhas chaves e abriu a porta do corredor para que Euclides apreciasse as outras quatro celas, todas com grades de ferro grosso, forjadas a mão. Uma estava completamente tampada com velhas folhas de zinco. De pronto, o soldado avisou que aquela cela não poderia ser aberta, porque a negra louca era muito perigosa. Euclides passou a vistoriar as outras celas do lugar. Com o barulho, Euclides ouviu uma voz rouca vindo da cela ocupada.

-O senhor chegou, então! Meu salvador chegou! Venha me tirar daqui!

Voltou até a frente da cela, pela janelinha, observou um rosto negro, cabelos brancos, pele enrugada e olhar de tristeza entremeado com uma ponta de esperança. Viu um par de olhos cansados de quem olha e, sem falar nada, transmite um pedido de clemência.

Euclides esqueceu por um instante seu lado engenheiro e incorporou o seu lado de escritor das coisas do povo. Alguma coisa lhe dizia que ali podia estar uma boa história.

Aqueles olhos negros eram da velha Ana Quintilhana,

com pouco mais de 90 anos de idade, presa ali há vários anos.

Ela ficou estática, olhando para Euclides, que também não conseguia sair do lugar. A chegada do soldado com uma caneca de café, quebrou o silêncio.

-Vai uma caneca de café, doutor?

Euclides pegou a caneca, mas respondeu com outra pergunta.

-Você pode abrir esta cela?

-Não posso, doutor.

-Mas eu preciso vistoriar o prédio todo, como você bem sabe.

-Então espera que eu vou fechar a porta do corredor. Sabe como é, né, doutor? Nunca se sabe. Se a negra resolve sair correndo, eu estou garantido.

Foi até sua salinha, pegou as grandes chaves, fechou a porta do corredor e se dirigiu até Euclides para abrir a cela de Ana Quintilhana. Coisa que ele não fazia há muitos anos.

-Mas o senhor tome cuidado com a negra, doutor.

-Pode deixar que eu me entendo com ela.

Ao abrir a porta, Ana avançou na caneca de café, que ainda estava nas mãos de Euclides. Correu para o fundo da cela e tomou tudo. Euclides entrou e sentou num toco de pau, num dos cantos. Ana continuou a olhar, sem falar nada.

-Doutor, o senhor já olhou a cela?

-Meu filho, pode fechar a grade por fora, que eu vou ficar aqui para uma conversa com essa senhora.

O soldado ficou indeciso por algum instante, mas terminou cedendo ao pedido de Euclides.

Ana acabou de tomar o café. Ficou esperando alguma reação daquele homem, que para ela tinha uma esperança. Mas Euclides nada falou, esperando uma reação dela, como

já lhe mostrara sua prática, em conversar com gente simples.

-Doutor, o senhor veio aqui pra me salvar. O senhor precisa saber que eu sou inocente. Não fiz nada do que eles falam. Acho que quem deveria estar preso é aquele padre.

-Que padre, minha senhora?

-O padre, o padre... Bem o senhor não o conheceu.

-Mas como a senhora veio parar aqui? Qual foi o crime da senhora?

-Crime? Não cometi crime nenhum, meu senhor. Meu grande erro foi gostar muito de alguém erradamente, é claro.

-Como assim, minha senhora?

-Senhora não, doutor. Pelo menos nome eu tenho agora. Sou Ana Quintilhana, dona de todas essas terras.

-Terras, mas que terras?

Ana levantou de supetão; Euclides pulou pra trás, mas ela foi até a pequena janela de ferro e apontou para as montanhas azuis da Serra da Bocaina.

-Lá, doutor, depois daquele primeiro morro, até a serra lá em cima. É tudo meu.

-São terras da senhora? Como assim?

Voltou calmamente, olhando para Euclides sem responder nada e sentou-se novamente. Ficou assim por alguns minutos, em silêncio. Euclides, do alto de sua experiência, também ficou quieto, só observando. Aos poucos D. Ana retomou seu semblante e voltou a conversar.

-É doutor, aconteceu muita coisa na minha vida.

Euclides retirou do bolso sua velha caneta e um caderninho, e ficou esperando.

-Doutor, tudo mudou na minha vida, depois que fui presa com minha família lá na África e cheguei ao Brasil, numa leva de negros trazida pelos traficantes.

a chegada



Era uma manhã qualquer do ano de 1817, no topo da Serra da Bocaina. Apesar de o dia ter nascido há algumas horas, a neblina ainda nem havia dissipado, deixando a selva branca. A névoa levantava das matas e o vento frio cortava as gargantas dos contrafortes que desciam a serra. Pela garganta do Ribeirão dos Veados, até então em silêncio, começava a surgir um barulho inquietante de metal batendo, misturado com murmúrios, alguns gritos e estalidos de chicote. De vez em quando um zurro de um muar cortava o silêncio. Mas os barulhos juntos não lembravam mais uma tropa passante normal daquela trilha, que vira a Serra do Mar e vai até o Porto de Mambucaba.

Aos poucos, por entre a neblina, a cena podia ser vista

com nitidez. Um grupo de negros, entre homens feitos, jovens, mulheres e crianças, caminhavam amarrados com correntes aos pés e alguns com grilhões no pescoço. A fila se perdia por entre a neblina, não se podendo determinar onde começava e onde terminava. De espaço em espaço, capatazes mais bem vestidos, montados em mulas, estalavam seus chicotes nas costas dos que andavam mais devagar.

-Vamo, cambada, ainda tem muito caminho pela frente.

-Pelo amor de Deus, home, deixa a gente parar um pouco pra um gole de água neste ribeirão... Replicou uma negra, que carregava seu filhinho às costas.

-Vamo lá, todo mundo bebendo água rapidamente, pois a jornada continua - gritou o capataz, estalando o chicote.

Todos se abaixavam com sofreguidão no riacho e com as mãos bebiam o mais que podiam. Um olho na água e outro no capataz, esperando a ordem para caminhar. A cena era a mesma de outras tantas acontecidas naquele começo de século na região do Vale Histórico.

-Vamo, cambada, tenho hora pra chegar com vocês à vila - gritava o capataz.

Todos saíram apressados e o chicote continuava estalando.

-Pra onde levam a gente, por este mato sem fim? - questionou um dos negros.

Outro entrou na conversa.

-Parece que tem uma vila grande lá embaixo da serra, pelo que ouvi a conversa entre os capatazes.

-Precisamos ver se saímos dessa, companheiro. Esse mato pode ajudar a gente a sumir...

-Acho melhor não arriscarmos por aqui, pois o caminho é um só e muito movimentado, como se pode ver.

Mesmo assim, numa das curvas da trilha o negro re-

solveu se safar, arrastando as correntes pelo mato. Não levou nem 10 minutos, todos puderam ouvir os gritos no meio da mata.

-Tome, seu negro safado. Tá pensando que você não tem dono? Tem, sim! Só não te rasgo todo por aqui, porque você vale bem umas trinta moedas lá na feira de Santana.

Enquanto o negro gritava de dor, de tanto apanhar, os outros descobriam seu destino.

-É, gente, vem compradores por aí. Precisamos ficar juntos, para que os novos senhores comprem as famílias juntas, observou um dos negros.

Quando o sol finalmente brilhou no vale, os negros sofridos ganharam uma parada para descanso e também o direito de comer alguma coisa.

-Alguns de vocês podem ir até aquelas árvores e catar aquelas castanhas para comer.

Os negros saíram e começaram a juntar, não sabendo bem o que seria. Eram pinhões que caíram das imensas araucárias. Distribuíram aos outros que, com os dentes, rasgaram as cascas e descobriram a delícia da castanha, comendo-as cruas mesmo. As crianças, devido à fome, acabaram aceitando a refeição, fazendo cara feia. Mas gostaram do alimento e juntaram mais, colocando nos sacos que carregavam. Nem bem descansaram e os capatazes já estavam atijando todo mundo a continuar a jornada.

-Vamos aí, cambada, tão pensando que estão passeando no Brasil? Nossos senhores precisam de vocês para a lavoura. Deem uma olhada lá pra baixo e vejam o lugar bonito que vocês vão morar...

Enquanto os negros observavam o vale lá abaixo, mais três tropas enfileiradas, com sacas de café, atravessaram indo no sentido do litoral. Os tropeiros passaram sem falar nada. Um deles enfiou a mão num embornal, tirou um pe

daço de rapadura e entregou para uma das mulheres, que carregava duas crianças.

-Obrigado, moço. Agradeceu a negra, dando um pedaço para cada criança, não comendo nada.

Sob o soar dos cincerros pendurados na mula madrinheira, a tropa e os tropeiros seguiam seu caminho com destino ao porto de Mambucaba. Era de lá que vinha toda aquela leva de negros, contrabandeados da África e descarregados na calada da noite.

No final do dia, os negros avistaram a pequena vila de Santana das Areias, mas ficou só na vista...

-Todo mundo parado. Vão para perto daquela árvore e arranquem capim e folhas, pois vamos amoitar por aqui. Tragam lenha também para a fogueira.

Acenderam um fogo e aproveitaram para assar os pinhões que trouxeram, deixando-os mais saborosos para as crianças.

Os capatazes juntaram todos os negros e foram prendendo as correntes nas árvores, e assim eles passaram a noite, se enrolando no que tinham, junto com folhas de mato e capim, cortados ali mesmo. Durante a noite os capatazes se revezaram para dormir e ficaram de olho, sob a luz da fogueira. Ao longe o urro de uma onça deixava todos preocupados, mas nada apareceu.

Antes do amanhecer, os negros foram acordados aos gritos pelos capatazes.

-Vamos, todos de pé, que o dia já vem por aí. Tomem um pouco de água, comam o pinhão e pé na estrada, que falta pouco para vocês chegarem onde morar...

De repente o chicote estalou nas costas de um negro ainda deitado sob uma árvore.

-Vamos, negro. Levanta, seu vagabundo...

Como ele não se mexia, o capataz apeou do cavalo e foi

levantá-lo. Para espanto de todos, estava morto, já com o corpo rijo.

-Deixa aí pros urubus, que esse já encontrou sua morada.

Os negros se revoltaram e pediram para carregar o corpo inerte. O capataz autorizou. Com algumas roupas velhas, improvisaram uma rede, cortaram um pedaço de pau e saíram carregando o corpo. Continuaram a marcha, por um caminho mais plano, pois chegavam à várzea do vale. Com o sol despontando por entre a neblina, o andar dos negros, o barulho das correntes e o tropel das mulas ecoavam pelas pedras lavradas da rua principal de Santana das Areias. Os poucos moradores se debruçaram nas janelas das casas coloniais para apreciar o que vinha chegando. Passaram ao lado da majestosa Igreja Matriz e, mais acima, os capatazes colocaram os negros num imenso rancho. Ali ficaram, até que um padre e alguns ajudantes apareceram com gamelas cheias de angu de fubá e mandioca cozida.

- Vamos, meus filhos, comam à vontade que Deus vai dar forças para continuarem vivos.

Os negros comeram com sofreguidão, usando apenas as mãos.

O padre solicitou a ajuda de alguns homens, e carregaram o corpo do negro, providenciando um enterro no cemitério local. Aos poucos os moradores da vila e interessados começaram a aparecer junto ao galpão para conhecerem as novas mercadorias que chegavam. Alguns coronéis do café, que dormiram na pensão da cidade, foram os primeiros a vistoriar, olhando as pernas, braços e dentes dos negros.

Aos poucos os preços foram sendo combinados e os negros levados. Alguns deixavam mulheres e crianças aos gritos, pois os compradores não quiseram o resto da família.

Dentre os abastados fazendeiros do café, um se desta-

cava. Era o Coronel Ventura Quintilhana, com imensas propriedades de terras, próximas a Vila dos Silveiras. Homem de muitas posses, porém temido na região pela sua rudeza e grosseria com seus escravos. Estava com sua esposa, D. Ana Quintilhana, mulher frágil, delicada, submissa aos desejos do Cel. Ventura e já acometida por doença desconhecida. Levava pela mão sua filha de apenas 10 anos, Maria Quintilhana, muito bem vestida com as sedas compradas de mercadores da Europa.

-Quero ver os melhores negros que você tem, principalmente os mais jovens, e também uma boa rapariga pra ajudar na fazenda...

-Pode ver esses aqui, são todos da Nigéria, gente forte e saudável e também por um preço bom...

Coronel Ventura Quintilhana olhou, pesquisou e comprou dez bons negros para suas lavouras e cinco negras, jovens solteiras e outras já paridas. O bom negociador de escravos acabou lhe dando de cortesia uma negra forte, de seus 30 anos, boa para os serviços da casa. Junto foi a filha, uma pequena negrinha, com seus dez anos de idade.

Maria Quintilhana, com os olhos firmes, encontrou, no meio de todos, os olhos atraentes, como duas jabuticabas cintilantes em dia de chuva, da pequena negrinha, que também não tirou os olhos da nova conhecida. As finas roupas da sinhazinha chamavam a atenção da negrinha, e o estado da negrinha, enrolada em alguns panos grosseiros, também chamava a atenção da sinhazinha. As duas ficaram assim por algum tempo, como se ali estivessem se encontrando duas índoles completamente diferentes.

-Vamos embora dessa fedentina, minha filha. Isso não é lugar pra você. Reclamou a mãe, puxando-a pelo braço à força e retirando-a do local.

Enquanto isso, Coronel Ventura pagou tudo com al-

gumas moedas, mandando seu capataz Onofre puxar sua compra para um lado.

-Onofre, vá até a venda do Seu Zico e compre uns pedaços de carne-seca, farinha e rapadura e dê pra esses coitados. Ah! Vê se tem uma aguardente e traga um litro pra esquentar o peito desses miseráveis.

Em pouco tempo, Onofre estava de volta com a compra e distribuiu aos negros, dando um gole de aguardente para cada um dos homens.

-Isso vai ajudar na caminhada de vocês até a fazenda.

Coronel Ventura voltou e mandou que todos partissem imediatamente, com os negros comendo aquela parca comida enquanto andavam. Onofre comandou o cortejo, ajudado por mais três homens de sua confiança. Na saída da vila, deixou todo mundo tomar água numa providencial bica à beira da estrada. Depois mandou seguir viagem pela trilha que ia em direção ao Pouso dos Silveiras. A pequena negrinha seguia andando atrás, arrastada pela mãe, olhando a vila que sumia nas curvas da trilha. Buscando não sabia direito o quê.

O coronel ficou um pouco na cidade para acertar os negócios, comer alguma coisa e se despedir dos amigos. Partiu, então, montado em sua mula, a mulher e a filha em outra. Juntos iam dois negros de sua confiança, que seguiam na mesma direção do grupo já em viagem. No caminho, alcançaram o capataz Onofre, levando os negros.

-E aí, Onofre? Tudo bem aí com a minha compra?

-Tudo bem, patrão. Sabe que o senhor acertou outra vez. A turma de negros é muita boa, gente forte e que vai render bem na plantação de café.

Sua filhinha, Maria Quintilhana, pendurada no arreio com a mãe, observava os negros, encostados na beira da estrada para que o Coronel e sua família passassem. A

pequena Maria observava atentamente a todos e procurava o olhar da negrinha.

-Papai, deixa a menininha ir no cavalo do Zé, ela tá cansada de andar.

-Filha não se preocupa com essa gente, você é uma sinhazinha e ela uma negrinha escrava...

A mãe, também não aprovando a ideia, puxou a filha para outro lado. A viagem continuou, com Maria triste, olhando para trás, onde o grupo de negros sumia por entre a mata fechada da trilha. No final da tarde as montarias do Coronel Ventura atravessaram as ruas enlameadas de Silveiras, onde muita gente olhava curiosa. Alguns o cumprimentavam timidamente, por respeito. Pararam um pouco no armazém do Seu Norato.

-Norato, meu grande amigo. Vem vindo aí mais uma compra minha pra melhorar a produção. Dá uma rapadura e um pouco de farinha pra cada um que depois eu acerto com você.

-Não precisa, coronel. O senhor ainda tem um a haver, do café que me mandou.

Seguiram pela trilha até a sede de sua fazenda, ao pé da Serra da Bocaina. Em meia hora avistaram o belo e assobradado prédio, construção colonial toda pintada de branco e com as portas e janelas num azul céu. Na frente, 12 janelas e uma bela varanda, com escadarias na entrada. Nas laterais, mais oito janelas e em um dos lados, uma entrada para a espaçosa cozinha.

Dois enormes terreiros estavam cheios de café para secar, alguns escravos estavam virando o café com uma pá de madeira. A roda d'água movia as máquinas e o moinho rodava sem parar, transformando o milho em fubá. Como o dia já se ia, alguns negros em fila estavam descendo de volta do cafezal com jacás pendurados nas costas, cheios de

café. Chegavam exaustos, e despejavam o café num lado do terreiro. Seguido por sua família, o Coronel Ventura desceu do cavalo e subiu para a fazenda.

-Zefina, arruma um café com bolo. Ditinha, prepara uma água quente para um banho pra todos. Vá avisar o Zé Romão que quero acertar o lugar para colocar minha nova compra que está chegando.

Todos saíram correndo, cada um pra um lado. O Coronel Ventura sentou na sala e preparou um bom cigarrinho de palha. Aos poucos todos estavam de volta à cozinha, onde o café estava pronto e duas bandejas de bolo de fubá ainda fumegavam, soltando um cheirinho de milho no ar.

-Zefina, prepara um bom angu, mandioca, abóbora pra umas quinze pessoas comerem. Está chegando aí mais gente pra crescer esta fazenda.

Ao anoitecer, o barulho dos grilhões e o tropel das mulas ecoavam no morro em frente à fazenda. Os negros chegavam exaustos e cansados, sendo levados diretos para a senzala, onde procuravam a bica d'água para saciar a sede e também para um banho rápido, para apagar a poeira da viagem.

Da janela, por entre o clarão das tochas, Maria ficou espreitando a chegada dos negros, procurando ver a negrinha entre eles, mas não conseguiu ver nada na penumbra da noite, pois sua mãe a puxou para dormir. Ao mesmo tempo a negrinha também procurou pela menina, mas tudo estava muito escuro. Foi para a senzala com a família, onde já estava, em grandes gamelas, o cozido de mandioca e quirera de milho, preparado pelo novo patrão e os outros negros da fazenda, recepcionando os novos companheiros.

-Boa noite minha gente, sejam bem vindos. Vocês vão ficar naquele canto, que já está limpo e com um lugar macio para o descanso. É bom vocês comerem e dormirem logo, pois

aqui a labuta começa antes do raiar do sol.

-Tá bom, gente, nós também ficamos contentes em ter chegado num lugar que vai ser bom viver.

Depois de tanto sofrimento na viagem, um pouco de tranquilidade. Todos se acomodaram e desmaiaram a noite toda. Dia seguinte, bem de madrugada, o Coronel Ventura reuniu seus escravos antigos e os novos chegados e colocou todos no trabalho, na lida nas plantações de café. Quando se dirigiam ao trabalho, o Coronel Ventura foi até a cozinha levando a nova escrava para apresentar à sua velha cozinheira. A negra, com a roupa surrada, entrou pela porta, levando pelas mãos a pequena filha, ainda assustada com tudo que acontecia.

-Zefina, tem uma nova ajudante pra você. Ensina pra ela o serviço da limpeza toda, pois nas panelas você que vai comandar. Não podemos ficar sem sua boa mão de tempero.

-Mas, meu sinhô, eu também posso ajudar na cozinha, pois sei lidar com o fogão muito bem.

-Ah, é? Então, Zefina, experimenta, pois assim vou ter duas boas cozinheiras. Coloca ela pra mexer os tachos de doces.

Enquanto os três conversavam, Maria estava à espreita, por trás da cortina, procurando pelo olhar da negrinha, que se sentava num canto, com uma caneca de café com farinha, que Zefina tinha servido. Quando seu pai sumiu pela porta da cozinha, em direção ao seu cavalo e ao serviço, Maria entrou e foi abraçada pela velha cozinheira, que lhe entregou um belo pedaço de goiabada.

-Menina, como vai o dia de hoje? Temos uma novidade pra você. Seu pai trouxe uma companheira de sua idade para suas brincadeiras. Vamos, apresente-se a ela.

-Tá bom, tia Zefina. Como vai você?

A negrinha, com um vestido de pano de saco esfarrapado, cabelos ainda despenteados e pés descalços, ficou es

tática, sem responder nada, mas olhando firme para aquela menina, toda vestida de renda, com sapatinhos e fitas coloridas nos cabelos. Timidamente a negrinha segurou na mão da recém conhecida. Maria entregou um pedaço de doce para a nova amiga e puxou-a para fora da cozinha, saindo pelo imenso terreiro da fazenda, enquanto a negrinha sentou-se na soleira da porta.

-Vamos, menina, vê se me alcança até na beira do riacho.

A negrinha continuou sentada na porta e terminou de comer o doce. Aos poucos foi perdendo a timidez e saiu correndo atrás de Maria. As duas ficaram brincando a manhã toda. Maria puxou conversa, com a negrinha respondendo em um português arrastado.

-De onde você veio tem fazenda como esta?

-Não tem não, mas tem uma palhoça e muita gente.

-Mas todo mundo é da sua cor?

-Não. Tem alguns brancos, mas sempre mandam na gente. Meu pai ficou muito doente de tanto apanhar quando eles trouxeram a gente pra cá.

-E cadê o seu pai?

-Morreu, na viagem...

-E não enterraram?

-Não. Jogaram nas águas do mar. Assim falou a minha mãe, pois eu não vi nada.

-E qual é seu nome?

-Me chamavam de Mi, não sei mais nada.

-Mi? Mas que nome esquisito!

Aos poucos as duas estavam de mãos dadas, correndo em volta da fazenda ou ajudando a tratar das galinhas, que esvoaçavam pelo quintal. Da janela do quarto da fazenda, D. Ana Quintilhana, viu as duas brincando e ficou preocupada.

-Maria, venha para casa, não fique andando por aí que é

perigoso... Venha se arrumar, que o seu professor já vai chegar para as aulas.

-Vou pra casa, pois estou aprendendo a ler. Depois eu vou ensinar você tudo o que aprender.

Ao entrar em casa, ficou assustada com a mãe.

-O que você estava fazendo com aquela negrinha? Não quero mais que você fique com ela, pois seu pai pode não gostar.

-Mas, mamãe, ela está precisando de uma amiguinha. E eu quero brincar com ela.

A negrinha saiu correndo para junto de sua mãe, que estava à beira do ribeirão lavando algumas roupas.

-Onde você estava minha filha?

-Tava brincando com a Maria. Sabe mãe, ela achou estranho o meu nome.

-Todos acham nossos nomes estranhos, pois somos negros e temos que respeitar as tradições de nossas tribos, viu?

Com o passar dos dias, as duas voltaram a se encontrar pelos corredores e jardins da velha fazenda, dando um novo colorido e alegria para quem vivia por ali. D. Ana Quintilhana acabou aceitando as brincadeiras das duas e deixou a negrinha continuar sendo companhia da filha.

Numa manhã, a fazenda amanheceu triste. A pequena negrinha acordou e viu todo aquele movimento de gente chegando. Foi até a cozinha e encontrou todos tristes

-Mãe, o que está acontecendo?

-Filha, a D. Ana Quintilhana morreu e vai ter enterro hoje. Quero que você fique aqui comigo, pra não atrapalhar os convidados.

Mas a negrinha saiu pelos corredores da fazenda. Numa das salas encontrou Maria, sentada, com roupas escuras e muito triste.

-Maria, não fique triste não. Eu estou aqui pra te ajudar. Agora eu não tenho pai e você não tem mãe. Por isso temos

que nos ajudar.

Enquanto isso, chegava mais gente vinda de todos os lados para prestar a última homenagem a D. Ana. Na tristeza do velório e no enterro, a pequena Maria se agarrou à negrinha, como sua única companheira, pois até mesmo de seu pai tinha medo. À tarde, o caixão de D. Ana foi colocado num coche e levado para o cemitério da cidade, onde aconteceu o enterro.

Na volta, Maria encontrou sua amiga, que não foi ao enterro, sentada junto a porteira da fazenda à sua espera. Puxou conversa.

-Mamãe se foi e eu queria que ela continuasse comigo.

-Mas ela não pode, Maria... pois morreu.

-É. Mas seu nome pode continuar. Quero que de hoje em diante seu nome seja Ana, pra eu lembrar sempre dela.

-Mas, e meu nome?

-Você pode se chamar de hoje em diante Ana Mi Quintilhana, tá bom? Vamos até o ribeirão que eu quero te batizar. Já vi o padre fazer isso lá na igreja. É com água que se dá o nome, sabia?

-Tá bom. Vamos, então.

As duas foram até o pequeno ribeirão, Maria pegou um pouco d'água com a mão e colocou na cabeça da amiga. A água escorreu pelos cabelos da nova Ana, enquanto o sol estourava sua luz, deixando a água cor de prata.

Por algum tempo, a pequena Maria Quintilhana continuou a brincar com a pequena Aninha pelos riachos, jardins, e corredores da imensa fazenda. A alegria sempre era clara entre as duas. Enquanto isso, Ventura Quintilhana passou a brincar maldosamente nos corredores e alcova com sua nova cozinheira, que aceitava tudo calada, face às ameaças do velho coronel.



atração e decisões



Um belo dia, a pequena Maria Quintilhana, já com seus doze anos, saiu a brincar pelos corredores da fazenda, como de hábito. Ao chegar próximo da cozinha, ouviu sons e vozes estranhas aos seus ouvidos. Gemidos e gritos saíam da dispensa, enchendo todo o salão da cozinha.

-Vamos, negra, aguenta mais essa.

-Não, coronel, não fale alto, pois podem ouvir. Reclamava uma voz de mulher.

Bem devagar, pé ante pé, Maria chegou até a porta da cozinha e por uma fresta na parede de pau-a-pique, ficou abismada com o que viu. Seu pai, com as calças pelas pernas, estava sobre o corpo da negra cozinheira, mãe de Aninha. O primeiro pensamento foi de que o velho estava sur

rando a mãe de Aninha. Mas aos poucos compreendeu que outra coisa estava acontecendo. Ficou ali por vários minutos, entorpecida, até que Aninha apareceu. Maria olhou para a amiga, com ar de espanto, e saiu correndo para seu quarto, com Aninha atrás.

-Espera, Maria, não corra. Gritou Aninha.

-Não, não quero falar com você. Vá embora.

Mesmo assim, Aninha perseguiu Maria até seu quarto, tendo que empurrar a porta com força para que a menina não a trancasse. Maria deitou-se na cama de bruços, chorando. Aninha tentou consolá-la.

-Não fique assim querida, mamãe já está acostumada com isso tudo. Lá era com os chefes negros aqui é com os chefes brancos.

-É, mas papai não devia bater assim em sua mãe. Vou falar com ele.

-Não faça isso, pois ele vai ficar muito bravo. Tem que fazer como a gente. Esquecer e fazer de conta que nada aconteceu. Será melhor pra você.

Aninha apagou o candeeiro e foi até a cama da amiga. Cobriu Maria com o cobertor e ia saindo...

-Aninha, não vá embora. Fique aqui comigo, eu estou com medo

-Não se preocupa, não. Eu fico com você. Deixa trancar a porta.

Voltou e se enrolou com a amiga, abraçando-a fortemente. Acabaram dormindo abraçadas, a noite toda, unidas como que em um corpo só. Começou aí, então, uma união diferente entre as duas meninas, muito além da pura amizade de crianças inocentes. A puberdade fez aflorar a libido das duas, que passaram a trocar carinhos, sempre que podiam.

Um dia Maria acordou cedo, tomou café e saiu pela

fazenda em busca da amiga. Encontrou-a no chafariz, com sua roupa de saco, toda molhada, ajudando a mãe a lavar roupas. -Aninha, vamos tomar banho no rio, está muito calor hoje e papai foi pra cidade.

-Vamos, Maria, mas temos que tomar cuidado.

Chegaram correndo na pequena cachoeira escondida por entre a mata. Tiraram toda a roupa, e nuas caíram na água gelada, refrescando-se entre brincadeiras inocentes. Os encontros continuaram, na alcova das meninas, nos banhos de tina ou correndo entre os cafezais.

Numa noite, antes de dormir, Maria pediu a Ana que levasse água para lavar seus pés. A negrinha entrou no quarto e colocou a bacia ao pé da cama.

-Está aí querida, pode se lavar.

-Aninha, você poderia lavar meus pés, pois estou muito cansada hoje.

-Tá bom, tire a roupa de cima e os sapatos.

Aos poucos Aninha foi livrando sua amiga das vestimentas pesadas. Puxou a bacia de água quente e colocou os pés de Maria. Aninha foi ensaboando com as mãos, os pés da amiga, subindo delicadamente. Por trás da cena, a luz do candeeiro criou uma situação excitante para aquele contato.

-Aninha, lave minhas pernas também, está tão bom.

Aninha levantou os olhos e encontrou os olhos de Maria, com um brilho diferente. Um brilho que a deixou também extasiada. Devagar, suas mãos foram subindo e jogando água pelas pernas e coxas de Maria, que imediatamente jogou seu corpo para trás, deitando-se na cama. Aninha esqueceu a água e continuou o carinho, com as mãos negras em contato com a pele branca da amiga. Estavam tomadas pelo momento da descoberta de um novo tipo de prazer. Sem

pronunciarem nenhuma palavra, aos poucos as duas já estavam nuas na cama, enroladas no lençol. Mãos se entrelaçavam em carícias, pelo corpo, pelas pernas, até se cansarem. Ficaram abraçadas por longo tempo, procurando a razão de tudo, apenas se olhando na penumbra da luz do candeeiro que se apagava aos poucos.

Dormiram abraçadas, cansadas, acordando com o primeiro cantar dos pássaros. O sol brilhou, com a luz entrando pela janela, como que abençoando aquele momento mágico. As duas foram levantando aos poucos e colocando as roupas sob a luz tênue que entrava. Criaram um quadro íntimo, onde somente elas tinham o privilégio da cena. Durante o dia, Ana e Maria se tornaram uma só Quintilhana. Saíram a correr pelos campos, colhendo flores e fazendo coroas uma na outra. Pararam junto à cachoeira, tiraram a roupa e tomaram um gostoso banho. Depois descansaram à beira do ribeirão.

-Sabe, Aninha, não quero ficar mais longe de você. Quero você perto de mim por toda a vida, pois é a pessoa que mais gosta de mim...

-Eu também quero isso, pois não tenho ninguém também.

-Vamos fazer um juramento, aqui, embaixo desta árvore. Ela vai ser testemunha.

As duas se ajoelharam uma em frente à outra. Colocaram a mão sobre o peito e disseram juntas:

- Juro ser a eterna amiga de Aninha...

- Juro ser também a eterna amiga de Maria...

Com o juramento feito, voltaram para a fazenda, onde o Coronel Ventura estava na porta com uma cara não muito agradável.

-Onde você estava que não veio almoçar até agora? Daqui a pouco seu professor chega e você ainda não está arrumada.

-Outro professor, pai?

-É. Contratei na cidade, pra fazer você a aprender as letras. Para ler e escrever as coisas aqui da fazenda.

-Que bom, papai. Posso levar a Aninha pra aprender também?

-Pode, mas vocês vão ter as aulas na capelinha. Podem almoçar e ir pra lá arrumar o local.

As duas entraram correndo pra casa, se vestiram e foram direto pra cozinha. Lá na mesa já estava pronta uma boa panela de frango com milho verde, arroz e uma limonada. Comeram e foram até a capelinha, onde limparam tudo e colocaram uma toalha na mesa do altar. O professor chegou logo depois e começou as primeiras palavras. As letras deixaram as duas extasiadas e na expectativa de que pudessem ler logo os livros que a mãe de Maria deixou na fazenda.

Um dia a Fazenda dos Ventura recebeu a visita do vigário da pequena vila, que vinha para arrecadar seus donativos. Chegou de repente, a pé, pela estradinha dos fundos. Observando pela janela da cozinha, deparou com o velho Quintilhana acariciando sua cozinheira. Apenas olhou e retornou para chegar pela frente da grande fazenda. O toque do sino pendurado à porta acabou com a brincadeira do Coronel, que arrumou as calças e veio correndo, ver quem era.

-Seu Vigário, seja bem vindo à minha casa. Como foi a viagem da cidade até aqui?

-Foi boa, mas cansativa, pois vim a pé mesmo.

-Mas por que não veio na mula? Se tivesse me avisado mandaria buscá-lo na igreja.

-Não era preciso, não. Andando eu já venho visitando os irmãos pela estrada. Sabe como é, tomando um café aqui, outro acolá, um bolo de fubá pra acompanhar, jogando conversa fora.

-Então o senhor fica aqui hoje, vamos fazer um bom jantar e

amanhã mando levá-lo de coche, certo?

-Ah, isso eu agradeço, principalmente porque eu estou com saudade dos pratos de sua cozinheira, que sempre preparou bons quitutes.

Nas conversas, como sempre, Seu Ventura aproveitou para se confessar com o padre, mas não falou nada sobre as aventuras com a cozinheira. O padre forçou-o a contar. Como tinha poderes para perdoar, solicitou ao fazendeiro 10 sacas de café por mês, em vez das cinco que o coronel doava para a paróquia, para ficar em paz com o clero e poder continuar suas aventuras. Com isso o velho padre virou o conselheiro do fazendeiro.

À noite, a conversa do velho padre com o Coronel Ventura foi sobre a política local.

-Seu Ventura, tem muita gente de fora na cidade e me parece que estão se juntando, para se unirem aos paulistas revoltosos.

-É, seu vigário, mas não devemos nos envolver muito não, pois sabemos do poder de nossa gente.

A conversa rolou mais algumas horas, tratando da produção da fazenda, sempre em crescimento. No meio da conversa, as duas meninas passaram pela sala, chamando a atenção do velho padre, que não comentou nada. Foram dormir logo e, no clarear do dia, o coche estava pronto, levando o padre à vila de Silveiras.

Manhã chuvosa. Aninha acordou, foi até a cozinha e não encontrou a mãe, como todas as manhãs. Saiu a sua procura pela chuva mesmo, foi até o rancho dos negros, onde faziam rapadura, mas ninguém sabia de nada. De repente um negro surgiu da estradinha, aos gritos.

-Gente do céu, corram que tem uma escrava caída na beira do ribeirão!

Todos saíram às pressas e foram até o local. Lá en

contram a mãe de Aninha caída nas pedras, com a cabeça machucada e sangrando. Dois negros fortes desceram pelo barranco até o local. Ao levantarem a mulher, descobriram que já estava morta.

-Não pode ser. O que fizeram com minha mãe? Não deixem ela morrer.

Alguém tirou a menina do local e, com muito esforço, conseguiram resgatar o corpo da mulher, levando-o para a fazenda. Lá começaram os ritos negros do funeral e a preparação do corpo para o enterro.

-Estão falando que a coitada saiu cedo atrás de um frango desgarrado, que ia fazer para o almoço, e acabou caindo nas pedras.

-Pois é. Coitada da Aninha. Vai ficar sem ninguém.

-Pode deixar que a patroinha vai cuidar dela.

A velha negra que preparava o corpo saiu da casinha e chamou dois dos mais velhos.

-Sabe que a coitada da mulher morreu com um filho na barriga? Só pode ser coisa do patrão!

-Vamos então chamar a autoridade na cidade e contar tudo.

-Acho melhor não, porque daí vai ficar pior pra todo mundo. Vamos seguir nossa sina. Obedecer e nos calar, pois, aqui no Brasil, não somos nada.

Todos concordaram. Sem ninguém notar, Aninha, que ouvia a conversa, se desesperou e saiu correndo para a fazenda em busca de sua amiga. Encontrou-a deitada, também triste. Aninha não teve coragem de contar o que ouvira. Acabaram dormindo juntas novamente.

Em agosto de 1822, numa noite ainda com resto de inverno, D. Pedro I iria passar pela fazenda e o velho Ventura mandou arrumar a filha com o melhor vestido para apresentá-la ao príncipe. Só que D. Pedro chegou adiantado da caravana e foi direto para a cozinha, se engraçando com

a jovem Ana, que estava ajudando nos serviços. Maria Quintilhana chegou e, num ímpeto de ciúmes, não entendeu porque ela estava aceitando tudo daquele cavaleiro, saiu correndo para o quarto. Ana foi atrás, querendo saber o que aconteceu.

-O que foi, Maria? Por que você está brava?

-O que você estava fazendo com aquele cavaleiro feio e horrendo? Você estava gostando?

-Não; mas não podia sair, pois ele me prendeu na parede... Mas fique calma, tudo já passou.

O pai bateu à porta e pediu para que a filha se arrumasse para receber o imperador num jantar preparado para a ocasião. Logo ela saiu, deixando Aninha no quarto. Ao chegar à sala, levou um susto. D. Pedro era o mesmo homem que estava na cozinha com Aninha. Ficou tensa, mas não saiu da sala durante o jantar para não contrariar o pai. D. Pedro conversou com Coronel Ventura e prometeu na volta levá-la para a corte, como dama de honra. O pai se mostrou feliz, mas Maria Quintilhana ficou triste. Saiu dali e foi para o quarto, onde Aninha a esperava ansiosa.

-E aí. Como foi, querida? O imperador é um homem bonito mesmo?

-Não. Ele é muito feio e também sem educação.

Falou isso, mas decidiu não contar a descoberta à sua amiga. Preferiu abraçá-la com força.

-Nunca vou sair de perto de você, pode ficar tranquila.

-Eu também...

Assim as duas dormiram abraçadas. Mais uma noite, quando por baixo das cobertas tudo era permitido.

A vida continuou na fazenda e Ana Quintilhana começou a tomar forma de uma mulher ferosa e atraente. Dentro da cozinha, ajudando a antiga cozinheira, ela revelou seus dotes morenos e atraentes aos olhos do Coronel Ventura, úni

co homem permitido a entrar naquele local, exclusivo das mulheres. Ventura procurou se engraçar por ela, que sempre fugia, não dando chance para uma aproximação. A cada investida do Coronel, Ana mergulhava nos pensamentos sobre o que viu, com o triste fim de sua mãe. Sua filha, também já encorpada, fazia com que o Coronel Ventura procurasse arrumar um pretendente.

-Maria, precisamos que você se interesse por um dos filhos do Intendente Manoel da Silveira, para que tenhamos em breve muitas crianças correndo por estes corredores.

-Mas, papai, eu ainda não quero arrumar ninguém, acho que sou muito nova pra isso.

-Não é não. E tem mais, seu pai está ficando velho e alguém tem que tomar conta desta fazenda.

-Pode deixar que já estou aprendendo e vou tomar conta de tudo.

-Isso não é serviço para mulher. A lida da fazenda necessita de um homem e que seja bem capaz, como os filhos do Intendente, que já comandam a propriedade com muita categoria.

-Mas, papai, deixa eu aprender mais sobre a propriedade que eu tomo conta. O senhor já viu como a Aninha também faz o serviço direito, ela pode aprender comigo. Até já sabe ler, e melhor do que eu.

-Pois é. É isso que não tá me agradando. Seu dia a dia é só andar com esta menina pra todo lado...

Maria deu um suspiro, desconfiada de que o pai já soubesse de alguma coisa. Não falou nada e saiu da sala, resmungando que tinha algo a fazer. Foi à procura de Ana, não a encontrando pela casa. Da janela, por entre lençóis, enxergou a sombra de um pequeno corpo. Era Ana estendendo as roupas no varal do fundo da fazenda. Maria parou e ficou observando-a por entre os lençóis molhados, sua roupa molhada e o sol se pondo ao fundo, destacando as formas de seu corpo.

Maria não sabia direito o que estava sentindo, ficando sem ação e pronunciando apenas uma frase.

-Aninha, te espero no quarto.

Ana, com seus olhos negros brilhando, olhou por entre os lençóis e ficou também entusiasmada. Pouco tempo depois, Aninha entrou no quarto, onde Maria já estava na cama.

-Vou tomar um banho, pra refrescar. Vem comigo.

Puxou a amiga pelos braços, tirando suas roupas. Com as duas somente de calça de baixo, uma feita de panos finos e outra de saco de algodão mesmo. Aos poucos, o corpo negro se entrelaçou ao branco, formando um só. Pela fresta da janela entrou o último raio de sol do dia.

-Vamos para a tina! Puxou Aninha, entrando com rapidez, fazendo a água se esparramar.

Maria foi atrás, levando bucha e sabão. Logo as duas estavam dentro da tina. As mãos negras de Aninha deslizavam pelo pescoço de Maria, chegando com leveza em seus seios pequenos e brancos. Maria correspondeu com suas mãos deslizando pela barriga, descendo até as pernas e voltando para adentrar aos poucos pelas calcinhas de Aninha, que correspondeu, abrindo as pernas. As calcinhas das duas se soltaram, como num passe de mágica. Um abraço forte unia as duas, que se descobriam aos poucos ao êxtase dos beijos. As mãos trocavam carinhos e o amor enchia o pequeno quarto com a essência da paixão. Aos poucos o prazer tomou conta dos dois corpos, que desfaleceram na água. Depois daquele momento, as duas se enrolaram no lençol da cama, descansando os corpos cansados. O prazer carnal deixou as duas extasiadas e recompensadas novamente.

-Aninha, estou preocupada com papai, parece que ele está desconfiando de nossa amizade.

-Não está, não. Ele está é preocupado porque não deixo ele tocar em mim.

-Como tocar em você?

-É, Maria. Ele tem tentado me agarrar na cozinha, mas eu não devia ter falado isso pra você, porque eu não vou deixar mesmo.

-Tá bem. Eu acredito em você... Mas acho que seria melhor você arrumar um namoro com o Dito Pretinho, que você bem sabe também está interessado. E você arrumando um casamento, ninguém mais vai desconfiar. Assim nós continuamos sempre juntas e o meu pai não vai mais atacar você.

-Mas será que o Ditinho vai deixar a gente se encontrar?

-Vai sim. Eu convenço meu pai a colocá-lo numa das tropas. E, quando ele viajar, nós teremos todo o tempo que quisermos.

-Então, tá bom. Se é pra gente continuar... Você se lembra de nosso juramento?

-Lembro, sim. Até escrevi aqui numa folha de papel. Veja. Vamos assinar, comprovando o “nosso casamento”.

Assinaram o pedaço de papel e Maria enfiou num buraco da parede, onde ninguém pudesse encontrá-lo. Juntaram-se novamente e dormiram.

No dia seguinte, Aninha procurou se achar de Ditinho, que ainda era um pouco vergonhoso.

-Ditinho, já que você gosta de mim mesmo, eu queria casar com você.

-Casarmos? Você acha que o Coronel Ventura vai deixar?

-Ele não manda nada em mim, e eu caso com quem eu quero...

-Então, vamos falar com minha mãe pra arrumarmos uma bonita festa.

-É, Ditinho, mas tem uma coisa que eu quero te falar.

-Fala, Aninha.

-O nosso casamento vai ficar arranjado entre nós, eu não vou dormir com você todos os dias e também não vou querer filhos, não.

-Mas por que, se você gosta de mim e eu também de você?

Então Aninha explicou toda a situação para Ditinho que, aceitando, iria ganhar um cargo de ajudante da tropa.

-E tem mais, Ditinho. Você pode continuar se encontrando com a Mariquinha, como eu já sei que isso acontece.

-É mentira. Não acontece, não.

-É verdade, porque ela mesma já me contou.

-Tá bom, então é verdade, mas isso vai ficar estranho.

-Não vai, não. É só você obedecer a patroinha que vai sair ganhando com tudo.

Assim, com as devidas explicações, logo aconteceu o casamento, transformando-se numa grande festa na fazenda. Ditinho foi para o comando de uma tropa como presente do Coronel Ventura e, assim, a vida continuou tranquila por mais alguns anos na fazenda. Ditinho saía com as tropas, o Coronel Ventura deixava Ana sossegada, que continuou se encontrando com Maria nas alcovas e ribeirões da fazenda.





a opressão



Um dia, o padre, indo para a fazenda, flagrou Ana e Maria tomando banho na cachoeira e trocando carícias amorosas. Foi determinado até a fazenda para contar ao Coronel Ventura. Chegou ao terreirão, onde os escravos lidavam com o café colhido naquela semana.

-Coronel Ventura está?

-Não tá, não, Seu vigário. Foi até o grotão, acompanhar a colheita do café.

-Tá bom, então diga a ele que estive por aqui e volto amanhã pra almoçar.

Voltando para a cidade, passou no mesmo local do ribeirão e encontrou somente Ana lavando roupas. Estava toda molhada, com seu vestido de chita florido colado ao

corpo, deixando aparentes seus pequenos seios. Desmontou do cavalo e foi tomar um pouco d'água.

-Boa tarde, menina Ana. Lavando as roupas da patroa?

-É, seu padre.

-Menina, queria conversar com você um pouco. Você tem confessado seus pecados ultimamente?

-Não, seu vigário. Eu não tenho pecado, não, porque, aqui nesse fim de mundo, não tem nem com que a gente pecar.

-É, mas você tem um pecado muito grande, que você precisa me confessar.

Falou isso e foi colocando as mãos nas pernas de Aninha, que estava com o vestido todo molhado.

-Hoje mesmo eu presenciei seu pecado com a patroa, ali na cachoeira...

Ficou nervosa, tremendo, e sem reação às ações do padre, que continuava levando suas mãos por entre as pernas de Aninha.

-Tira as mãos de mim, o senhor está pecando também...

Ela deu um grito, empurrou o velho padre, que caiu na beira do ribeirão, e saiu correndo em direção à fazenda.

O padre se levantou, limpou a batina, subiu no coche e continuou seu caminho apressado. No meio da correria, Ana descobriu que não podia ficar nervosa e tinha que voltar pra levar a roupa. Fez isso com muita calma, porém com os nervos à flor da pele. Quando entrou na fazenda, encontrou o velho coronel já sentado em sua cadeira de balanço e fumando um cigarrinho de palha. Parou, extasiada, esperando pelo pior.

-Boa tarde, menina. Trabalhando nas roupas?

-Sim, seu Coronel. Deixa eu estender a roupa que a noite já se vem.

Mesmo assim, saiu apressada, esperando alguma notícia, mas nada demonstrou que o Coronel soubesse de al

guma coisa. Foi direto aos fundos da fazenda e estendeu as roupas. Nervosa, acabou derrubando algumas peças.

Saiu direto para a senzala. No dia seguinte levantou bem cedo e já encontrou Maria, de pé, esperando por ela.

-Onde você estava ontem a noite? Você sumiu e me deixou sozinha. Não gostou de nosso encontro na cachoeira?

-Gostei, sim, querida, mas é que aconteceu uma coisa muito ruim.

-Que coisa ruim?

-Não sei se devo falar...

-Pode falar, não tenha medo.

-É, Maria, sabe que o vigário nos viu tomando banho juntas lá na cachoeira?

-E ele falou alguma coisa?

-Falou, e até tentou me agarrar lá no ribeirão.

-E você deixou?

-Claro que não, mas ele ficou muito bravo e acho que vai contar tudo ao seu pai.

-Não vai, não.

-Vai, porque ele é amigo de seu pai, e aí vai ficar muito ruim. Acho melhor nós pararmos com isso.

-Não, Ana. Você prometeu pra mim que ficaríamos juntas pelo resto da vida, lembra?

Receosa, Aninha começou a evitar Maria, com medo do Coronel Ventura. Mas nada acontecia de novo. Dias depois o velho padre apareceu na fazenda e encontrou novamente Aninha na beira do ribeirão. Ele chegou e puxou conversa.

-E aí, menina Ana, trabalhando? Não vai resolver confessar seu pecado?

-Seu padre, acho que eu não tenho pecado.

Com isso o padre já estava ao seu lado, colocando as mãos sobre as pernas dela. Tremendo, com medo, ela

deixou o padre continuar.

-Sabe, menina, que só eu posso perdoar seus pecados, senão, quando você morrer, vai queimar no inferno.

-Seu padre, eu sei, mas não tenho pecado, não.

-Tem sim, e eu vi seu pecado. Se ficar brava, vou contar tudo pro Coronel. Agora se você confessar, eu não posso continuar, porque é segredo de confessor.

-Mas eu não pequei... Seu padre!

-Tá bom, mas o que você fez então com a patroinha?

-Nós tomamos banho nuas e nos acariciamos, abraçamos, que é o que nós sempre fazemos, porque nós gostamos uma da outra. E isso não é pecado, é seu padre?

-Não é, mas tem um pecadinho, que eu posso te perdoar. Aliás, perdoar as duas, pois sua patroinha também pecou.

Com a conversa andando e Aninha tremendo de medo, foi cedendo ao padre. Sem perceber, Aninha já estava com as pernas abertas e uma mão do padre já roçava seu sexo, a outra corria pelos seios pequenos de Aninha, que sobressaíam no vestido molhado. Aninha, com um misto de medo e prazer, começou a se excitar, deixando o padre continuar com seus carinhos. Para acalmá-la, o padre balbuciava em seus ouvidos.

-Não se preocupe, menina. Eu posso te perdoar por isso. E quem está pecando não é você, mas eu.

-Tá bom, seu padre, mas anda logo, senão alguém vai ver.

É verdade que Aninha estava com medo, mas seu lado carnal se sobressaiu, deixando o prazer fluir, até que o êxtase chegou ao ápice...

-Chega seu padre. Me perdoa, então, que eu tenho que ir.

O padre balbuciou alguma coisa e Aninha pegou as roupas e saiu correndo. Foi direto para estender a roupa e em seguida se afundou na senzala, não querendo falar com ninguém.

Dali mesmo o velho padre tomou o coche e voltou para a cidade. Chegou apressado na igreja, encontrando o sacristão na porta.

-Seu vigário, voltou cedo. O Seu Anacleto teve procurando o senhor aqui.

-Tá bom, meu filho, tá bom, depois eu falo com ele. Feche a igreja que eu vou fazer um retiro espiritual pra uma alma perdida que eu encontrei hoje.

O sacristão fechou tudo e, ao sair, viu o padre na capela ajoelhado no chão e se pondo a rezar.

-Meu senhor, me perdoe pela carne ser fraca, mas eu não consumei nada, não, como o senhor bem viu. Sei que pequei, mas quero pagar meus pecados. Me dê a luz do caminho, o que devo fazer para reparar isso tudo, meu senhor?

O padre ficou ali por horas, orando, sozinho, no escuro. Saiu direto pra Casa Paroquial, logo atrás da igreja. As ruas já estavam desertas, sem ninguém, fazendo com que ele saísse a andar a esmo pelos becos mal iluminados. Ao virar uma rua, deu de encontro com um morador que ficou assustado.

-Seu padre, algum problema?

-Não, meu filho, tudo certo. Estou indo atender uma confissão ali no bairro da Palha.

-Ah, tudo bem. Quer uma companhia?

-Não precisa, não, meu filho. Pode seguir seu caminho. Deus te abençoe.

Falou e saiu em direção ao bairro para disfarçar. Aos poucos foi se acalmando e voltou pra casa. Quando o galo cantou pela primeira vez, lembrou da passagem da vida de Jesus quando São Pedro mentiu para Cristo tentando salvar sua alma. No segundo canto do galo, tudo voltou a sua cabeça. Olhou pro corredor da casa e uma figura estranha o espreitava.

-Quem está aí?

-Sou eu, padre, vim te buscar para levar até uma casa.

-Que casa, a estas horas?

A figura foi se achegando e o padre começou a suar frio, querendo gritar, fugir, correr, mas não conseguia se mover.

-Vim te buscar pra levar para as lavas do inferno. O senhor tem que pagar seus pecados.

-Não, não. Eu não pequei.

Sentiu a mão fria tocando seu pescoço e, num sobressalto, acordou do pesadelo, sentou-se na cama, suando em bicas. Parou um pouco para se recompor e saiu para tomar um banho frio. Ficou ali, por longos minutos, pensando no que fazer.

Quando o galo cantou pela terceira vez, procurou fazer um café, se arrumou, saiu para a igreja. Às seis em ponto, como de costume, o sacristão estava chegando.

-Bom dia, meu filho!

-Seu padre, já na igreja? O que aconteceu?

-Aconteceu que hoje é dia de penitência, e eu mesmo vou tocar o sino pra missa da manhã.

-Tá bom. Enquanto isso, eu já vou arrumar o altar.

Celebrou a missa, naquele dia, procurando fazer tudo com muito mais fé. Todos os fiéis também notaram isso. Quando acabou, chamou o sacristão.

-Arrume meu coche e os paramentos, que eu vou fazer confissão na roça.

-Certo, Seu padre, e se o Seu Anacleto aparecer, o que eu falo?

-Diga a ele que no final do dia a gente conversa.

Na fazenda, o dia começava como sempre. Os escravos na labuta, o café chegando para o terreiro e o Coronel Ventura no comando de tudo, a cavalo, passando entre a

plantação. Maria acordou, comeu alguma coisa e saiu à procura de Aninha desesperada.

-Onde você estava? Não foi me visitar ontem a noite. Por quê?

-Estava cansada e fui dormir.

-Aninha, aconteceu alguma coisa? Pode me contar...

-Tá bom. Maria, o padre, ele outra vez... Eu não sei o que aconteceu.

-O padre? Fica calma e fala devagar. O que aconteceu?

-O padre tentou se engraçar comigo novamente.

-E você, o que fez?

-Deixei um pouco, só...

-Mas como? Você não pode fazer isso, você me prometeu, lembra?

-Não, Maria. Quer dizer, claro que sim, mas não teve jeito, não.

-Como não teve jeito? Era só você não querer.

-Mas ele prometeu perdoar nossos pecados, Maria.

-Que pecados, nós não temos pecados, não. Temos muito amor. Nós nos amamos e isso não é pecado, sabia?

-Mas o padre...

-Que padre, Aninha? Você deixou ele te tocar só por causa disso?

-Deixei, sim. Não sei por que até.

-Então você gostou de ficar com ele?

-Não, Maria...

-Gostou sim...

Falou isso e agarrou Aninha com força, chacoalhando-a e jogando-a ao chão, com violência. Aninha caiu assustada, chorando, sem saber o que fazer.

-Não faz isso, Maria! Eu te adoro. Você sabe muito bem disso.

Maria não quis saber. Com o ciúme à flor da pele,

resmungou mais algumas palavras e foi saindo. Aninha ficou no chão, gritando.

-Eu não quero mais você. Não quero mais nada. Quero ficar só com o Ditinho e não vou te procurar mais. Nosso trato está terminado...

Ao falar isso, Maria parou e olhou pra trás, deixando uma lágrima correr.

-Como você faz isso com a gente? Nós prometemos ficar juntas. Você se lembra?

-Lembro, mas não sei. Agora tudo se mistura em minha cabeça, Maria. O seu pai continua me querendo. O Ditinho anda preocupado. E agora o padre, que viu tudo entre nós duas. Eu estou tendo pesadelos que não são muitos bons.

-Que pesadelos?

-O padre me incriminando. Seu pai me batendo no tronco até as minhas costas ficarem em carne viva. Nós estamos pecando, Maria. Não podemos continuar mais juntas. Isso é contra a lei de Deus.

-Não é, não, Ana. Deus defende o amor e a amizade entre as pessoas. E nós estamos vivendo certas. Estamos vivendo nossa felicidade, sem prejudicar ninguém.

As duas se entreolham por alguns longos segundos. Maria correu para a fazenda, direto pra seu quarto e ficou a chorar. Aninha resolveu sair e ir lavar roupa no ribeirão.

Depois de algum tempo, sentiu que alguém a observava por entre as folhagens. Ficou nervosa, pois pensou somente no padre. De repente, vislumbrou o olhar de Maria, quieta e pensativa. Ela também olhava com um olhar de quem estava abrindo o coração. Maria desceu até perto de Aninha.

-Oi, vim te ver um pouco.

Ficaram assim por alguns segundos, uma a admirar

a outra. Primeiro o olhar, depois o rosto, os seios e finalmente o corpo todo, Aninha saiu da água e começou a tirar o vestido molhado, com Maria observando-a. Chegaram-se devagar e se abraçaram demoradamente. Trocaram um beijo e foram caindo na água gelada, mas que no momento esquentava os poros, provocando a volúpia estagnada das duas. Ficaram ali se amando de todas as formas possíveis, seguindo apenas o instinto, como se fosse a primeira vez que se encontravam.

-Aninha, vamos ficar juntas, né?

-Vamos, Maria, esquece toda aquela discussão, nossa união é maior.

Quando as duas estavam saindo do ribeirão, viram ao longe o coche do padre chegando.

-Vamos sair daqui logo, Maria, antes que o padre nos veja.

-Não. Você fica escondida ali atrás das pedras, e eu vou pela estrada. Assim ele não desconfiará de nada.

-Tá bom. Então vai.

O padre passou por Maria e a cumprimentou com o olhar, sem falar nada. Sentiu um calafrio, olhou para o chão e continuou andando, já na entrada da fazenda. Na hora do almoço, as duas se encontraram e foram direto para a cozinha. Ao entrarem, ficaram apreensivas. Encontraram o velho vigário sentado à mesa com o Coronel Ventura.

-Vamos, meninas, tomem a benção do padre e sentem-se para o almoço. Estávamos à espera de vocês.

-Tá bom, papai. Vamos guardar os cadernos e já voltamos.

No quarto, as duas se abraçaram e ficaram preocupadas.

-O padre vai contar tudo pra seu pai.

-Se contar, nós desmentimos, não se preocupe. Nós falamos o que ele fez com você também.

-Tá bom.

Voltaram rapidamente e sentaram-se à mesa. Durante o almoço, quase ninguém falou. Os olhares do padre se cruzaram com os de Aninha, que sempre procurava desviar. Maria olhava de soslaio para o pai, comportando-se da mesma maneira. Ao terminar o almoço as duas tentaram sair.

-Vamos, Aninha, vamos estudar um pouco no quarto.

-Fiquem sentadas que precisamos ter uma conversa séria.

-Papai, pode deixar pra noite? Temos que estudar um livro novo.

-Não, porque vocês precisam confessar com o padre.

Ana se assustou e tentou sair da sala, alegando que sua família não permitia ela confessar com padre.

-Não posso Coronel, tenho que falar com minha gente.

-Se não pode, então esquece a confissão. Vamos conversar sobre o pecado de vocês duas.

O Coronel levantou, fechou as duas portas da cozinha e voltou para seu lugar. Pegou um cigarrinho de palha e voltou ao assunto.

-O Seu vigário, homem digno e que sempre nos ajudou com suas rezas e bênçãos, me disse sobre o pecado de vocês duas lá na cachoeira. Alguém tem alguma coisa pra dizer?

As duas meninas ficaram caladas por um tempo. Ana tentou uma saída.

-É mentira, Seu Coronel. O seu vigário é que tentou se engrajar comigo e eu não deixei, por isso ele está inventando essa história.

-O que o senhor tem a dizer, Seu Vigário?

-Onde já se viu Coronel. Eu, um homem da igreja, fazer uma coisa dessas, ainda mais com uma menina negra, escrava? É sua filha que está sendo enganada por esta negrinha, que você deixou entrar na sua casa, com toda a confiança, que ela não merece.

-É, Seu Padre, o senhor está certo.

Aninha se irritou, e atacou mais forte.

-Mentira do padre, Coronel. E mentira do senhor também, que já fazia coisa feia com minha mãe. Mandou matá-la com filho na barriga e ainda tentou me agarrar aqui na cozinha. Pecador é o senhor que faz tudo isso e ninguém fala nada.

-Fale alguma coisa, seu padre. O senhor é que vai decidir, pois acredito nos dogmas da igreja.

-Aninha, o Coronel já está perdoado por isso. Aliás, sua mãe era escrava. Você é escrava e é propriedade dele. Ele pagou por isso perante a Lei, então seu pecado é perdoado. Agora você não pode colocar a filha do Coronel em pecado.

O Coronel observava a fala do padre, ficando também estático. Apesar da dúvida, falava firme.

- Seu padre, preciso ter uma conversa com o senhor. Vocês duas vão para o quarto e esperem lá, porque eu quero conversar com vocês.

As duas saíram correndo, entraram no quarto e se abraçaram. Ficaram assim por longo tempo, com os corações saindo pelas bocas. Na cozinha o Coronel continuava a conversa com o vigário.

-Seu vigário, dentro do que está acontecendo, vou aceitar o conselho do senhor. Arrume aquela carta, que amanhã mesmo vou tomar uma decisão. Assim ela vai estudar, aprender bons modos e esquecer a negrinha. Quanto ao senhor, padre, pode vir amanhã pra levar mais dez sacas de café pra igreja. Aliás, agora pode levar 20 sacas por mês, em vez de 10. E vou precisar do senhor também...

-Agradeço a sua bondade, Coronel. E pode ficar tranquilo que estarei rezando pelo senhor. Deus há de compensar esta sua boa alma.

-Fico agradecido.

O velho padre saiu pela porta da frente, em sua carruagem. Pela fresta da janela, Aninha e Maria observavam atentamente, sem saber o que fazer. Aninha aproveitou e saiu pelos fundos da fazenda, indo direto para a senzala. Lá encontrou a velha negra.

-Minha filha, venha cá.

-Me dê sua benção, madrinha. Estou muito triste.

-Aconteceu muita coisa de ruim, não é?

-É madrinha, mas eu não quero falar.

-Não precisa, pois eu já sei tudo, você simplesmente procurou sua felicidade. A felicidade que estava ao seu alcance. Não sofra por isso, pois todas as decisões da vida sempre são corretas. O que acontece é que nós, negros, não temos nem o direito da felicidade nesta terra. Estamos presos a eles, e também até a igreja, que trata tudo com dois pesos e duas medidas.

-Mas eu não sei o que faço.

-Nessas horas, o melhor é pensar para não fazer nada mais ruim ainda. O tempo vai dizer que você está certa.

-Então eu estou certa?

-Está, minha filha...

-Mas por que eu não posso viver o que eu quero?

-Não pode, porque pra tudo tem um tempo. Você vai sofrer muito, minha filha, mas é o preço que você vai pagar pra concretizar sua felicidade...

Aninha escutou tudo com a cabeça baixa e depois foi para um canto, descansar. No dia seguinte, o Coronel acordou cedo e chamou dois negros de sua confiança.

-Vocês dois vão até a senzala e me tragam a Aninha. E você, Juvêncio, pegue no porão os grilhões, correntes e chibatas e coloque no tronco.

-Sim, senhor, mas ela não está lá, dizem que sumiu de madrugada.

-Não é possível, fugiu a desgraçada. Chame o capitão do mato e façam uma busca na fazenda, principalmente na trilha que vai pra serra. E quero todo mundo nessa empreitada. É escrava fugida e tem que ser tratada assim. Vocês já sabem o que fazer, para dar exemplo.

Os negros saíram, e o Coronel Ventura foi até o quarto acordar Maria.

-Levanta minha filha, se arrume com a melhor roupa e faça as malas de suas coisas.

-Mas pra que papai?

-Tá na hora de você estudar pra comandar esta fazenda no futuro.

-Mas, papai...

-Não tem mais nem menos, por enquanto quem manda aqui ainda sou eu.

Maria ficou quieta por um tempo, depois foi atraída pelo alvoroço no terreiro da fazenda. Abriu a janela e viu os capitães do mato, feitores a cavalo, com chicotes e cães a latir desesperadamente. Saíram em disparada, um grupo pra cada lado. Maria deixou o quarto e encontrou uma empregada no corredor.

-O que aconteceu, Nalva? Porque esse barulho todo?

A mulher se ajoelhou em frente à Maria e falou com muita calma.

-Filha, Aninha fugiu. Fique muito calma, pois o Coronel está feito um animal. Hoje vai ter muita coisa ruim nesta fazenda. Mas nós não podemos fazer nada.

-Mas Aninha fugiu pra onde?

-Ninguém sabe, menina. Fique calma e não tome partido. É melhor você ouvir seu pai, porque ele vai fazer o que quiser sem precisar pedir autorização pra ninguém.

Maria voltou para o quarto e começou a chorar compulsivamente. Pegou uma blusa de Aninha e se enrolou nela,

sentindo seu cheiro por longo tempo. Depois colocou a blusinha entre suas roupas, na mala que estava preparando. Maria ouviu um tropel de cavalos, olhou pela janela e viu o padre chegando em seu coche. O Coronel já estava na escadaria da porta principal da fazenda.

-Bom dia, seu vigário. Fez boa viagem?

-Fiz, Coronel. A benção de Deus.

-Entre e vamos tomar um café, enquanto minha filha se arruma.

Maria sentiu um calafrio e ficou desesperada. Ia ter que ir embora sem se despedir de sua amiga... Na cozinha, o Coronel trocou conversa com o vigário, sobre a viagem.

-O senhor vai ter dois homens para acompanhá-lo, com dinheiro pros gastos. Durma nos melhores pousos do caminho, e não tire os olhos de minha filha.

-Pode deixar, mas seus homens é que tem que vigiá-la.

-Fique tranquilo, são de confiança. E, quando chegar ao Rio, deixe o dinheiro com as irmãs do convento, pra pagar tudo que precisar. Diga que farei uma visita em breve, levando mais dinheiro.

-Certo, Coronel Ventura. Assim que voltar venho visitá-lo.

Sua última frase foi sufocada pelo barulho de cavalos chegando à fazenda. O Coronel e o padre saíram correndo pra varanda. Entrando na fazenda, estavam os cavaleiros, e, sendo puxada por uma corda, a pequena Aninha, com as roupas já rasgadas, deixando à mostra seus seios.

-Muito bem pessoal, Juvêncio, coloque esta negrinha no tronco. Traga também seu marido Ditinho e amarrem ao lado. Ele precisa aprender a cuidar de suas coisas direito. Chamem todos os empregados e famílias desta fazenda, até mesmo as crianças. Quero todo mundo aqui no terreiro.

Pela fresta da janela, Maria assistia à cena e se derramava em lágrimas. A velha Nalva entrou e veio consolá-la.

-Nalva, eu vou sair, vou falar pro papai não fazer isso. Eu quero ser amarrada no tronco com ela

-Você não pode fazer isso, menina, será que não entende?

-Entendo que a culpa não é só dela, eu também tenho culpa.

-É. Mas, na hora das decisões, quem perde é o negro, minha filha. Você é filha do patrão e tem que respeitar.

-Mas eu não quero ir embora, eu quero ficar.

-Vai, sim. É melhor, porque vai ser melhor pra todo mundo. Vai ser melhor pro Coronel, vai ser melhor pra você e melhor pra Aninha, que poderá levar a sua vida normalmente.

Lá fora o movimento continuava, com gente largando o serviço e chegando para perto do terreiro. O Coronel Ventura saiu na varanda com o padre ao lado.

-Minha gente, esta negra vai pagar pelo seu erro, para dar o exemplo. Por vários anos ela teve a minha confiança, frequentando minha casa e até se tornando amiga de minha filha. Até estudo das letras eu dei pra ela. Mas ontem minha filha reclamou que ela estava roubando coisas e roupas dela. Encontrei tudo nos guardados de seu marido. Objetos que foram roubados de dentro de minha casa. Seu marido Ditinho também vai pagar, pois sabia desse mal de sua esposa, mas nada fez para denunciar. Minha filha, Maria, também sabia que isso vinha acontecendo, mas não me contou antes. Por isso ela está de partida para estudar no Rio de Janeiro, onde vai pagar seus pecados.

O silêncio era absoluto no terreiro.

-Podem amarrar Aninha e dar trinta chibatadas. Que sirva de lição pra todos aqueles que quiserem me enganar.

Os negros se entreolharam e o capitão do mato não se moveu pra pegar a chibata.

-Vamos, que eu quero ver minha ordem cumprida rapidamente, pois vocês têm que voltar ao trabalho.

Ninguém se mexeu. O Coronel Ventura entrou na fazenda e voltou com Maria pelos braços. Um negro veio atrás com suas malas de pertences. Os olhos marejados de Maria procuraram por Aninha, no meio daquela confusão de gente. Maria desceu as escadas, sob o olhar de todos. Aninha tentou encontrar seus olhos aos de Maria, mas não conseguiu, pois a sinhazinha estava cabisbaixa, pela vergonha a que seu pai a colocara. Maria entrou no coche e, então, levantou a cabeça. Enxergou o corpo desnudo de Aninha, seus olhos marejados de lágrimas, um olhar sofrido, pedindo socorro. Ao lado, seu marido, firme, sério, como todo bom negro. Maria encontrou os olhos de Aninha e as imagens do passado recente passaram rapidamente na cabeça das duas. Sem que ninguém notasse, Maria abriu um pouco sua mão e mostrou um pedaço de papel enrolado. Para espanto de todos, Aninha abriu um sorriso molhado de lágrimas, pois entendeu o recado da amiga. Tinha certeza que era a carta do juramento, que ia junto com ela.

-Que o cocheiro dê a partida, que Deus a acompanhe, minha filha. E que a chibata ensine esses negros, para que outros não façam o mesmo aqui dentro de minha fazenda.

Enquanto a carruagem partia, subindo a estradinha, o Coronel chegou até o pelourinho e intimou o capitão do mato a dar as chibatadas. Mas ele ficou relutante e sem ação. Seu olhar frio encarou o Coronel dizendo que não podia cumprir a ordem.

-O senhor me desculpe, pode me matar, que eu não posso fazer isso com uma criança.

-Se é assim...

O Coronel tirou de seu paletó uma garrucha e deu um tiro no peito do negro, que caiu no chão, estatelando a cabeça nas pedras do terreiro. Alguns negros se movimentaram para chegar perto, mas o Coronel foi mais rápido.

-Que ninguém se mexa. Meus capatazes, vigiem todo mundo e quem se mexer pode passar fogo. Se ninguém quer cumprir minha ordem, me dê a chibata que eu mesmo faço isso.

Pegou o chicote e rapidamente começou a série de chibatadas, sem dó. Na estradinha que sai da fazenda, a carruagem subia vagarosamente. Maria olhava pra trás, e ficou estática com o tiro. Pensou imediatamente que seu pai teria matado a amiga. Mas na sequência escutou as chibatadas e os gritos de Ana que ecoavam pelo vale. Abaixou a cabeça no colo e tampou os ouvidos. O coche sumiu por detrás do morro.

Na fazenda, o Coronel Ventura continuava seu espetáculo. Aninha gritava de dor, mas pedia perdão ao patrão.
-Clemência, Seu Coronel, para meu marido, ele não tem nada a ver com isso. Eu é que sou a pecadora.

Mas a surra em Aninha continuou até as trinta chibatadas; depois o Coronel mandou um negro bater em Ditinho. Este pensou um pouco, olhou para o capitão do mato, prostrado, com o sangue escorrendo, olhou pra velha negra que balançava com a cabeça, autorizando-o a cumprir a ordem. Enquanto Ditinho apanhava, o coronel foi pra casa. Ao término das chibatadas, já estava no topo da escada.

-Peguem os dois e façam os curativos. Enterrem este desgraçado lá no cemitério. Volte todo mundo pro trabalho, pois a vida continua nesta fazenda, onde minhas ordens ainda imperam. E quem desobedecer vai ter o mesmo castigo.

O coche ganhou a estradinha para a Vila. Agora só existia o barulho das rodas, mas Maria ouvia ainda o som das chibatadas e os gritos de sua amiga. Aos poucos Maria recuperava o que acontecia a sua volta. Ia pensativa sobre o que seria sua vida, a vida de sua amiga, a vida dos negros e a vida de seu pai...



a vida



Aos poucos, a rotina voltou ao normal na fazenda, com os negros ficando quietos e respeitando a vontade do patrão. Ana se recuperou e voltou a trabalhar, mas não entrava mais na casa do patrão. Coronel Ventura também não insistia, pois colocaria em cheque suas decisões anteriores. Ana vivia muitos dilemas, pensando sempre em sua patroinha, mas vivendo com Ditinho. Um relacionamento apenas de fachada. Um dia resolveu procurar serviço melhor e conversou com seu marido.

-Ditinho, trabalhar com tropa é muito difícil? As viagens são cansativas?

-Pare com isso, Aninha. Tocar tropa não é para mulher, não. Isso é serviço bruto e foi feito para os homens.

-Mas eu quero sair com você pra andar pelos matos, não quero ficar parada mais nesta fazenda, você bem sabe o que eu sofro. Eu preciso que você me ajude, Ditinho, agora que estamos juntos de verdade. Quando a patroinha voltar, você vai ser recompensado, pode deixar.

-Tá bom, então vou falar com o patrão pra ver se ele aceita.

Ditinho saiu dali e procurou o Coronel Ventura, falando da conversa com Aninha.

-Coronel, eu queria ver se o senhor podia colocar a Aninha pra viajar comigo, já que ela é minha esposa.

-Pois é, Ditinho, essa menina já me deu tanto aborrecimento, mas é uma pessoa de opinião. Quem sabe, ela indo com você, ela se endireita e ajuda nas viagens.

-Então, Coronel, os tempos são outros, e precisamos de mais gente nas tropas. A produção tá boa, e ficar longe da Aninha não está sendo bom. E tem mais, ela é uma mulher letrada, sabe das contas e pode ajudar todo mundo na hora dos negócios e compras pelo caminho. O senhor sabe, todos da tropa não sabem nada. A gente está sendo enganado, como o senhor mesmo já soube daquela venda de café do mês passado.

-Pensando bem, Ditinho, e deixando as mágoas de lado, o que me interessa agora é o sucesso dos meus negócios. Então converse com ela e vamos resolver isso.

No mesmo dia, à tarde, chamou todos os tropeiros e ajudantes e informou a novidade.

-Quero que todos prestem atenção no que eu vou dizer. Quero comunicar a todos que, a partir de amanhã, quem vai comandar mais uma tropa da fazenda, junto com o Ditinho, é a Aninha. Vai comandar os animais do Zé Bento, que estão aí parados desde que ele morreu. Os tempos mudaram, e eu preciso dela pra poder fazer as anotações de vendas e negócios. Ela vai com o marido Ditinho, e quero todo mundo res

peitando. Qualquer negócio na estrada, ela vai estar junto, pra que ninguém nos passe a perna.

Com a decisão, Aninha tornou-se a primeira tropeira da região, transportando a produção de café da fazenda até o Porto de Mambucaba, viagem que levava três dias. E, na volta, comandava as compras para a fazenda.

No dia seguinte, de madrugada, Aninha foi a primeira de pé, pois queria partir cedo. Os homens se espantaram, pois sua tropa já estava encilhada e pronta para carregar as sacas de café. O velho tropeiro Onorato chegou pra cumprimentar a nova companheira.

-Bom dia, Aninha. Pronta pra primeira viagem?

-Pronta, Seu Onorato. E quero contar com a ajuda do senhor pra aprender tudo direitinho.

-Pode sim, minha menina. Você vai ser minha filha daqui pra frente. Sabe, eu tinha uma filha, mas morreu antes que conseguisse ensiná-la.

-É, eu sei, Seu Onorato. Foi triste sua morte.

-Mas não vamos falar disso, justamente agora que Deus me compensou.

Como era comum, a tropa era formada por 10 animais, entre burros e mulas, todos com uma reforçada cangalha, feita de couro cru. Os negros alceavam duas sacas de café, num total de quatro arrobas cada uma, ou seja, 60 quilos. Amarravam firme e colocavam o ligal por cima, cobrindo a carga. Com o arrocho, firmavam o ligal pra não soltar na estrada. Todos se reuniam em volta de um fogo e tomavam café, acompanhado de farinha de milho e virado de feijão, pra reforçar o estômago. Antes de tudo estar arrumado, um menino, montado em seu cavalinho, saía na frente, levando os trens de cozinha e a comida. Logo atrás, partia a mula madrinha, sempre com vários cincerros presos a um peitoral, badalando, chamando os outros animais. No

final, Ana ia comandando a sua tropa, montada em um cavalo. Atrás dela mais 10 tropas, a viagem tinha 100 animais, conseguindo levar 200 sacas de café por vez. Na varanda da fazenda, Coronel Ventura apareceu vigiando o carregamento. Aproveitava para poder apreciar Aninha, em seu primeiro dia de tropeira, por quem ainda escondia muitas vontades.

A viagem seguiu pela Trilha do Dia Inteiro, que subia pela Serra da Bocaina, saindo no Alto da Boa Vista. Ali, no Potreiro do Rangel, faziam parada para o almoço. O cozinheiro, que sempre chegava antes, retirava o jacá de caldeirão que estava na mula madrinha e pegava os pertences. Preparava a trempe, que era um ferro, com dois pezinhos, e fincava no chão. Retirava um casal de panelas, pratos, colheres e alguns saquinhos de pano branco. Os saquinhos continham feijão já cozido em uma lata, arroz, toucinho salgado, farinha de mandioca e de milho, alho, açúcar, café e sal.

Juntava alguns galhos e acendia o fogo. Primeiro cortava o toucinho em pedaços e colocava em uma das panelas, com um pouco de água e um punhado de sal. Deixava esquentar e escorria a água pra tirar sal do toucinho. Deixava então fritar. Pegava um pedaço de carne seca e colocava para assar num espeto feito de pau. Na panela com água quente, fazia o arroz. Com o torresmo frito, dispensava o excesso de gordura numa lata e colocava o feijão para esquentar. Juntava os pedaços de torresmo e a farinha de milho, e estava pronto o almoço. Feijão tropeiro com arroz.

Para completar a parada, um café feito do jeito do tropeiro. Esquentava a água numa cicolateira, colocava açúcar e o pó de café. Quando fervia, retirava do fogo e colocava algumas brasas. O pó abaixava, e então entornava o café em uma caneca de ágata para beber.

Após um descanso, a viagem continuou virando o

espigão da serra, beirando o Ribeirão dos Veados. No final do dia fizeram um pouso em meio à mata, próximo ao ribeirão Mambucaba, que descia a serra para o litoral. Um rancho coberto de pita os esperava para o pernoite. Descarregaram a carga e soltaram os animais num curral feito pelo dono do pouso.

No dia seguinte, o ritual se repetia, e todos chegavam à tardinha no Porto, onde era descarregado, e Aninha ia receber a letra do comprador. Antes de escurecer, faziam as compras necessárias para a fazenda, para que a viagem de volta começasse antes do amanhecer do outro dia.

A vida continuou nesse vai e vem na fazenda, com todos se preocupando com a produção. Um dia, a fazenda acordou agitada. Vários negros estavam tentando se revoltar contra a comida que o Coronel Ventura servia.

-Queremos que o senhor melhore essa comida, pois não estamos aguentando mais.

-Vão ter que ficar comendo isso mesmo, pois é o que vocês valem.

Os negros ficaram quietos e saíram para o trabalho. No dia seguinte alguns estavam no terreiro. Coronel Ventura acordou e foi ver o que acontecia.

-Que aconteceu, estão querendo discussão outra vez?

-Não, senhor. É que o Otaviano juntou mais dez negros e fugiu durante a noite.

A fazenda virou uma confusão, com o Coronel gritando e juntando gente para a caçada. Em pouco tempo o capitão do mato já estava com os cachorros e saindo em disparada serra acima. Depois de um dia de busca, encontraram os fugidos no Quilombo dos Cativos, já na serra virando para o litoral. Juntou todos, acorrentou-os e trouxe para a fazenda. Quando chegou à serra, nas divisas da fazenda, Coronel Ventura fez uma parada.

-Bem, minha gente, vocês são escravos, propriedade dessa fazenda. Por isso vão ficar por aqui para sempre.

Enfileirou todos e mandou os capatazes levantarem as armas. Nisso Ditinho se adiantou.

-Mas, Coronel, deixa isso pra lá, já os pegamos, vamos embora para a fazenda.

O Coronel Ventura ficou furioso e matou a sangue frio Ditinho e o negro Otaviano, que comandou a fuga.

-Vamos embora. Que isso sirva de lição para vocês. Peguem os corpos e levem com vocês.

Chegaram à fazenda ao escurecer, com os outros negros espantados com os mortos. Aninha descobriu que seu marido foi morto, tentando acordá-lo. Saiu correndo e enfrentou na raça o Coronel aos gritos.

-Como o senhor fez isso, homem sem coração? Quando o senhor morrer, vai amargar no inferno, sem nunca sair de lá.

O Coronel a empurrou e ela tentou atacar, mas foi dominada pelos capatazes. O Coronel ordenou que a amarrassem no tronco e dessem 10 chibatadas.

-Não façam isso comigo, seus negros vendidos. Vocês também vão amargar no fundo do inferno.

Mesmo assim, cumpriram a ordem do patrão e deixaram Aninha dormir no terreiro. Ventura subiu as escadas e foi para a cozinha, em busca de alguma comida. Encontrou a cozinheira num canto a chorar a dor de Aninha.

-Minha negra, me faça um esparregado, com farinha de mandioca e dois ovos, pra esquentar a noite.

A mulher pegou rapidamente um prato fundo, colocou duas conchas de água quente, um pouco de farinha de mandioca e quebrou dois ovos. Com as mãos tremendo, levou o prato até a mesa do Coronel. Ao colocar o prato em sua frente, lágrimas da negra caíram sobre a sopa.

-Como você faz isso, negra safada?

A negra deu um pulo pra trás e caiu sentada no chão de madeira, esperando o castigo do Coronel.

-Pelo amor de Deus, meu Coronel, me desculpe, eu não fiz por querer...

-Mulher vagabunda. Eu poderia te arrebentar no meu reio, mas não vou fazer isso, porque enquanto existir negros chorando, nós brancos estaremos rindo...

Falou isso e sentou para tomar sua sopa, como se nada tivesse acontecido. Depois se recolheu ao quarto pra dormir, feliz com suas decisões daquele dia.

Dias depois, Coronel Ventura obrigou Aninha a trabalhar na cozinha, para que ficasse mais perto dele. Ela relutou, mas viu que não tinha outra opção. Aguentou por alguns dias, simulando que aceitou tudo. Mas o Coronel voltou a querer acariciá-la, ela deixou um pouco, fazendo o homem acreditar que aceitava. Uma noite ela vestiu a roupa de um dos negros da fazenda e fugiu, pegando as trilhas que iam para o Rio de Janeiro, sempre se escondendo quando ouvia ao longe os cingelos de alguma tropa. No caminho voltou tudo à sua mente: pensou em onde estaria Maria. Queria vê-la de qualquer jeito, pois acreditava ser sua única salvação.

Na fazenda, o Coronel Ventura acordou de manhã, com o capitão do mato em sua porta com a notícia do ocorrido.

-Coronel, a Aninha fugiu, e estou pronto com o pessoal pra dar busca nas trilhas.

-Essa menina é danada mesmo. Fugiu mais alguém com ela?

-Não, senhor, foi sozinha mesmo.

-Então deixe quieto que o mato ou os bandoleiros darão um jeito nela. Não vou perder tempo com ela. Vou denunciá-la como escrava fugida e pagar uma recompensa pra quem encontrá-la.

Durante alguns anos, ninguém da fazenda ouvia mais falar de Maria e Aninha. Maria estava enclausurada no convento, e Aninha sumira completamente. O que todos os negros da fazenda acharam melhor, por enquanto. Os negros começaram a notar que o Coronel ficava mais tempo sentado em sua varanda, no final do dia. Parecia estar mais sossegado e mais calmo, talvez remoendo seus erros da vida, provocando um inferno de culpa em sua cabeça.

a revolta



Corria já o ano de 1842, quando então o padre visitou a fazenda dos Ventura, chegando com um convidado.

-Coronel, estamos em missão importante, pois a política está fervendo. Até trouxe nosso intendente.

-Entre, padre. E o senhor, Manoel da Silveira, como está? Muito trabalho pra comandar esse pessoal sem patriotismo?

-Pois é, Coronel, é isso que está me preocupando.

Os três entraram para a grande sala da casa, com o Coronel pedindo um café bem quente, pois o frio já estava tomando conta da região.

-Fale, padre, o que tanto preocupa vocês?

Manoel Silveira entrou para responder.

-Sabe, Coronel, uns revoltosos lá em Itu, comandados pelo

Padre Feijó, Rafael Tobias Aguiar, se rebelaram contra a coroa. É um movimento chamado de Liberal, eles querem tomar conta da direção de São Paulo. Recebi um aviso esta semana, e parece que mais gente da cidade também recebeu.

-O que eles podem fazer?

-Pois é, é com isso que estamos preocupados. O Anacleto está agitando o pessoal, e sabemos que ele já fez uma reunião na fazenda dele para juntar mais companheiros.

-Quem é esse Anacleto, que vem do Rio de Janeiro com uma mão na frente e outra atrás, fica rico aqui e agora quer comandar tudo? Vamos acabar com ele primeiro.

-Não. Não podemos, Coronel, porque assim estaremos agindo errado.

-O senhor ainda não entendeu. O Anacleto já está querendo comandar o comércio dessa cidade. Comércio que dependemos todos para viver.

-É. Eu sei. Mas não tenho pessoal para fazer alguma coisa.

-O senhor é que manda. Precisa exigir reforços para ajudá-lo a prender esses revoltosos.

-Já fiz isso. Mandaram resposta de que as tropas estão guarnecendo Taubaté, e outros estão a caminho de Paraibuna, onde a revolta cresceu sob o comando do vigário local.

-E o seu vigário daqui?

-Não se preocupe, já estive com ele e está do nosso lado, mesmo porque não pode ficar contra.

-Pode deixar que eu vou reforçar sua ajuda.

-Enquanto isso, o que fazemos?

-Acho que devemos chamar nossos amigos e fazer também uma reunião na cidade, pra mostrarmos nossa força.

No dia seguinte, um cavaleiro da Fazenda Ventura saiu por outras fazendas pra convidar os amigos a participarem da reunião na cidade, que iria acontecer sábado.

Enquanto isso, Anacleto Rosa também estava trabalhando junto aos negros libertos, donos de tropas e comerciantes de pousos da cidade, com sua posição.

-Pessoal, precisamos nos armar e tomar conta desta cidade. Precisamos tirar o Manoel Silveira, pois seu imposto está pesando pra todos. Nós é que negociamos e produzimos, não é certo levarem grande parte do que ganhamos, sem fazer nada.

No sábado de manhã, Silveiras amanheceu movimentada, mesmo porque o boato da reunião corria solto. Na casa de Manoel Silveira, atrás da igreja, chegaram alguns fazendeiros, com mais alguns amigos. Lá pelas tantas, Silveira estava preocupado.

-Compadre Ozório, lá dos Macacos não vem mais ninguém?

-Pois é, Silveira, convidei várias pessoas, mas falaram que estavam com muito trabalho e não podiam vir.

-Esse pessoal não quer tomar partido. Depois vão ficar arrependidos. Quero que vocês todos aqui me relacionem quem não quis vir, pra depois podermos tomar as providências.

-Mas, Silveira, muita gente tem trabalho. Esta reunião foi marcada às pressas.

Coronel Ventura tomou a palavra.

-Eu acho que devemos ouvir o intendente, pessoa honesta que nós conhecemos muito bem. Vocês sabem que do outro lado está o Anacleto, um que chegou novo entre nós e já quer comandar a política local.

As poucas pessoas que estavam naquela sala ficaram quietas, com o silêncio quebrado por um tiro vindo lá de fora. Todos foram para a janela e ainda viram um cavaleiro virando a esquina e gritando.

-Viva a revolução. Viva os Liberais.

Voltaram para a sala, e a conversa ficou ainda mais

tensa. Enquanto isso, na fazenda de Anacleto, perto de quinhentas pessoas se reuniam para saber o que ele tinha em mente.

-Pessoal, temos que ser firmes. É lógico que temos poucas armas, mas podemos usar facas, enxadas, foices e temos bastante gente.

-Mas como vamos entrar nessa luta, Anacleto, sendo que não temos nada a ver com isso?

-Temos, sim. Precisamos nos livrar do jugo deste imposto, que acaba diminuindo os ganhos de todos vocês.

A reunião continuou tarde adentro, quando chegou um cavaleiro desesperado com uma notícia.

-Anacleto! Pessoal! Estamos perdidos. O Regente Feijó se entregou, acabou o movimento Liberal e foi todo mundo preso lá em Itu, São Paulo e Taubaté. O que vamos fazer agora?

-Fiquem calmos, aqui ninguém vai se entregar, não. Precisamos ser rápidos. O Manoel Silveira tem só cinco soldados à sua disposição. Vamos agora para Silveiras, tomar conta da cidade.

-É isso, Anacleto, vamos para Silveiras!

Todos se inflamaram e tochas de fogo começaram a aparecer, iluminando a noite. Um cortejo de gente, facas, facões, enxadas, penados contrastava no clarão das tochas. Em pouco tempo estavam entrando em Silveiras, com a população já escondida. Um dos soldados, vendo que não podia fazer nada, saiu sorrateiramente pelos fundos da cadeia e seguiu pelo Bairro da Palha. Pegou um cavalo e rumou em direção a Taubaté, para buscar reforços. O grupo foi direto para a casa de Silveira. Anacleto se adiantou.

-Silveira, saia e venha negociar, pois você não tem saída.

Lá de dentro ele gritou.

-Vocês não podem fazer nada comigo, pois as tropas estão vindo aí e vão aniquilar todos vocês.

Passou-se um longo tempo e ninguém arredava pé. Anacleto então deu uma ordem.

-Alguns homens cerquem a casa por trás. Não deixem ninguém sair.

-Silveira, vou entrar com mais três pessoas pra negociarmos sua rendição, pra não haver derrame de sangue.

Todos entraram e ficaram lá por meia hora, enquanto o povo aguardava enfurecido na rua. Anacleto saiu primeiro, acalmando a todos.

-Pessoal, fiquem calmos que eles se renderam. Nós estamos no comando da cidade...

O povo se inflamou e vários tiros foram ouvidos pra festejar o acontecimento. Aos poucos os homens foram saindo da casa e entregando as armas. Por último saiu Manoel da Silveira, que entregou sua arma. De repente, um estampido foi ouvido e Silveira caiu na soleira da porta de sua casa. O velho padre e o Coronel Ventura correram pra acudir. A turba enfurecida foi pra cima dos outros e a rua virou um pandemônio. O velho padre ainda tentou controlar a situação.

-Não façam isso, meus filhos.

Mas não adiantou. A turba retirou o padre da frente e o jogou pela rua. Coronel Ventura saiu pelos fundos e foi pra fazenda buscar reforços. Muita gente passou por cima, com o padre rastejando e pedindo clemência. Em minutos um grupo já estava com o corpo de Silveira levantado no ar e correndo pelas ruas. A turba se enfureceu e gritou vitória. Ouviram-se mais tiros, Anacleto ficou sem ação, perdendo o comando da turma, mas foi junto.

-Vamos enterrá-lo!

-Vamos queimá-lo!

-Não, vamos esquartejá-lo.

Com a noite chegando, acenderam tochas, saíram pela

estradinha e foram até a fazenda de Silveira. No caminho deram de cara com Coronel Ventura e alguns homens, que estavam guardando a família de Silveira. Em meio à escuridão, ninguém entendeu o que estava acontecendo. Mais tiros, e a turba passou por cima dos corpos. Quem foi atrás deparou com vários mortos e no meio deles alguém deu um grito.

-Mataram o Cel. Ventura, agora estamos perdidos.

-Mas já morreu tarde esse desgraçado, assassino de negros. Gritou outro.

A turba continuou em frente à fazenda de Silveira. Cortaram seu corpo em pedaços e os penduraram nos mourões, fazendo um espetáculo horrível. Todos voltaram para a cidade eufóricos.

Anacleto ficou na rua com seus homens, guardando a cidade e a prisão.

-Bem, gente, agora a coisa está feita. Vamos nos organizar. Um grupo fica vigiando as ruas. Os melhores e mais armados vão se ajuntar na entrada da cidade. Com certeza essa notícia já está chegando a Guará e Taubaté. Vem chumbo por aí e precisamos estar preparados.

Já amanhecia quando a turma chegou ao local escolhido para a defesa. Contaram cerca de quatrocentos homens, mas poucas armas de fogo.

-Vamos nos organizar em defesa. Um grupo fica em cima daquele morro, outro do lado de lá e o restante aqui na trilha - gritou um novo comandante.

E assim foi feito. Ficaram ali durante o dia inteiro e nada aconteceu. Na madrugada do dia seguinte, 12 de julho, um cavaleiro espantou todo mundo.

-Acorde, pessoal. A tropa vem vindo. É a tropa do Barão de Caxias, armada até os dentes.

Anacleto correu entre todas as frentes e animou o pessoal.

-Fiquem calmos que vamos segurar essa gente. São todos soldados novos e cansados.

A turba se agitou e esperou para enfrentar. De repente um grito ecoou no morro.

-Chegaram, pessoal. Vamos resistir e matar todos.

A tropa chegou devagar e os soldados se posicionaram. A um toque de corneta, desceram morro abaixo. Os tiros ecoaram e os primeiros homens de Anacleto começaram a cair. A tropa enfrentou no peito as enxadas e foices. A turma de Anacleto começou a fugir em direção aos morros da serra. A tropa passou e deixou uma carnificina. Cerca de 50 homens estavam estendidos no chão.

Os revoltosos que ficaram procuravam por Anacleto, mas não o encontraram. Ao longe, viram Anacleto preso e sendo arrastado em direção à vila. O comando dos revoltosos estava desfeito.

A tropa seguiu com Anacleto até a cidade, onde alguns ainda queriam resistir. Todos olhavam assustados para a tropa e entregavam as armas e mais prisões eram feitas. Enquanto isso, os soldados faziam o que queriam, nem obedecendo ao comando. Queimaram diversas casas da cidade, roubavam objetos, dinheiro, e atacaram moças e mulheres que teimaram em ficar na cidade. Muitos moradores perderam tudo o que tinham.

-Vamos tomar conta desta cidade. Aqui não tem mais revoltosos - gritou o comando da tropa.

Com isso, abriram um acampamento na praça e foram listando todo mundo que chegava. Anacleto e mais alguns líderes foram levados por soldados para uma prisão em Taubaté e depois para São Paulo. Na Casa Paroquial, o velho padre, à beira da morte, passava instruções ao novo padre.

-Meu filho, cuide bem desta igreja e dessa gente. Não entre em pecado como eu fiz, porque estou pagando tudo. Quero sua bênção para a minha morte.

-Sim, Padre, mas o senhor não vai morrer, não, está aqui o médico da tropa pra curá-lo.

-Quero falar com o Coronel Ventura Quintilhana. Por que ele não apareceu para nos ajudar?

-Padre, o Coronel Ventura Quintilhana morreu. A turma do Anacleto pegou ele na estrada.

O velho padre começou a chorar, sentindo-se desamparado.

-Não é possível, meu filho. Mande o soldado sair, que eu quero confessar.

O padre confessou, então, todos os seus pecados e passou-lhe uma ordem.

-Filho, o Coronel Ventura Quintilhana morreu e, como eu sei que sua filha também morreu lá no Rio de Janeiro, você vá até a Fazenda Ventura e assumo o comando, pois ele não tem herdeiros e a propriedade tem que ir para a Santa Igreja.

-Certo, padre, mas posso fazer isso sem papel nenhum?

-Pode, a lei nos beneficia.

Falou isso e tombou para o lado, dando seu último suspiro. O padre deu a extrema unção e chamou pessoas para prepararem o corpo, que foi enterrado no mesmo dia, no cemitério local, sob o olhar dos soldados da guarda.

Após as dezenas de enterros, sob a guarda dos soldados, a cidade começou a ficar mais calma. A população voltou do meio do mato, onde estava escondida. Encontraram um caos, com suas casas queimadas, sem nada dentro. Um início de revolta começou a nascer nos moradores contra os soldados. O padre procurou o comandante da tropa

-O senhor precisa tomar uma providência, retirando essa

tropa da cidade, deixando nossa gente arrumar suas casas. Se ficarem por aqui, vão acontecer mais coisas graves.

-Mas temos que tomar conta da cidade, é ordem do Regente.

-Mas acho melhor vocês saírem, senão vou mandar um comunicado ao Regente do que o senhor fez com essa gente sem precisar.

-Padre, o senhor já está ficando contra o regente ou é impressão minha?

-Impressão, comandante. Estou tentando salvar essas almas da minha cidade.

-Tá bom, então. Se é assim, vou retirar a maior parte das tropas, mas vou deixar um comando.

-Tá certo. Isso é necessário.

Tudo acertado, o padre foi para ver a situação da Fazenda. Chegou lá, com todo mundo ainda rezando os mortos. O velho Coronel Ventura foi enterrado no cemitério da família, atrás da fazenda. Os negros mortos, em seu cemitério mais acima, no Morro do Corpo Seco.

-Pessoal, como vocês sabem, vim aqui em nome da Igreja para assumir o comando da fazenda. Vocês sabem que Maria Quintilhana morreu no Rio de Janeiro, com febre braba.

-Sim, seu padre. Estávamos esperando o senhor mesmo. Mas e nossa situação de escravos? A igreja vai ficar dona de nós?

-Por enquanto vai, mas breve teremos um representante da igreja por aqui, pra resolver a situação. Vamos defender que vocês sejam alforriados, mas continuem trabalhando aqui mesmo.

Assim fez e os negros voltaram para o trabalho, sob o comando do feitor e de um amigo do padre, morador da cidade. Na vila de Silveiras a calamidade era total. A população se uniu pra colocar tudo em pé novamente. Em pouco tempo

a cidade voltou à normalidade. Contudo, nos anos seguintes, a população de Silveiras sofreu uma grande retaliação por conta do Regente. Suspendeu a elevação do Pouso dos Silveiras à Vila e a transferiu ao comando do governo do Rio de Janeiro.

a volta



Passado alguns dias, a fazenda entrou em calmaria, com a produção continuando. Muitos queriam tomar alguma providência, mas não podiam fazer nada, pois a propriedade estava guardada por soldados da vila. Numa madrugada, um negro entrou sorrateiramente na senzala, acordando os mais velhos. A velha negra veio ao encontro dele.

-Onde você estava Manoelão? Pensamos que você tinha morrido na batalha.

-Não. Eu tava lá junto com o Coronel Ventura, mas consegui escapar. Fiquei escondido no mato e, quando o padre falou que sinhazinha tinha morrido, resolvi buscar a verdade. Fui até o Rio de Janeiro e descobri que a sinhazinha Maria está viva...

-E Aninha está com ela?

-Não, não está. Soube que Aninha foi presa em Barreiro, mas fugiu pro mato.

-Mas sinhazinha, por que não veio?

-Não pode, está praticamente presa num convento e acho que nem sabe que seu pai morreu.

-E o que nós vamos fazer?

-Precisamos salvá-la de qualquer jeito pra ela vir tomar conta da fazenda.

-Precisamos. Mas como?

-Vamos pensar, e o capitão do mato também não está gostando dos novos donos da fazenda. Ele pode nos ajudar.

Nos dias seguintes, os negros planejaram a ida até o Rio. Juntaram um grupo de negros fortes e fizeram um plano. A velha negra contou toda a história para o capitão do mato da fazenda, que imediatamente apoiou a ação.

-Você tem que nos ajudar, senão todo mundo vai ficar contra você.

-E precisamos ir esta noite, que é de lua cheia.

-Tá bom. E o que vocês querem que eu faça?

-Nós vamos fugir de madrugada, pela trilha do Dia Inteiro, depois vamos pelo caminho do gado. De manhã, com a descoberta da fuga, você vai pro outro lado, a Estrada Real, para Parati. Assim nós teremos tempo de ganhar caminho.

-Tá bom, mas se escondam no mato de dia e andem de noite, para que ninguém ache. Levem este dinheiro, e lá perto da cidade comprem uns cavalos para ficar mais fácil a volta com sinhazinha.

-Nós sabemos. Quando chegarmos ao Rio, vamos arrumar roupas de gente branca e assim ninguém vai desconfiar.

Naquela noite fugiram, e o plano foi seguido à risca. O grupo ganhou a trilha, e alguns dias depois estavam no Rio de Janeiro. Na entrada da cidade, acharam um vende

dor de cavalos e compraram animais, roupas e duas espingardas. Um dos negros foi a pé até a cidade e localizou o convento onde estava sinhazinha. Traçou um desenho das vielas, como entrar no lugar e voltou para contar aos amigos.

-Pessoal, o lugar é cercado de muros. Precisamos arrumar cordas pra subir e fazer alguma coisa pra distrair os vigias.

-Certo, vamos dividir em grupos, um cuida de fazer alguma briga perto do lugar e ao mesmo tempo fica cuidando dos cavalos, outro pula o muro e vai atrás de sinhazinha e o outro vai abrir os portões.

De madrugada, encilharam os cavalos e partiram para a cidade, em passos calmos. De repente avistaram o local.

-Pessoal, o grupo pode começar a briga depois que subirmos os muros.

-Vamos entrar pelos fundos. Quando dermos o sinal, comecem a briga. Assim teremos algo distraindo os vigias. Dois assobios é sinal de que estamos com a sinhazinha, e todos têm que sair pros cavalos.

Assim o fizeram e conseguiram entrar no convento. Chegaram a um quarto e bateram na porta. Saiu uma moça assustada, mas ficou calada.

-Responda rápido, onde está Maria Quintilhana?

-Não conheço, aqui só tem a Maria de Silveiras

-Deve ser ela mesmo, onde está?

-No quarto dos fundos do corredor, do outro lado.

Os negros saíram sorrateiramente e chegaram ao lugar. Bateram na porta e chamaram.

- Maria Quintilhana, você está aí?

Ela abriu a porta assustada e deu de cara com os negros, reconhecendo dois deles.

-Sinhazinha, viemos buscá-la. Você precisa ir conosco pra fazenda.

-Mas eu não posso sair daqui, meu pai vai me matar.

-Pode sim, Sinhazinha. Não temos tempo a perder, seu pai faleceu e você tem que assumir a fazenda.

Maria ficou parada, sem reação, com a notícia. Um dos negros puxou-a.

-Espera, deixa eu pegar algumas coisa e os papéis que meu pai me deu.

Feito isso, todos saíram apressados pelo corredor. Os sinos do convento tocaram, alertando todo mundo. O porteiro já estava dominado, e todos saíram correndo. Dois assobios, e a briga na rua acabou. Todos montaram e saíram em disparada pelos becos da cidade, num tropel ensurdecido, acordando os moradores, que não entenderam o que estava acontecendo.

Alguns soldados alertados pelo convento saíram atrás do grupo em fuga. No meio do caminho, o grupo encontrou vários negros se arrumando para a feira do porto.

-Gente, precisamos de ajuda. Segurem os soldados por aqui, pois precisamos fugir deles

-Vão em frente e podem contar com a gente.

O grupo continuou em disparada, em direção à saída da cidade. Quando os soldados chegaram, os negros jogaram frutas pelo caminho e os cavalos foram caindo um a um, deixando os milicianos no chão. Os cavalos fugiram. Assim o grupo conseguiu sumir pela trilha na mata.

Durante a viagem, os negros contaram toda a história da morte do pai e a ocupação da fazenda pelo padre. Maria ficou triste, mas aos poucos foi se recuperando pelo cansaço da viagem. A fazenda começou a voltar à sua cabeça depois de vários anos longe de tudo. O rosto de Aninha voltou à sua mente, lembrando os momentos felizes em que tinha passado naquele lugar. O balanço do cavalo embalou as lembranças, deixando Maria um pouco mais feliz.

A partir do Vale do Paraíba, a volta ficou mais fácil, pois, com os papéis de filha do Coronel Ventura, ela provava que estava a caminho da fazenda e que os negros eram seus escravos.

Alguns dias depois, cansados e sujos da viagem, depararam com a vila de Silveiras. Maria assumiu o comando.

-Bem, gente, temos que chegar direto na igreja, pois eu quero ver a cara deste padre e também desmenti-lo.

-Certo, patroinha.

Enfileiraram os cavalos ao lado de Maria e entraram pela rua principal, indo direto até a Igreja, onde o padre estava celebrando uma missa. Tiraram os chapéus e entraram, deixando o padre assustado. Todos também pararam e olharam pra trás, não acreditando no que viam. O padre encerrou a missa e os fiéis saíram. Ele se dirigiu ao grupo, tremendo de medo.

-Seu vigário, sou Maria Quintilhana, vim aqui pegar a minha fazenda de volta.

-Mas a senhora não tinha morrido?

-Morrido? Como? Quem inventou essa história?

-Não fui eu, senhora, foi o velho vigário que me falou antes de sua morte, e eu acreditei. Por isso fui tomar conta da fazenda, mas não tem papel nenhum passado ainda. A senhora pode tomar conta, sim.

-E posso hoje?

-Pode. Eu vou com a senhora pra tirar meu capataz de lá. A senhora tem todo o direito que Deus lhe deu. Eu quero pedir desculpas, pois não tive culpa. A senhora sabe que eu nem a conhecia e nem sabia da história toda.

Dito isso, todos saíram juntos. A praça já estava cheia de gente, esperando o acontecido. Ao saírem, o velho Pitota levantou a voz.

-Dona Maria Quintilhana, preciso que a senhora me venda

um pouco de café e porcos, eu sei que lá tem. E se precisar de um pouco de dinheiro pode vir buscar, que eu arrumo. Negociei muito com seu pai e quero continuar com a senhora.

Aquilo lhe deu ânimo, pois pela primeira vez aquela vila lhe chamava de Dona.

-Agradecida, Seu Pitota. E agradeço a todos que puderem me ajudar, pois vou precisar.

Todos aplaudiram e os cavalos seguiram pela estradinha em direção à fazenda. Quando apontaram no morro, todos já estavam no terreiro, acenando e batendo nas enxadas e foices. O ecoar das ferramentas emocionou Maria, que aos poucos viu o casarão chegando cada vez mais perto. Lembrou dos anos enclausurada, quando a fazenda estava ficando cada vez mais longe. Não conseguia imaginar que isso tudo pudesse voltar a acontecer. Ela parou por um instante. Viu, logo abaixo, o pequeno ribeirão, e não pode deixar de pensar nos momentos felizes que ali passou com sua amiga Aninha. Estava absorta no pensamento, quando uma menina gritou.

-Vamos, Dona Maria, todos te esperam.

Maria olhou e viu uma menina de vestido de chita azul, toda molhada, estava lavando roupa mais abaixo. Sinhazinha se assustou, pois vislumbrou nela a figura perfeita de Aninha. Mas logo notou o engano, pois Aninha já estaria com mais idade e corpo mais formado, assim como ela.

Tocou o cavalo e chegou triunfal à fazenda, com a velha negra abençoando-a. Desmontou e recebeu os cumprimentos de todos. Aos poucos foi se refazendo e subiu os degraus do casarão, de onde falou a todos.

-Estou de volta, minha gente. Fiquei muito tempo fora. Muita coisa aconteceu por aqui, mas foi tudo por bons motivos.

Eu estou de volta, e, de agora em diante, esta fazenda vai escrever outra página na história da região. Fiquem tranquilos, que vamos sair desta situação. O padre está aqui me entregando tudo de volta.

O padre subiu as escadas e entregou as chaves para Maria, saindo em seguida com seus homens, em direção à cidade. Os negros a tudo assistiam em silêncio profundo. Maria observou de cima e sentiu que muitos negros não estavam mais ali. Predominava gente mais velha, mulheres e crianças. Todos muito magros.

-Minha primeira providência é com vocês. Minha querida madrinha, abra a dispensa e tudo o que tiver de comer naquele lugar é para ser dividido com todo mundo. Ninguém mais vai passar fome perto de mim. Podem comer, e amanhã será dia de festa. Ninguém vai trabalhar.

Centenas de vozes gritaram ao mesmo tempo, balançando ferramentas no ar.

-Agora eu preciso tomar um banho, descansar e dormir, porque depois teremos muito serviço.

Ao som da euforia dos negros, ela entrou para a casa. A nova ama estava com a tina cheia de água quente esperando-a. Ela ajudou sinhazinha a tirar as roupas.

-Minha querida, quero que você me deixe só. Se precisar eu chamo. Vá pra cozinha e prepare uma boa canja, que eu estou precisando.

A ama saiu, e ela se voltou pra seu quarto. Estática, com os olhos começou a passar por todos os cantos do local. As janelas, o armário, a cama, o lampião com a chama se esvaecendo. O lampião... Não tinha como não voltar ao passado. O rosto de Aninha veio à sua memória, como se ela estivesse ali, na tina a esperar, mas logo um barulho a tirou dos pensamentos. Lá fora o toque do atabaque informou que os negros iam festejar sua volta. Maria entrou na tina e

tomou um banho demorado. Os pensamentos dos momentos felizes continuaram a surgir, sobressair, parecendo até que Aninha estava ali dentro com ela, como acontecia nos bons tempos... E assim acabou dormindo.

Minutos depois foi acordada pelo bater na porta.

-Senhora, já é tarde, é melhor tomar sua sopa...

Ela saiu, se enxugou, vestiu uma roupa e foi para a cozinha. Depois da sopa, seguiu até as escadarias para observar os negros dançando em volta da fogueira. Há muitos anos eles não podiam mais dançar o jongo caboclo, como era costume. Maria observou, e todos faziam reverência a ela, que voltou pra dentro da casa. Mesmo com toda a festa dos negros, caiu desmaiada na cama e voltou a dormir.

nova



No dia seguinte, acordou ao amanhecer e percorreu a fazenda, sentindo o cheiro de Aninha. Foi ver se a encontrava nos jardins, estendendo roupas, tomando banho no ribeirão. Quando entrou na alameda de quaresmeiras, todas floridas, viu um vulto ao fundo, espreitando-a. Ficou incomodada e apreensiva. Será que ela está de volta? Aos poucos viu que era a madrinha sentada num toco de árvore.

-Bom dia, minha filha. Também acordei cedo. Sente aqui pra conversarmos.

-Ela não está na fazenda?

-É. Aninha sumiu há muitos anos e não apareceu mais aqui.

-Mas por quê?

-Seu pai matou o Ditinho e tentou se engraçar com ela.

-Meu pai com ela, outra vez?

-Mas nada aconteceu, porque ela fugiu.

-Mas será que ela morreu?

-Não, minha filha. Ficamos sabendo que ela foi presa lá pelos lados de Barreiro e depois fugiu pra serra. Pode estar em algum quilombo.

-Tá bom, então vou procurá-la.

-Minha filha, primeiro você precisa colocar esta fazenda pra funcionar. Estamos sem dinheiro, as plantações de café estão minguando, os equipamentos em estrago. Muitos negros fugiram e devem estar nos quilombos aqui da Bocaina.

-Será que posso encontrá-los?

-Pode sim. O pessoal sabe onde eles estão.

-Então, vou fazer isso primeiro, pois vamos precisar de mão de obra.

Saiu dali com a negra e foi procurar os outros. Todos a receberam com festa, e até um café da manhã já estava pronto, dentro da senzala. Mesa arrumada com uma toalha de saco, bules fervendo, bolo de fubá e farinha de milho. Maria ficou emocionada quando se sentou num velho pedaço de pau e uma menina veio colocar o café fumegante em uma pequena cuia. Foi saboreando o café enquanto à sua volta dezenas de negros, com olhares profundos, estampavam um misto de dor e alegria, só observando. A cada mordida no bolo ou um gole de café, Maria repassava todos os olhares, num rito calado, mas cheio de emoção, como se cada movimento fosse uma homenagem a ela.

Da altura de sua velhice e sabedoria, a velha Madrinha não se conteve e derramou uma lágrima. Ela sabia que uma coisa importante pra todos estava acontecendo naquele momento. Ela sabia, os outros imaginavam. Maria também sentia a seriedade da ocasião. Acabava de tomar o café mais longo de sua vida. Muito maior do que o próprio tempo

que levou realmente. Ao final ficaram todos estáticos, ninguém conseguia falar nada. Maria olhou novamente e tomou uma decisão.

-Os negros mais fortes encilhem os animais, peguem comida pra todos e vamos subir a serra, buscar a gente de vocês. O resto do pessoal procure serviço pra fazer, principalmente limpar o resto de senzala, que vem mais gente morar aqui.

Todos saíram correndo e a movimentação tomou conta da fazenda. Em poucos minutos vários negros já estavam montados. Em dois cavalos, colocaram sacos de fubá, milho, rapadura, mandioca, açúcar, sal e pó de café. Maria já estava pronta e um negro lhe trouxe um cavalo.

-Vamos gente, que o dia é curto.

Saíram todos serra acima, viajando quase o dia todo. À tardinha chegaram a uma gruta, fechada de mato. Um dos negros assobiou, e aos poucos o mato foi aberto. Um grupo de negros magros, sofridos, apareceu, emocionados com a visão daquela mulher no meio dos fugidos.

-Gente, a patroinha voltou, chamem todos para fora.

-Não, não precisam sair. Vamos ficar aqui hoje à noite. Agora façam as comidas, porque todos precisam comer.

Os negros apearam, amarraram os cavalos e entraram na gruta. Uma fogueira já estava acesa e algumas panelas de barro, vazias, esperando pelo alimento.

-Minha gente, estou de volta à fazenda e vim aqui conversar com vocês. Não quero levar ninguém pra lá, não se preocupem. Mas se vocês quiserem voltar, a fazenda está de portas abertas. O que preciso é de mão de obra para reerguemos a Fazenda Ventura pra todos nós termos uma vida melhor.

-A sinhazinha pode contar com a gente. Nós vamos pra lá, não é pessoal?

Todos aplaudiram a decisão e gritaram ecoando pela gruta. Maria ficou emocionada e escolheu um canto para

dormir. Um dos negros veio com uma esteira e ofereceu para a patroinha. Outro trouxe o succulento angu de fubá pra esquentar o corpo. Todos comeram e dormiram sossegados.

De manhã, já estavam chegando à fazenda, ovacionados pelos que lá estavam. Abraços e choros de mulheres, filhos, irmãos e amigos. Maria subiu pela escadaria e observou emocionada aquilo tudo. Durante o dia, todos se puseram a fazer alguma coisa, pois não era mais hora de festa.

À tardinha um coche apontou no morro em frente à fazenda. Maria foi chamada às pressas.

-Venha, Dona Maria, tem gente importante chegando.

-Quem é, neste final de dia?

O coche chegou e parou no terreiro principal. Maria desceu e foi ao encontro.

-Boa tarde, minha senhora, desculpe o incomodo a esta hora, mas é que venho de Lorena.

-Mas que notícias trazem até aqui?

-Represento uma casa comercial de Lorena, e estou aqui para poder receber uma dívida.

-Dívida deixada pelo meu pai?

-Não, minha senhora, pelos padres, que tiveram que comprar muita coisa para o trabalho diário.

-Mas então a dívida é eles que devem pagar e não eu, que estou chegando agora. É muito dinheiro.

-A lei está do nosso lado, minha senhora, e se acaso não acontecer o pagamento até a próxima semana, teremos que ir à justiça e penhorar sua propriedade pelo pagamento.

-Mas eu não posso perder isso aqui.

-Então, minha senhora, nós aguardamos até a semana que vem.

Falou isso e tocou a carruagem. Maria não pensou muito e tomou as providências.

-Arrumem o coche que vou até a vila de Silveiras.

-Mas, senhora, já está anoitecendo.

-Não tem problema, dois homens vão comigo e levam tochas para a volta.

Sairam em disparada. Chegando à cidade, encontrou o padre fechando a igreja.

-A benção, seu padre. Vim aqui para ver a situação das dívidas que o senhor fez em Lorena, em nome da fazenda. A Igreja vai ter que arcar com isso.

-Não podemos, minha filha, pois tudo que foi comprado está lá.

-Não está, não. Lá só tem as coisas antigas da fazenda.

-Então pode ser que os escravos roubaram tudo. Aqueles negros não prestam, e a senhora tome cuidado que vão acabar com a senhora e a fazenda.

-O senhor é que pensa. Pode ficar tranquilo que eu vou endireitar aquela fazenda, ou não sou uma Quintilhana.

Maria entendeu tudo e virou de costas, voltando para a fazenda. Passou no seu Pitota para comprar alguma coisa.

-Seu Pitota, estou precisando de rapadura. Será que o senhor podia me adiantar isso? Amanhã mando descer uma tropa de café descascado.

-Pode ser sim, Dona Sinhazinha, e se precisar de mais alguma coisa é só levar...

Partiu já anoitecendo para a fazenda, aonde chegou e mandou descarregar as caixas com rapadura na senzala. Cansada e exausta, entrou para o quarto. Deitou estendida, olhando o teto. Ficou a imaginar o turbilhão que viveu naqueles poucos dias de volta à fazenda. Começou a repassar, em pensamentos, sua história e os problemas que iria enfrentar, sem um tostão de dinheiro. Acabou dormindo e sonhando um pouco.

Acordou assustada com a lembrança do sonho de um estalo de madeira, e em seguida o tilintar de moedas cain

do. Quando menina ouvia esses barulhos do outro lado da parede, onde dormia seu pai.

Aquilo ficou martelando em sua cabeça, não conseguindo dormir. De madrugada, levantou, acendeu o lampião e resolveu ir até o quarto onde dormia seu pai. Todos os móveis cobertos por lençóis, para preservá-los da poeira. Com a luz tênue do lampião, ela começou a andar pelo quarto. De repente notou, no assoalho, uma tábua diferente e meio solta de um lado. Resolveu retirá-la, e mesmo usando muita força não conseguiu. Procurou então alguma ferramenta, e encontrou um pedaço de ferro. Pareceu que estava ali na gaveta pra ser usado nisso mesmo. Como uma alavanca, soltou a tábua, e deparou com uma pedra imensa. Com a força das mãos, conseguiu erguê-la e sustentar com o ferro. Viu então alguns potes de barro, fechados com couro e amarrados. Soltou um e levou um susto.

-Minha nossa senhora, são moedas de ouro. Como podem estar aqui? Então é isso! Papai sempre tinha dinheiro que vinha daqui, mas como não sumiu tudo com sua morte?

Apressou-se a fechar tudo como estava, voltando para o quarto. Claro que não dormiu mais, só pensando que tudo estava salvo e resolvido. A dívida podia ser paga, as compras podiam ser feitas, ferramentas renovadas, a fazenda estava salva para sempre. No dia seguinte levantou cedo.

-Pessoal, vamos alcear café nas quarenta mulas e vender tudo rapidamente.

Os escravos correram para a tuia e carregaram os animais, cada um com duas sacas. Maria mandou tocar tudo em direção a Silveiras. Lá chegando, foram direto para a venda do Seu Pitota.

-Seu Pitota, tá aqui o café. Vê quanto o senhor precisa, desconta as rapaduras e me volta o que puder em dinheiro, pois tenho contas a acertar.

-Pois não, Dona Maria, é pra já.

Negócio feito, Maria saiu com o resto, procurando compradores nos pousos onde alguma tropa de passagem se interessasse pelo café.

Encontrou interessados e negociou o resto.

-Mas não tem prazo?

-Vendo com preço bom, seu moço, pois preciso acertar as contas da fazenda.

-Então, tô levando, pois dá pra negociar pelo caminho.

Descarregou a tropa e mandou todos voltarem.

-Vão até a fazenda e carreguem mais café. Depois partam imediatamente pra Cachoeira Paulista. Um dos negros vai comigo, vou negociar a venda pelo melhor preço.

-Sim, senhora, pode contar conosco, mas sabe como é, a tropa tá velha e a caminhada é mais lenta.

À tardinha a tropa chegou a Cachoeira e Sinhazinha estava em frente ao mercado.

-Podem descarregar aqui mesmo, pois já fiz a venda da metade e, a outra, vamos levar em necessidades pra fazenda.

Descarregaram todas as sacas e depois encheram a tropa de sal, farinha, rapadura, pregos, carne-seca, arames, ferraduras, panos, remédios e outras necessidades para a fazenda e, principalmente, para alimentação dos quase 200 negros. Com o dinheiro restante, Maria foi comprando mais ferramentas necessárias. Dormiram num pouso na saída de Cachoeira Paulista. Logo de manhã, partiram para a fazenda.

Chegaram na hora do almoço e mandaram preparar uma carne-seca com feijão para todos. Para acompanhar, quirera de milho. Sinhazinha se dirigiu ao casarão para comer e tomar um belo banho. Depois do almoço, foi até a senzala e chamou a todos.

-Atenção, pessoal, preciso de um grupo de 20 homens para

um serviço especial.

-Eu vou minha senhora e levo os outros. Pode falar.

-Estão vendo aquele capão de café mais velho, ali naquela grota, desde aquele jacarandá até lá na divisa do taquaral? Quero que arranquem tudo e queimem.

-Mas, Dona Sinhazinha, a senhora não pode cortar assim a principal riqueza daqui.

-Posso sim, e vocês vão aprender outra coisa. Depois de tudo queimado, quero que arrumem a terra pra plantar.

Todos confiaram e saíram para fazer o serviço. Naquele dia mesmo, Maria chamou sua ama.

-Limpe o quarto do papai e mude minhas coisas pra lá, que eu vou dormir nele.

-Mas, minha senhora, dizem que o lugar ficou assombrado e está fechado desde que ele morreu.

-Tá bom, não vou discutir isso. Se ele aparecer, eu converso e vejo o que ele quer, pois tenho umas contas a acertar com meu pai.

-Vige Maria, patroinha, Deus que te abençoe. Não fale uma coisa dessas...

Tudo arrumado, naquela noite Maria foi para o novo quarto. De madrugada retirou a tábua e foi ver o que tinha por lá de dinheiro. Espantou-se, pois encontrou cinco potes cheios até a boca. Retirou várias moedas, achando que era o necessário e colocou em uma bolsa. De manhã, acordou cedo, tomou seu café e comandou as ordens do dia.

-Quero que continuem a limpeza do café. Quero dois negros pra me acompanhar até Lorena, vou acertar nossas contas.

Saiu em seu coche, e a tarde estava na cidade, procurando a casa comercial. Achou o lugar, pediu aos negros que ficassem vigiando fora e entrou pra conversar. Encontrou o proprietário sentado em sua mesa, fazendo contas.

-Ah, Dona Maria Quitilhana? Infelizmente já estamos to-

mando providências sobre a sua dívida na justiça.

Maria fechou a porta, abriu sua sacola e derramou as moedas na mesa, deixando o negociante de boca aberta.

-Está aqui o pagamento que não devo, mas o nome Quin-tilhana vai ser honrado...

-Mas, minha senhora, não precisava pagar tudo assim de uma vez.

-Tá pago. Quero a letra quitada e o crédito aberto para que eu possa levar mais coisas. E a prazo.

-Pois não, fique à vontade, enquanto a senhora escolhe, vou buscar as letras. Pode escolher o que quiser, que minha tropa vai entregar lá na fazenda, sem nenhum custo a mais.

-Certo, agradeço sua boa vontade. E pode sair falando pra todo mundo que eu honrei a dívida que não era minha.

Maria chamou os negros, e escolheram mercadorias necessárias ao serviço. Em pouco tempo, o homem estava de volta, com as letras e mais algumas pessoas.

-Dona Maria, esses são meus amigos da cidade e querem se colocar à disposição pro que a senhora precisar.

-Obrigada pela confiança, mas hoje não preciso de mais nada.

Enquanto isso, os negros já estavam com as compras nos animais e foram direto para a fazenda, sem parada. Naquela noite, Maria, ao tomar banho na tina, voltou a viajar em seus pensamentos, pensando em Aninha. Os trabalhos exigiam sua presença na fazenda. Em três dias o serviço de limpeza do terreno estava pronto.

-Bem, gente, amanhã bem cedo quero todos nossos animais arreados, cada um com duas sacas de café. Vamos para Paraty, negociar e comprar mudas de cana-de-açúcar, pois esta fazenda vai ter novidades.

A tropa partiu de manhã, carregada de café, e em dois dias estava em Paraty, onde negociou a carga e partiu em busca de plantadores de cana, para negociar mudas. Depois

de um dia por lá, voltaram para a fazenda. Maria foi ao serviço ensinar os negros a plantar, o que já sabia um pouco, dos livros que leu no convento.

Com as novas medidas tomadas e a fazenda entrando no eixo de produção, tudo começou a acalmar na propriedade. Nem tudo, é claro, pois faltava uma providência.

a busca



Maria começava a se entregar à sua saudade. Passeava pelos locais onde sempre estivera quando criança, pelos jardins, terreiros, a valeta da canalização de água, a cachoeira e, finalmente, desfalecia em seu quarto, onde a saudade batia mais forte. De repente, acordou assustada. Aninha apareceu em seus sonhos, muito triste e doente, mas podia vê-la ainda com seu rosto juvenil, não conseguindo imaginar como estaria atualmente. Não voltou a dormir direito e, no dia seguinte, ficou perturbada com o sonho. Ao final do dia, tomou uma decisão. Chamou seis negros de confiança.

-Estou precisando que vocês façam uma viagem comigo.

-Pode contar com a gente, Sinhazinha, vamos preparar tudo. Mas pra quantos dias é a viagem?

-Nem eu sei direito.

-Mas como? Pra onde vamos?

-Vamos em direção a Barreiro, procurar uma escrava fugida.

-É Aninha, né, patroa?

-É, mas quero que ninguém comente isso com os outros.

-Pode deixar, morreu aqui.

-Um dos negros se adiantou e falou olhando em seus olhos.

-Sinhazinha! Achamos até que a senhora estava precisando dela, ela vai ser muito importante pra senhora, pra fazenda e pra nossa gente.

Na manhã seguinte saíram cedo, levando junto uma tropa cargueira, com alimentos e coisas de viagem. Passaram por Silveiras antes do amanhecer e seguiram para Santana das Areias, aonde chegaram pelo meio do dia. Almoçaram e tocaram a empreitada, chegando ao final do dia em Barreiros. Arrumaram um rancho e pernoitaram. De manhã, Maria estava no comando da polícia.

-Bom dia, meu senhor, posso entrar?

-Pode sim, em que posso ajudá-la?

-Sou Maria Quintilhana e estou procurando uns escravos fugidos lá de minha fazenda. Queria saber se não tem notícias por aqui.

-E qual o nome dos escravos?

-Na realidade são vários. Totonho, Zé Pretinho, Dito Mané e uma escrava, chamada Aninha.

-É, pelo que sei, dos outros não tenho notícia, não. Mas a escrava foi presa aqui há alguns anos atrás, pois tinha uma recompensa, acho que de seu pai, né?

-É, de meu pai. Mas o que aconteceu com ela que não voltou pra fazenda?

-É que houve uma rebelião na cadeia e ela fugiu.

-Mas pra onde foi então?

-Pelo que sei deve ter ido se refugiar em algum quilombo na

serra. Mas lá ninguém vai, não.

-Mas onde fica esse lugar?

-Ah, isso eu não sei, não, minha senhora.

Maria saiu dali nervosa, mas chamou seus negros, deu-lhes algumas moedas e mandou sondarem pela vila, com tropeiros e outros negros. No fim da tarde voltaram com a notícia.

-Nos contaram o lugar, Sinhazinha. Fica no topo da serra, um lugar chamado Sertão da Onça. Podemos chegar lá. Tem um negro que vai nos levar lá por algumas moedas.

-Então vamos levantar acampamento e subir a serra, nem que cheguemos à noite. Cadê o negro que vocês acertaram?

-Ele só vai aparecer no nosso caminho, pois ninguém pode vê-lo sair com a gente da vila.

A tropa saiu tilintando o cincerro subindo serra acima. Algumas pessoas olhavam assustadas, pois ninguém arriscaria iniciar viagem no final do dia, principalmente para aquela imensidão de mato. Quando estava escurecendo, um negro atravessou em frente à tropa.

-Quem vem lá?

-Sou eu, o Genésio.

-Ah, Dona Sinhazinha, fique tranquila que é o negro que contratamos para nos guiar até o quilombo. Ele sabe onde é.

Dito isso, o negro acendeu uma tocha de azeite de mamoná e seguiram trilha acima. Em poucas horas estavam num descampado, onde ranchos de pau-a-pique cobertos com folhas de guaricanga, mostravam que chegaram ao lugar. Com um assobio, alguns negros saíram dos casebres, acenderam tochas e seguiram em direção ao grupo. Maria olhou o pessoal e ficou triste com o espetáculo, pois todos estavam muito magros, definhando. Algumas crianças, com olhos brilhando na escuridão, demonstravam a situação de fome de todos.

-Descarreguem a comida que resta e distribuam para essa gente. Nós não precisamos mais dela.

Dito isso, os cargueiros foram descarregados e os negros praticamente atacaram a comida, tanto que estavam com fome. Maria, apenas com a luz das tochas, procurou por Aninha, mas não a viu.

-Escuta, gente. Estou procurando por uma escrava fugida, lá da fazenda. Ela se chama Aninha.

Ao falar isso, todos se calaram e se entreolharam, como não querendo falar nada. Um dos negros da Sinhazinha se adiantou e falou.

-Podem falar, Sinhazinha veio pra ajudar ela e ajudar a todos vocês.

-Ela está aqui, naquela caverna, está precisando de muita ajuda, pois está doente.

-Onde? Posso ir até lá?

-Pode sim, senhora...

Maria pegou uma tocha e foi em direção à caverna. Alguns negros saíram atrás, mas um de seus escravos segurou todos, deixando Maria ir só. A luz tomou conta da caverna, e ela observou, sobre uma tosca cama de paus, um corpo inerte. Estava dormindo. Maria olhou aquele rosto adulto, mas com os mesmos traços inesquecíveis. Ficou ali, sem poder pronunciar palavra alguma. Não queria acordar Aninha. Com muita calma pegou em suas mãos e mais lembranças afloraram. Maria tentou se conter, e uma lágrima escorreu por seu rosto, caindo nas mãos de Aninha. Maria se arrumou num canto e ficou ali pelo resto da noite, a contemplar aquele rosto, aquele corpo, sem poder saciar sua saudade. Adormeceu.

Ao amanhecer, Aninha abriu os olhos e não acreditou no que via. Ficou estática, mas seus olhos correram por aquele rosto pálido, branco, seu corpo coberto por sob uma

coberta surrada. Ficou em dúvida, mas teve certeza. É ela, depois de muitos anos, ela estava ali, viva, como sempre imaginou.

-Maria?

-Oi, estou acordando, quem me chama?

-Sou eu, Aninha...

Maria deu um sobressalto e num pulo estava na beira da cama, segurando as mãos de Aninha. As duas se abraçaram aos prantos. Maria queria que o abraço continuasse, mas se segurou, devido à situação de Aninha.

-O que aconteceu, querida menina?

-Não sou mais menina. Estou machucada, pois, ao fugir de uns capitães do mato, caí numa ribanceira e bati a cabeça. Mas já estou bem melhor. Há alguns anos moro neste lugar, e faz dois meses que estou aqui deitada, mas os amigos me dão comida e curativos.

Aninha contou tudo o que sofreu nas mãos do Coronel Ventura. Contou sua fuga, a prisão em Barreiro e a chegada ao quilombo.

-Mas você não pode ficar aqui.

-Não posso sair, não.

-Como não? Eu posso levá-la pra fazenda.

-Não, a fazenda não, seu pai...

-Não se preocupa, não. Ele morreu e eu estou comandando a fazenda.

Aninha ficou calada por uns instantes, pensando em tudo o que viveu nas mãos daquele homem. Maria a reanimou.

-Então, vamos embora?

-Não posso. Vão me prender. E essa gente que me ajudou? Eles não podem ficar sem mim.

-Vamos fazer o seguinte, você chama todos e conta quem eu sou. Vou levar todos e vamos passar em cada fazenda que

eles fugiram, vou comprar a todos e levar com você para a fazenda.

-Você tem dinheiro pra isso tudo? Tem 20 negros aí, com mulheres e crianças, e isso vale muito dinheiro.

-Não tem problema, eu tenho o dinheiro.

Aninha saiu e chamou todos que esperavam lá fora, ansiosos.

-Gente, esta é minha patroa, Maria Quintilhana. Ela veio me buscar pra levar pra fazenda...

-Só leva depois que nos vencer, do contrário não leva, pois não deixaremos

-Fiquem calmos, ela quer levar vocês também lá pra fazenda. Vai passar na polícia e pagar aos seus patrões o preço que eles pedirem.

-Mas ela tem dinheiro pra isso?

-Tem sim, podem confiar em mim, assim como eu confiei em vocês.

Dito isso, todos se animaram, juntaram suas tralhas e pegaram a direção serra abaixo. Aninha foi carregada em uma rede por dois negros. Entraram em Barreiro, chamando a atenção de todos, causando um alvoroço entre as autoridades. Alguns políticos e a polícia apareceram e cercaram o grupo. Maria assumiu o comando, o que espantou a todos.

-Sou Maria Quintilhana e quero resolver a situação desses coitados.

-Mas a senhora pode levar somente a preta Ana, que é sua, já sabemos, mas os outros não pode.

-Tenho uma proposta, comandante. Procure os outros donos de escravos que eu compro todo mundo e levo-os pra minha fazenda.

-Mas a senhora não pode fazer isso.

-Se não aceitarem, vai acontecer aqui uma desgraça desnecessária.

Seus negros retiraram as armas que estavam escondidas por sob as capas e se prepararam. O número de armas acabou sendo maior do que o da polícia local.

-Bom, se é assim, vamos resolver isso lá na cadeia.

-Primeiro quero um doutor pra atender Aninha. Ela está machucada e precisa de curativos.

Um homem se apresentou e se colocou à disposição pra ajudar.

-Pode ir, Aninha, vai um dos meus com você. E, doutor, veja quanto vai ficar que eu pago tudo.

Foram todos pra lá e o comandante mandou chamar os fazendeiros. Em poucas horas estavam todos lá reunidos com D. Maria.

-Nós até concordamos em negociar com a senhora, pois esses negros não servem para mais nada mesmo. Mas nós queríamos saber quem vai garantir as letras de compra desses homens?

-Não precisa ninguém para garantir, pois vou pagar tudo em dinheiro.

Ao falar isso, um de seus negros se adiantou e colocou uma sacola, cheia de moedas em cima da mesa. Todos ficaram boquiabertos, e Maria começou a negociar, exigindo bom preço pelo pagamento em dinheiro. Todos concordaram e assinaram ali mesmo os papéis de vendas. Após o acerto, foi atrás de Aninha, que descansava na casa do doutor.

-Vim saber como está minha escrava.

-Pois é Dona Maria, está bem. Ela está só com uma infecção. Basta à senhora dar bastante arnica e também fazer um curativo com mentruz e sal no local, como eu já fiz.

-Então, posso levá-la?

-Pode, desde que a senhora veja se compensa curá-la, pois não deve valer muito, não

Maria ficou nervosa, pagou o doutor e mandou os ne-

gros levarem-na até o pouso onde iam ficar. Deitaram na rede mesmo, com Maria sem tirar os olhos de Ana a noite toda. Não conseguia dormir, pensando que aquele deveria ser mais um dia importante de sua recente vida. Era o começo de muitas decisões e felicidades.

Na manhã seguinte acordaram cedo, arrumaram a tropa e alojaram Aninha num dos animais. Saíram pela rua central de Barreiros, com muita gente olhando a cena e comentando. Um deles arriscou uma frase:

-É, esta mulher vai nos dar muito trabalho com essa atitude de comprar negros fugidos.

-Pode dar em nada, pois nunca vi mulher dar certo nos negócios por aqui.

A tropa seguiu em direção à fazenda. Passaram por Santana de Areias, onde a notícia já tinha chegado. Todos saíram à rua para ver o cortejo, que parou atrás da igreja para comer um pouco. Maria aproveitou e levou Aninha em mais um doutor pra acompanhar sua saúde.

Chegando a Silveiras, passaram no armazém do Seu Pitota em busca de mais alimentos. Na porta, um dos fazendeiros observou e falou, repetindo a mesma frase.

-É, esta mulher nos vai dar muito trabalho. Pode escrever o que eu digo.

Maria escutou e voltou ríspida.

-Eu não vou dar trabalho, não. Vocês é que vão dar muito trabalho pra mim.

A notícia correu, e rapidamente o local estava cheio de gente. Todo mundo impressionado com a determinação de D. Maria. Seguiram estrada acima e no final do dia chegaram à fazenda. No terreiro já estavam os negros, chegando do serviço e fazendo festa à patroa e Aninha. A velha negra foi ao encontro de Aninha, enquanto alguns negros a retiraram do cavalo.

-Minha filha, você está de volta e está doente. Venha que a madrinha vai cuidar de você.

-Sim, senhora. Estou de volta. A senhora me perdoe pelo que fiz.

-Não tem o que perdoar. Agora estamos todos juntos outra vez e isso é o que interessa.

De longe, Maria observou e resolveu deixar a amiga por conta deles, pra não forçar nada. Os negros a levaram para a senzala e a colocaram num catre de madeira. A velha negra foi providenciar seus remédios, e alguns minutos depois estava de volta pra ajudar Aninha.

-Vou esquentar esse machucado, minha filha. Depois você vai descansar bastante, que tudo vai dar certo.

De repente, seu olhar ficou parado olhando pra longe.

-O que foi, minha filha?

-Eu voltei mesmo? Isso tudo é real madrinha?

-É. Você está de volta à sua casa, de onde nunca deveria ter saído. Agora a história vai ser resgatada. Tudo vai acontecer.

-Será que tudo vai acontecer mesmo, madrinha? Eu estou muito confusa com tudo. Acho até que eu já deveria ter ido embora deste mundo, talvez fosse melhor.

-Não, minha filha, Deus escreve tudo certo, pode ficar tranquila que você vai viver novamente. Tudo o que você perdeu de sua vida até agora, vai vir em dobro.

-Mas, será que Maria...

-Fique tranquila, minha filha. Deus quis que você sobrevivesse. Deus quis que Maria voltasse pra fazenda. Então não tem nada a temer. Resta a você viver a felicidade que está guardada há muitos anos pra você e, com certeza, pra ela também... E tem mais, a felicidade vai ser pra todos nós, que sempre sofremos aqui. Esse tempo terminou, agora entramos noutra tempo. Um tempo onde você vai imperar...

Falou isso e se levantou, deixando Aninha sozinha. Ela ficou a olhar pra nada, procurando confirmação de tudo. De repente seus olhos se encontraram com a chama da lamparina. A chama da lamparina que Maria estava olhando em seu quarto também. Procurou dormir, mas lembrou os acontecimentos passados, as felicidades, os sofrimentos e adormeceu não acreditando que tudo estava se resolvendo.

Na senzala, a chama foi se esmaecendo, e Aninha dormiu, absorta em seus pensamentos. Os sonhos de felicidade finalmente voltaram à sua mente, lembrando os momentos felizes que passou naquele lugar. Acordou assustada e procurou com os olhos sua amiga, pensando que voltara para junto de seu leito. Mas era só sonho...

Aninha, restabelecida, começou a andar pela senzala, depois pelo terreiro. Pela janela entreaberta, Maria a observou desfilando em seu vestido de chita e panos pobres. E assim passaram-se alguns dias até que se encontraram novamente. Aninha já estava em sua saúde plena, o corpo torneado novamente e o olhar com mais esperança.

-Olá, Aninha, entra. Chamou Maria, sentada na cozinha, apreciando um belo doce feito pela cozinheira. O furrundum.

-Pois sim, minha menina, vou entrar.

-Deixe disso, você sempre foi de casa...

Aninha entrou, se acomodou numa ponta do banco, bem em frente à Maria. Os olhares se encontraram por entre uma jarra de água e o doce, com o melado caindo e a cor lembrando a miscigenação das raças.

-Aninha, você precisa voltar a trabalhar. Você sabe que todos estão precisando de sua garra.

-Pode contar comigo, sinhazinha, mas acho que devemos nos manter à distância, para o bem dos serviços.

-Não se preocupe com isso, quero que você venha morar

comigo na fazenda.

Aninha ficou surpresa com a proposta. Tudo que ela queria ouvir, mas a vida lhe ensinou que tem que decidir tudo com muita calma.

-Maria, precisamos tomar decisões mais maduras. Você sabe que todos estão de olho.

-Eu sei, mas acho que todos já decidiram concordar.

-É, pode ser, mas vou falar com a madrinha.

-Tá bom, eu espero.

Aninha saiu pela porta da cozinha, tendo ao fundo o sol já se pondo. A luz, varando o vestido de chita de Aninha, mostrava as formas de seu corpo, provocando um olhar saudososo de Maria, que continuava sentada à mesa.

Num final de tarde, Aninha foi até o ribeirão lavar sua roupa e, de repente, sentiu que estava sendo observada. Velhas e fortes lembranças voltaram à sua cabeça, mas logo viu que não podia ser nada ruim. Por entre as folhagens, viu o rosto de Maria. Aninha estava molhada, com o vestido colorido, colado ao corpo, provocando o olhar de Maria. Ela sentiu isso e procurou levantar ainda mais o vestido, colocando a mostra suas coxas bem torneadas. Maria se aproximou, sentou-se numa pedra, a poucos metros de Aninha, e continuou a observar.

Não precisou nem uma palavra a respeito de tudo, os olhares comandaram as ações. Em poucos minutos Maria retirou a roupa e entrou na água. Mergulhou e foi aos poucos procurando pelo corpo de Aninha.

-Estava com saudades de você. Faz muito tempo, agora você é uma mulher.

-Você também. Mas nosso juramento ainda está valendo?

-Está, e acho que com muito mais vontade, força e amor. Completou Maria.

Aos poucos as vozes se calaram, abraçadas, elas caí-

ram no ribeirão. O que restava de roupa foi se soltando, como num passe de mágica, e os corpos ganharam aderência, com a água escorrendo pelos cabelos, seios, corpos, pernas... As duas voltaram a se tornar um corpo só. O amor renasceu, abençoado pelas águas. Floresceu com o êxtase das mãos, bocas e abraços, se enchendo de felicidade. Tudo se acabou com as duas nuas, deitadas na grama, tendo o sol, o ribeirão e a natureza como testemunhas.

-Maria, precisamos ir. Está escurecendo e alguém pode notar.

-Se notarem, seria bem melhor. Acho que devemos assumir tudo, não acha?

-Acho também. Sabe, falei com a madrinha ontem à noite.

-E aí, o que ela falou?

-Disse que tudo que acontece é por destino mesmo. Se tem que ser assim, vai ser, e não devemos ficar nos proibindo, nos escondendo do que todo mundo já sabe.

-Que bom, então. Você vai aceitar morar na fazenda?

-Vou, mas pra trabalhar pra você. E tudo isso vai ter um preço e um sonho, que me foi negado na flor da idade e agora quero recuperar, a qualquer custo.

-Um sonho? Mas já está tudo certo entre nós. Tem mais alguma coisa?

- Tem. Quero voltar a comandar a tropa da fazenda, pois precisamos nós mesmos ir vender as coisas no litoral e no Rio de Janeiro.

-Aninha, você já é a tropeira da fazenda.

-Então, vamos embora.

As duas saíram abraçadas, alegres, em direção à fazenda. Chegaram direto na senzala, onde encontraram a madrinha.

-Minhas filhas, vocês estão muito felizes. E isso é bom, porque toda essa gente também vai ficar feliz.

Aninha pegou suas coisas e com Maria se dirigiu à sede da fazenda. Naquela noite, as duas sentaram-se na cozinha, e Maria preparou um doce que aprendera no convento, motivo para conversarem sobre a fazenda.

-Maria, o que você vai fazer aí? Você nunca foi de cozinha.

-É, nunca fui. Mas aprendi muita coisa lá no Rio. Pra comemorar nossa festa, vou fazer um bem casadinho.

-Como? Tem doce com esse nome?

-Tem sim, é fácil, você vai ver.

-Enquanto esse doce sai, vamos falar de coisa séria, Maria.

-É, Aninha, vamos ter que fazer muita coisa, mas a situação na região está muito difícil. Essa falta de dinheiro, a produção se esvaindo, principalmente com esses velhos pés de café.

-Pois é, a produção já não é mais rentável como era antes. Mas precisaremos de muita calma para podermos nos ajustar. Como vamos fazer com todos esses escravos e mais gente chegando por aqui, Maria?

-Aninha, acho que o nosso problema será outro, pois tenho uma boa novidade. Um assunto que só eu sei, e a segunda pessoa a saber será você, mas tem que prometer guardar segredo, mesmo pra sua gente, pra madrinha, pra todos.

-O que é tão importante assim?

-Venha comigo que te mostro.

Maria pegou um lampião e puxou Aninha pelas mãos até seu quarto.

-Maria, não vou entrar aí, não. Esse quarto do Coronel é mal assombrado, sabia?

-É não, venha.

Abriu a porta, fechou por dentro e colocou o lampião sobre uma mesinha. Sob o olhar atento e curioso de Aninha, Maria abriu a tábua e chamou Aninha.

-Veja o que papai me deixou.

-Maria, quantas moedas! Nossos problemas, os problemas da fazenda estão resolvidos.

-Não, Aninha! Estamos com um problema muito grande, pois não podemos mostrar que temos este dinheiro. Os políticos e os outros fazendeiros não iriam gostar nada disso. E o padre vai querer mais dinheiro.

-Mas você não poderá gastar seu dinheiro?

-Poderei sim, Aninha, mas não posso despertar a curiosidade dos outros. Por isso, vamos usá-lo para multiplicar tudo o que temos.

-Muito bem, mas como vamos fazer isso?

-Primeiro, vamos programar uma viagem pra Sorocaba, onde vamos comprar pelo menos 200 mulas e burros, assim teremos autonomia para vender a nossa produção e ganhar mais dinheiro, certo?

-Muito bem, então vamos fazer isso, mas precisaremos de mais homens para comandar isso tudo.

-Você escolhe entre sua gente e ensina o ofício.

Ao final da conversa, as duas já estavam na cama, num abraço forte em um sono profundo, à espera do que viria.

a uniãõ



Dias depois, Maria, Aninha e alguns homens partiram rumo à Sorocaba para visitarem a feira de muares. Depois de uma semana, chegaram à cidade e foram direto para o local onde as tropas estavam paradas. Maria perguntou por preços, mas os vendedores não davam muita atenção àquela mulher franzina, até duvidando de sua condição para comprar animais. Um velho, sentado à beira de um rancho, puxou conversa.

-A sinhazinha tá querendo comprar animais?

-É. Estou precisando fazer negócio logo.

-Se a senhora quer comprar coisa boa é melhor esperar mais uns dois dias que vai chegar o Fernandão, um dos melhores negociadores e também com os melhores animais pra nego-

ciar. E é bom de prazo.

-E ele vem pela trilha do Sul?

-Vem sim, senhora. Todo mundo vem por esta trilha e depois some por ela mesma. Só aparecem depois de um ano.

Maria escutou e pensou um pouco. Dormiu em Sorocaba e na manhã seguinte saiu cedo em direção à trilha do Sul. À tarde, depois de uma jornada de quatro léguas, encontraram um pouso para ficar.

-Boa tarde, meu sinhô. Tem pouso aí pra minha gente e pra mim?

-Minha senhora, tem um rancho lá pra eles e pra senhora posso arrumar um dos quartinhos de minha modesta casinha.

-Não precisa, não, meu senhor. Durmo com minha gente mesmo, pode deixar. Eu só queria saber se o Fernandão passa aqui com seus animais...

-Passa sim, minha senhora, e, pelo recado que recebi, deve chegar antes do final do dia. Dorme sempre aqui, pra chegar até a feira com os animais descansados.

-E ele traz muitos animais?

-Traz sim. É uma das maiores manadas de muares do Sul e tudo coisa boa.

-Então, tá bom, até amanhã, pois vamos nos recolher.

No dia seguinte todos ficaram no descanso, observando a curva da estrada. Lá pelas tantas, o barulho de um cincerro ecoou no vale e junto com ele o som ensurdecedor dos cascos dos animais. A poeira levantou branqueando o céu. Em pouco tempo os tropeiros estavam colocando os animais no pasto cercado, já reservado para eles pelo dono da pousada. Maria se colocou para observar a tropa, quando um homem se aproximou.

-Boa tarde, sinhazinha. Gostou dos animais? Se quiser, posso te arrumar uma mula boa de cavalgada.

-E o senhor tem mula boa?

-Tenho sim, posso até arrumar três ou quatro, se puder comprar.

-É, meu senhor, preciso sim. Mas quantos animais o senhor tem ai neste cercado, entre mulas e burros?

-Olha minha senhora, é muita coisa, entre mamando e caducando tenho cerca de 200 animais. Vai ser pouco quando eu chegar a Sorocaba, mas um ou dois animais não vão me fazer falta.

-Pois é, podemos negociar, então?

-Olha, tô meio cansado, mas podemos já, pois assim a senhora poderá seguir viagem ainda hoje.

-Então, vamos entrar no pouso pra podermos negociar.

-Minha senhora, um animal a gente negocia aqui mesmo na cerca. Felisbino, toca aquela mula ali do fundo pra cá, pra senhora olhar.

-Mas, meu senhor, só faço negócio em particular. Lá dentro, pode ser?

-Pois, se é assim pode. Vamos lá.

Fernandão saiu na frente e Maria foi atrás, com seus homens e Aninha com uma algibeira nas costas. Os homens de Maria ficaram pra fora e ela entrou com Aninha e Fernandão.

-Sente-se aí, minha senhora.

-Pois não, podemos ficar somente nós três na conversa?

-Pois pode. Mas o que a senhora quer comprar?

-Quero que o senhor faça preço na tropa toda, sem tirar nenhum animal.

Fernandão, que já estava com uma caneca de cachaça na mão, virou o gole de repente, quase se engasgando e levantando-se.

-Minha senhora, não tenho tempo pra perder com essas brincadeiras. Quem aqui em Sorocaba vai ter dinheiro pra levar toda a minha tropa? Faz dez anos que negocio por aqui e

até agora não apareceu nenhum bom de bolso pra isso.

-E não vou pagar com letra, não. Vai ser no dinheiro.

-Como a senhora tá abusando dessa conversa...

Maria deu um sinal pra Aninha e ela virou a algibeira na mesa, despejando um monte de moedas. Fernandão arregalou os olhos e, num pulo, fechou a porta.

-Minha senhora, pensando bem, acho que podemos negociar. Mas a senhora não vai querer nenhum prazo?

-Pois é, quero que o senhor faça o preço para pagamento em dinheiro, mas que diga a todo mundo que eu comprei com letra pra pagar em um ano, como é de costume.

-Certo, posso fazer isso, sim. Já entendi o negócio da senhora. Mas pra onde vão todos esses animais?

-Vão pra minha fazenda, na cidade de Silveiras, lá no Vale do Paraíba.

-Conheço o lugar, no caminho pro Rio. Mas então a senhora pode contar comigo. Eu e a minha turma vamos até entregar a mercadoria, pois só a gente pra comandar essa tropa xucra.

-Agradeço, então, o favor. E pode deixar que, já na cidade, com-pro carne-seca, rapadura e farinha pra todos.

Um pouco de conversa e o negócio foi fechado. Maria, Aninha e os negros saíram da estalagem e foram direto para o curral, e Fernandão foi atrás.

-Pessoal, vamos todos comemorar, a tropa já tá negociada e o pessoal de Sorocaba vai ficar na saudade este ano.

Todos ovacionaram e seguiram direto para a estalagem tomar um trago. Maria e sua gente foram para seu canto no rancho descansar, pois o dia seguinte ia ser trabalhoso.

Logo de manhã, Maria e Aninha acordaram com o barulho da tropa. Levantaram rapidamente e já se depararam com a tropa saindo do rancho.

-Bom dia, D. Maria e D. Aninha. Como combinado, estamos

saindo cedo, pois a jornada vai ser grande até Silveiras. Seria bom vocês nos acompanharem na viagem. E podem ficar sossegadas, pois minha gente tem respeito.

As duas e seus homens se arrumaram rapidamente e partiram atrás da tropa, que levantava poeira, tampando os primeiros raios de sol da manhã.

Na hora do almoço estavam em Sorocaba, onde as tropas se juntavam para a venda. As duas e os negros pararam numa estalagem pra comer, enquanto o pessoal da tropa fazia o almoço. Ao entrar na estalagem, provocou um pequeno alvoroço de vozes, pois a história da compra já corria solta.

-Vai o que pra comer, minhas senhoras? Mas já vou avisando que só temos um feijão tropeiro e quirera.

-Então é isso mesmo pras duas e pra minha turma aqui.

Um senhor que observava se achegou pra puxar assunto.

-Que mal me pergunte: Não se interessam na compra de algumas mulas e burros vindos de bons criatórios do Sul?

-Não, meu senhor, pois já compramos o que precisávamos e já estamos de partida.

-Mas a feira nem bem começou. Muita coisa boa está pra chegar, e acho que a senhora pode ter comprado coisa ruim.

-Meu senhor, não se preocupe, não. Cuide de suas vendas, que nós vamos cuidar de nossas compras. Passe bem, que agora queremos comer alguma coisa.

Todos se olharam, e o homem se afastou. Ao acabar o almoço, um senhor simples e calmo se achegou na mesa.

-Com licença, sinhá dona. Zé Ferreiro à sua disposição. Eu queria oferecer meus serviços com algumas ferraduras, pois sei que vai precisar.

-Tem ferradura pronta ou vai fazer?

-Posso atender o que quiser, minha senhora.

-Mora aqui em Sorocaba?

-Não, minha senhora. Ando por todo lado e no tempo da feira, venho até Sorocaba, pra ganhar uns trocados.

-Me interessa sim, e até faço uma proposta pra seguir viagem com a gente e ir trabalhar na fazenda pra mim. Tenho boa morada, comida e ganho bom pra ferreiro.

-Mas se é assim, tô pronto. E não vamos nem combiná preço, pois a senhora me inspirou confiança, coisa rara nos dias de hoje.

-Então junta as coisas e pé na estrada. Precisa de ajuda?

-Não, minha senhora. Tenho quatro mulas pareadas pra viagem com os ferros. Já encontro a senhora na saída da cidade.

Logo se juntou à tropa, e partiram numa jornada de alguns dias até Silveiras. No caminho, as duas iam sempre juntas, mas se respeitando, para que nada tirasse a autoridade perante os tropeiros. Numa tarde chuvosa, com raios pra todo lado, a comitiva chegou à fazenda, onde todos já esperavam, porque Ana mandou um negro na frente pra organizar uma festança e muita comida pra todos.

Os animais foram chegando e sendo encaminhados pro pasto, onde os esperava um capinzal verde e milho.

-Chegamos, pessoal! Agora vamos ter muito mais trabalho por aqui. Mas antes vamos comemorar. Preparem a comida no rancho, chamem os atabaques, que hoje tem comemoração.

Nem conseguiram entrar na casa, e foram arrastadas para a festança.

-Viva a patroa! O grito saiu da goela de mais de cem negros reunidos no grande terreiro.

A chuva tinha parado, a lua cheia apontou na comemoração. Tochas acesas ajudavam a iluminar o lugar. Embaixo de um rancho, um panelão fervia a comida, um sabo-

roso fogado, preparado pela cozinheira dos negros. Os tambores chamavam todos para uma roda de jongo caboclo, com os homens vestidos de capas, a fogueira no meio e dois deles sentados por sobre os tambores, batendo freneticamente. Ana e Maria ficaram observando a festança, mas relutaram em participar. Um dos negros foi até elas e as convidou.

-Venha participar, sinhazinha, a festa é pra senhora e pra ela.

Aos poucos elas foram chegando e se juntando ao grupo, que naquele momento enchia mais a cantoria. Ana e Maria entraram no rancho, e ao mesmo tempo foram cobertas com capas de tropeiros. A negra velha chegou e puxou as duas até o meio do terreiro, onde os dançadores, como que se houvesse uma ordem, fizeram a roda em volta delas. A cantoria aumentou o ritmo, e os dançadores pareciam tomados pelo ritmo frenético. Um dos negros puxou a cantoria com versos rimados, os outros entraram pra “acuá”, como eles dizem.

- O que estão cantando, Aninha?

-Estão preparando um ritual pra nós duas, Maria.

-Como assim?

-Eles querem que os guias abençoem nós duas, pra que aconteça tudo de bom daqui pra frente.

-Mas, eles...

-Não se preocupe, Maria. Eles já sabem de tudo, mas querem a nossa felicidade. Daqui pra frente estaremos abençoadas pelos nossos guias e pela minha gente.

Nem terminou de falar, dois negros agarraram as duas e colocaram uma de costas pra outra. Amarraram uma fita vermelha em volta e as fizeram girar no terreiro, enquanto os cantadores dançavam em volta. Aos poucos, Ana e Maria ficaram tontas; a negra velha trouxe uma cuia com uma bebida estranha e fez as duas beberem um gole. Outro ne-

gro se aproximou com uma pequena agulha e furou a ponta dos dedos das duas.

Ao sair o sangue, juntaram os dois dedos, misturando o líquido, que caiu na cuia. A cabaça voltou às bocas de Ana e Maria que beberam, já quase sem controle de si próprias. Uma fina chuva começou a cair, encharcando cabelos, roupas e corpos de ambas. Elas se abraçaram e caíram juntas no terreiro. A água fria da chuva e o suor se misturaram com as lágrimas, provocando um aroma diferente ao contato num frenesi total. Depois de alguns minutos, acordaram deitadas no chão.

-O que aconteceu, Ana?

-Aconteceu tudo, Maria, aconteceu tudo certo...

-Tudo certo, como?

-Estamos unidas, agora tudo vai ser diferente...

Olharam pra cima e viram os negros, todos parados e olhando curiosos. As duas se levantaram. Todos gritaram e bateram palmas, indo com as cuias na mão, em direção à panela para o jantar. Um dos negros trouxe duas cuias para elas, que sentaram numa pedra e passaram a comer sem falar nada. Seus olhares demonstraram a felicidade. Num canto, os negros comiam na cuia e ao mesmo tempo olhavam para as duas, com olhares de aprovação.

Os negros foram se recolhendo e as duas também saíram em direção à casa. A velha negra se aproximou com algo nas mãos.

-Minhas filhas, levem isso, um pra cada uma. É um patuá de nosso povo, pra proteger vocês pela vida toda.

Elas se entreolharam e continuaram a caminhada pra casa. Maria entrou no casarão ao lado de Aninha. Foram direto pro quarto. Uma tina com água quente já estava por lá. Ana se despiu, com Maria olhando pra ela, ao som da chuva que voltava a cair fortemente. Em pouco tempo já

estavam na tina, se deliciando com a água quente, e toda a volúpia do amor entre as duas tomando conta daquele quarto. Naquela hora as duas se modificavam, deixando de lado a robusteza e o cansaço da festança, e se mostravam, simplesmente, mulheres ansiosas por prazeres cada vez mais vívidos e agora sem receio nenhum.

Após o banho, se enxugaram e caíram exaustas na cama. Mesmo ao som dos atabaques, que os negros continuavam a festejar, dormiram em seguida. Aquela noite seria o divisor de águas na vida das duas, para sempre.

Maria passou então a melhorar a situação da fazenda, usando o que aprendeu no período da clausura. Ao mesmo tempo, agilizou os plantios de novas produções na fazenda e começou uma luta em defesa dos negros.



a fazenda



A fazenda se desenvolveu nas mãos das duas mulheres e tornou-se um local de recebimento de negros fugidos de outros proprietários. Maria foi comprando todo mundo. Com a Lei de Alforria, começou a libertar todos os seus escravos, mas eles continuavam ajudando sua benfeitora. Implantou um sistema de parceria com os negros no plantio do café, cana-de-açúcar, mandioca e algodão. Maria Quintilhana ordenou que se ensinasse aos negros noções de escrita, provocando a ira dos outros fazendeiros, pois negro não podia aprender a ler.

Ao mesmo tempo, Maria colocou Ana comandando as tropas da fazenda, cuidando dos negócios de vendas nos portos de Mambucaba e Paraty. Para evitar as barreiras da trilha

via Pouso do Barreiro, resolveu abrir nova trilha pela Bocaina, subindo a serra da Boa Vista. Criou assim um novo atalho para quem se dirigia ao Porto de Mambucaba. Obteve mais lucro, tanto nas viagens de suas tropas, quanto na cobrança mais em conta para outros tropeiros que iam ao mesmo destino.

Aumentava cada vez mais a ira dos fazendeiros da região, principalmente porque ninguém entendia direito onde ela arranjava tanto dinheiro, enquanto a crise se abatia nos produtores de café. O rancor espalhava a notícia de que elas comandavam os assaltos nas trilhas da região. A independência das mulheres chegou ao imperador, no Rio de Janeiro. Uma manhã, um grupo de cavaleiros surgiu na fazenda e Maria atendeu.

-Quem vem lá? Querem alguma coisa?

-Minha senhora, somos fiscais do Império e queríamos conversar com a senhora um pouco.

-Pois conversem daí mesmo, nem precisam descer dos animais.

-Mas temos muitos assuntos, e acho que é do interesse de sua propriedade.

-Então, que seja rápido. Entrem que vou preparar um café.

Os homens subiram as escadas e se acomodaram na varanda, aonde D. Maria chegou rapidamente de volta com umas canecas de café.

-Pois podem falar qual é o assunto.

-O Imperador nos mandou aqui porque chegaram notícias de que a senhora não está cumprindo os impostos obrigatórios do que a fazenda produz.

-Acho que não é bem assim. Como vê, sou quem mais alforriou negros aqui na região, arrecadando um bom numerário pra coroa.

-A senhora tem razão. Mas e quanto à produção?

-Os senhores sabem muito bem como anda a situação. Estamos quase todos quebrados por aqui. É certo que estamos melhores do que os outros, mas porque negocio direto e planto outras culturas. Vocês, por exemplo, também precisam de mais dinheiro, não é certo?

Falou isso e jogou um saquinho de moedas sobre a mesinha em frente. Os homens se entreolharam, relutaram um pouco, até que o chefe deles pegou o saquinho, abriu, deu uma olhada e guardou.

-Pois é, minha senhora, acho que nossa visita já deu resultado. Agora podemos ir embora e fique calma.

-Eu sempre fui calma, mas quero ficar mais.

-Certo, D. Maria. A nossos olhos comunicaremos à coroa que nada de errado foi encontrado em sua propriedade. Continue produzindo, mesmo que os outros assim não o façam.

Ficou livre, mas poucos dias depois chegou o delegado e encontrou Aninha arrumando os animais no terreiro.

-Bom dia, Aninha. Dona Maria está?

-Está sim, senhor. Mas quem devo anunciar?

-Sou o Dr. Antonio, delegado da vila, e preciso falar com ela.

De cima das escadas Maria já olhava a conversa.

-Em que posso ser útil doutor?

-Posso subir?

-Pode, doutor.

Maria chamou Aninha também. Sentaram, Maria em sua poltrona preferida, e escutaram o delegado.

-Existe comigo uma investigação sobre roubos de animais e cargas nas trilhas da mata, e um dos presos levantou a suspeita de que vocês poderiam estar envolvidas.

-Como envolvidas, doutor? O senhor que não me venha com essa conversa pro lado de cá. Saia daqui já.

Maria falou com raiva e correu pra dentro, voltando, imedia-

tamente com uma arma enfiada na cintura, e desceu atrás do delegado. Nisso alguns negros já estavam ao lado, prontos pra agir.

-O senhor que se ponha daqui pra fora, pois quando tiver uma confirmação de alguma gravidade de minha gente, que volte a falar.

-Mas, minha senhora, quero só conversar pra saber sua situação.

-Não tem conversa, não. O senhor se retire, por favor, antes que tudo piore. E fique tranquilo que eu vou pra sua delegacia falar o que penso.

-Então fica combinado, eu te aguardo. E que venha com uma boa história.

O delegado saiu devagar, montou em seu animal e subiu a estradinha de volta pra vila. Aninha ficou preocupada.

- Maria, você deixou o homem nervoso. Isso vai ser ruim pra nós. E se ele resolve tomar providências mais enérgicas?

-Não vai tomar, não. Mande prender uns cavalos, chame os melhores negros, que amanhã vamos subir a serra.

-Subir a serra, pra que?

-Você não falou que já topou esses bandidos por lá? Então nós vamos pegá-los, já que as autoridades não tomam providências, certo?

-Certo, Maria. Logo de madrugada estaremos prontos.

No dia seguinte as duas e mais alguns negros saíram pelas trilhas da Serra da Bocaina. Não precisou muito e descobriram um rancho e animais num potreiro no Alto da Boa Vista. Eles desceram sorrateiramente e prenderam cinco bandoleiros, além de vários animais e mercadorias. Amarraram os homens, colocaram as cargas nos animais e desceram pra vila.

Era pleno sábado de Aleluia quando chegaram à vila, uma algararra entre a molecada chamou a atenção. O gru-

po atraiu os olhares. Pendurados num canto, dois judas vestidos de mulher. Uma negra e uma branca, prontos para serem malhados.

-Como falei, a história já está por aqui...

As duas puxaram o cortejo e todos foram atrás, pra saber o que acontecia. Pararam em frente da cadeia e descarregaram as mercadorias, amarraram os animais e colocaram os homens na porta. O delegado saiu correndo.

-Doutor, viemos aqui, mas não precisamos nem falar sobre aquele assunto. Estão aí os criminosos e as provas do crime. O senhor que tome as devidas providências.

-Viva as Quintilhanas! Gritou alguém no meio do povo.

Todos responderam:

-Viva!

Assim elas limparam os nomes e impuseram respeito entre as autoridades, o povo e os fazendeiros da região. Passaram a ser conhecidas definitivamente como “As Quintilhanas”.

Estavam saindo da vila, quando chegou em disparada um cavaleiro de sua fazenda, quase não conseguindo falar.

-Dona Maria, a senhora precisa voltar logo...

-Acalme-se homem, o que aconteceu?

-Tá bom. É que chegou lá o tal do engenho que a senhora comprou do estrangeiro. Mas tá tudo quebrado e não deixamos o vendedor sair de lá enquanto a senhora não chegasse.

-Então vamos logo.

Sairam em disparada da vila, deixando mais uma notícia preocupante. As Quintilhanas tinham comprado um engenho de cana-de-açúcar, importado da Inglaterra. Chegaram à fazenda e viram que a notícia não tinha fundamento. O engenho estava todo desmontado em peças pra poder ser transportado desde a Inglaterra. Nos dias que passaram, ficaram na montagem da máquina junto à roda d'água que

já tocava o moinho de pedra. Um belo dia, todos foram chamados pra grande festa da primeira moagem de cana.

-Agora precisamos de gente, pois vamos começar a produção de açúcar e rapadura pra até mandar pra Europa.

-Certo, patroa, me deixa entrar nessa empreitada? Vou trabalhar dia e noite. Gritou um negro lá do fundo.

-E tem mais, gente. Aquele tambor grande lá vai ser nossa produtora de cachaça. Vamos abrir aqui um alambique dos mais famosos: Cachaça Quintilhana.

Todos festejaram e gritaram sem parar, mas D. Maria pôs respeito.

-Mas que fiquem sabendo, não quero ver ninguém com a boca no alambique, enchendo a cara. Eu quero é trabalho!

Todos riram e saíram para seus serviços, como de costume. Em pouco tempo Aninha já estava carregando a tropa com metade de açúcar e cachaça e outra metade de café. As Quintilhanas tornaram-se na época mulheres de respeito entre os fazendeiros, devido à tenacidade nos negócios. Os negros também ficaram felizes em razão do tratamento a todos os desgarrados que apareciam por ali. Continuavam defendendo a valorização dos negros, como mão de obra importante em qualquer propriedade, e que, por isso mesmo, deveriam ser mais valorizados.

A fazenda seguia em ritmo acelerado, cada vez produzindo mais e vendendo diretamente aos comerciantes. Os negros aumentaram em número e também em alforrias, com as Quintilhanas fazendo pequenas casas para os ex-cativos e até uma escola pra funcionar dentro da fazenda.

O sucesso deixou as duas cada vez mais unidas e sempre ligadas pela paixão, que agora suplantava todos os obstáculos, como a Madrinha tinha previsto. Viviam em paz dentro da alcova, na cama, em banhos de tina, onde só as duas sabiam o que acontecia.

30 anos



A fazenda amanheceu em movimentação intensa. Muitas novas construções foram agregadas à casa principal. Um imenso rancho guardava os equipamentos de serviço. Do outro lado, a casa da farinha, com a roda d'água, o engenho e o alambique produzindo a todo vapor.

As tropas, totalizando mais de duzentos animais, se alinhavam em frente aos armazéns. Eram carregados café, milho, algodão, açúcar e cachaça. No alto da escada, duas senhoras observavam tudo.

As Quintilhanas começavam mais uma etapa na vida, uma das mais importantes. Maria trajava as roupas de costume. Aninha abandonou seus antigos trajes. Também se vestia como uma sinhazinha e se comportava como tal. O

peso da idade a tirou das tropas, mas não deixava de vistoriar tudo. As duas desceram para o terreiro para ver o trabalho, e Aninha ia fazendo suas observações de mestre no assunto.

-Justino, aperte mais esse arrocho da mulinha. Dê uma olhada na retranca dessa outra e veja o casco daquele burro que parece que não tá com boa cara.

-Sim, senhora.

Passaram a arrumar as observações, enquanto Maria observava a carga. Um homem agora controlava as marcações e os preços de cada produto.

-Vocês, saiam na frente, que nós já vamos atrás, pois hoje eu quero participar do embarque desta carga.

As tropas saíram enfileiradas, e, logo em seguida, as Quintilhanas partiram na carruagem, para uma viagem mais acomodada. Atravessaram a vila, sob o olhar de todos que sabiam o destino delas e de suas mercadorias. No caminho observavam ranchos abandonados, pés de café secos nos morros, mostrando a penúria da região, enquanto sua riqueza passava.

No meio do dia, entraram nas vielas de Cachoeira Paulista, descendo direto ao centro. A cidade estava em festa com a passagem do primeiro trem da recém inaugurada linha do Norte, ligando São Paulo ao Rio de Janeiro. As Quintilhanas chegaram com a burrada carregada, chamando a atenção de todos. Pararam na ponta da estação e começaram a descarregar. Ao que veio correndo um dos guardas.

-Vocês não podem descarregar isso aí.

-Onde descarregamos, então?

-Não pode. Hoje é a inauguração da linha e não teremos carga, somente passageiros.

-A companhia anunciou que ia levar todas as cargas pro Rio de Janeiro.

-Vai sim, minha senhora, mas a partir de amanhã.

Nisso chegou o chefe da Estação e entrou na conversa, que já estava ficando tensa.

-Minha senhora, qual o problema?

-É que eu queria carregar essa mercadoria pra um comprador lá do Rio.

-A senhora podia me acompanhar até o escritório, pra conversarmos direito. Solução que o chefe achou pra que a conversa não continuasse ali na plataforma, onde tinha muita gente ouvindo.

Entraram, e Maria sentou em frente à escrivania.

-Meu senhor, eu quero...

-Eu sei. A senhora quer levar sua mercadoria pro Rio, mas a senhora tinha que ter feito reserva de vagões.

-Como assim?

-Tem que fazer uma ficha da fazenda pra podermos aprovar o crédito de transporte. A senhora sabe, tudo tem que ser documentado.

Enquanto o homem falava, Maria enfiou a mão em sua bolsa, retirou um saquinho de moeda e colocou na mesa. O chefe olhou, ficou indeciso, mas abriu e começou a contar. Separou uma parte e devolveu o resto pra Maria.

-Pela carga que a senhora tem, esse dinheiro dá pra pagar o transporte. Fique aqui que vou providenciar o recibo e o documento e uma ficha pra senhora assinar. Pode ter certeza que assim eu convenço todo mundo da diretoria.

Voltou logo com os papéis na mão.

-Meus parabéns, Dona Maria, a senhora é a primeira a usar os trabalhos da companhia para o transporte de mercadorias pro Rio. Vou avisar a senhora: São Paulo também é um bom mercado.

-Certo, meu senhor. Pode me reservar um vagão por semana, que estarei aqui com a carga.

Satisfeita, ela saiu, procurou seu pessoal, que já estava com outros homens da estação, encaminhando as mercadorias para um depósito.

Juntou todos, brancos e negros e foi direto para a cafeteria, deixando todos boquiabertos.

-Coloque café quente pra todos e uns pedaços daquele bolo de fubá.

Sentaram-se numa mesa e ali ficaram a saborear. De repente o apito soou ao longe, e todos saíram às pressas pra conhecer a nova máquina que começava a fazer parte do cenário do Vale do Paraíba. O trem que trazia o progresso econômico, aos poucos, aniquilaria a região das fazendas produtoras de café.

Depois da festa, as Quintilhanas fizeram compras, colocaram nos animais e retornaram à fazenda, com mais uma missão cumprida. Ela reuniu novamente todos no terreiro. Do alto da escadaria, com Aninha, anunciou a boa nova.

-Minha gente, preparem os braços que agora vamos ter que produzir muito mais, pois o cavalo de ferro é insaciável. Vai carregar mercadoria que nem 500 burros de uma vez só.

Entrou para a sede e foi direto à cozinha, onde a esperava uma fumegante quirera com galinha. Aninha também se sentou, mas estava preocupada.

-Que foi Aninha? Você parece que está triste.

-É, estou um pouco preocupada com tudo que está acontecendo.

-Como assim?

-Veja bem, Maria, com a chegada do cavalo de ferro, as tropas vão diminuir o serviço. E minha preocupação é onde vai trabalhar essa gente toda. Você viu que muitos pousos já fecharam?

-Pois é, Aninha, pode ser preocupante, mas nós temos que

nos arrumar, produzindo cada vez mais, pois as vendas vão aumentar. Agora, quanto aos outros, acho que eles deviam nos imitar. Mas os barões da região não vão querer dar o braço a torcer.

-É. E mais negros virão atrás da gente pra tentar resolver a situação. Como vamos fazer?

-Não tem problema, vamos recebendo quem quiser trabalhar de “a meia”. Terra tem bastante pra quem quiser labutar.

-E tem o boato ainda de que os negros vão ser libertos finalmente.

-Vão nada, menina. Vão ser jogados na estrada, do jeito que vieram ao mundo. Todos esses anos trabalhando pra enriquecer os fazendeiros e não vão valer nada.

-Mas isso não pode ser mudado?

-Podemos fazer nossa parte.

-Como assim?

-Soube que vai ter uma reunião dos fazendeiros em Areias, na próxima semana. E eu até agora não fui convidada, pois sabem da minha língua.

-E você vai assim mesmo.

-Vou e você vai comigo, pra eles sentirem minha vontade de perto.

-Então, tá bom.

As duas terminaram de tomar a canja e foram direto para o quarto, que ainda era o cenário ideal para o amor das duas.

Na semana seguinte, as Quintilhanas se aprontaram e partiram para Areias, chegando à cidade ao entardecer. Procuraram uma pousada e ficaram para pernoitar. À noite, na hora do jantar, encontraram mais gente que chegou para a reunião do outro dia. O dono da pensão fez as apresentações.

-Dona Maria Quitilhana e Dona Ana, quero apresentar pra vocês nossa Princesa Isabel, que veio pra reunião de amanhã.

-Mas quanta honraria, minha senhora.

-A honra é minha...

-Aproveitando a oportunidade, minha Princesa, eu queria saber direito como é que vai ser essa libertação dos nossos negros?

-Estamos conversando com todo mundo, porque entendemos que é uma necessidade, pois o Brasil tem que se ver livre da escravidão.

-Eu também acho isso, tanto que em minha fazenda todo mundo tá alforriado e trabalhando pra mim.

-É. Estou sabendo o problema que a senhora está causando na região.

-Problemas? Como assim? A senhora não aprova a libertação dos negros?

-Aprovo sim, minha senhora. Mas acontece que sua ação está deixando os outros fazendeiros preocupados, pois eles não têm dinheiro nem pra sustentar os negros, menos ainda pra pagar uma compensação.

-Voltando ao assunto, Princesa, acho que todos os negros deveriam receber uma compensação, ou terras pra trabalhar de “a meia”, como faço na minha fazenda.

-Isso não é do agrado dos fazendeiros que querem colaborar na aprovação da libertação. E de outro lado, os defensores da libertação negociam pra que isso aconteça logo.

-Não teria um jeito de o Imperador pagar pra todos os negros, em função do trabalho deles prestado pra nação?

-É difícil, ainda mais que papai está viajando e eu não posso tomar essa decisão. Mas vamos fazer o seguinte: amanhã, na reunião, a senhora coloca esse assunto na mesa, porque

eu, devido aos compromissos políticos, estou impedida.

-Está bem, mas vamos ao jantar, então, conversar coisas de mulheres.

-Pois sim...

Na manhã seguinte, a rua central estava lotada de gente à espera da reunião com a Princesa Isabel, que foi uma das primeiras a chegar. Em seguida, viu-se as Quintilhanas, chamando a atenção de todos. Alguns torcendo o nariz, pois não admitiam o sucesso da fazendeira.

Todos sentados, discutiam as necessidades que a Princesa colocava de libertar os cativos, uma vez que a situação política estava insustentável no Rio de Janeiro. Os compradores do exterior também exigiam, pois em outros países isso já tinha acabado.

Meio relutantes, os fazendeiros concordavam, e alguns até pediam que isso acontecesse em breve, pois não estavam conseguindo mais sustentar os escravos. Além disso, os escravos fujões estavam cometendo crimes e, depois de presos, seus donos eram chamados a sanar os prejuízos, sem direito nenhum de defesa. Quando os assuntos serenaram, Dona Maria Quintilhana pediu a palavra.

-Gostaria de colocar uma opinião aqui na discussão.

-Pois não, Dona Quintilhana.

-Como todos vocês sabem, em minha fazenda já libertei todos os negros, e com o sistema de meia parceria, estamos conseguindo sustentar a propriedade. E com lucros.

-Nós sabemos sim, mas diga o que a senhora ia dizer.

-Gostaria que todos pensassem na possibilidade de se pagar uma compensação, ou um pedaço de terra, pra todos os negros que forem libertos...

Não conseguiu nem terminar de falar e a sala virou um alvoroço, com todo mundo querendo falar ao mesmo tempo. O coordenador bateu na mesa e procurou colocar ordem.

-Pessoal, muita calma. Fala primeiro o Coronel Idelfonso de Barreiro.

-Impossível fazer isso, nessa hora em que estamos passando apertado. Muitos dos meus amigos já estão com as propriedades penhoradas até pelo Banco do Brasil. E a senhora, Princesa, vai aprovar essa ideia de uma louca?

Aninha levantou com seu dedo em riste e foi pra cima de Idelfonso.

-O senhor respeite minha patroa. Ela tem ajudado nossa gente há muito tempo, e com isso não está quebrada como muitos de vocês.

Os guardas entraram e a situação se acalmou. A Princesa Isabel tomou a palavra.

-Minha gente, a situação não é das melhores. Como sabem, os defensores da libertação estão pressionando o Imperador, e agora, neste momento, fica difícil discutirmos uma saída pra que os negros tenham uma compensação.

Maria interrompeu nervosa.

-Como? A senhora não vai colocar nem em discussão? Não vai conversar com o Imperador pra ver se consegue um dinheiro oficial?

-Não, minha senhora, essa discussão agora pode criar sérios problemas políticos para o Império, e sabemos que os defensores da libertação não veem essa necessidade de os negros serem indenizados.

Maria puxou Aninha pelos braços e saiu aos gritos.

-Vocês sempre decidiram pela vida dessa gente toda. Ganharam seus ricos casarões e fazendas com eles. Agora fogem de discutir suas responsabilidades, como a melhor forma de esquecer de tudo. Vocês vão ficar ainda mais quebrados, pois quem vai querer trabalhar em suas fazendas, que estão morrendo à míngua por incompetência de seus comandos?

-A senhora se retire dessa sala. Gritou um dos fazendeiros.

Maria não baixou a voz e continuou a questionar.

-E a senhora, Princesa, leve pro Rio de Janeiro essa preocupação. Se não puder ajudar os negros, não os solte nas estradas, sem nada pra viver. Pense que isso vai arrumar mais problemas pro Império e também pra esses barões quebrados.

Terminou de falar e saiu às pressas da sala, deixando todo mundo num silêncio profundo, sem saber o que fazer. A Princesa Isabel deu por encerrada a reunião.

-Encerramos esta reunião com a notícia de que dentro de mais alguns dias assinarei, eu mesma, a carta de libertação dos escravos...

As Quintilhanas partiram pelas ruas de Areias com destino à Silveiras. Chegaram à fazenda à tardinha, com os negros querendo saber a novidade.

-É, gente, não consegui o que eu queria, mas parece que tá certo a assinatura da libertação definitiva dos escravos ainda cativos.

-Tá bom. Mas soube alguma notícia do Rio de Janeiro?

-Não, nada ainda.

Em 13 de maio de 1888, à tardinha, chegou um cavaleiro desesperado na fazenda.

-Gente, estamos livres: a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, libertando todo mundo. Vocês podem sair. Todo mundo já está na estrada, cuidando cada um de sua vida.

Maria ouviu o barulho e saiu na janela, vendo o negro falar com entusiasmo, mas não entendeu nada do que acontecia, pois os negros não festejavam.

-Vá se embora pra outra fazenda, rapaz. Aqui já tá todo mundo livre e com trabalho garantido.

Em todas as fazendas os negros comemoravam, mas

na fazenda das Quintilhanas o silêncio foi total, pois todos entendiam que faltou alguma coisa na Lei de Libertação. Nos dias que se seguiram, muitos negros foram encontrados pelas trilhas, nas ruas da cidade, não sabendo que rumo tomar. Eram famílias inteiras, arrastando as crianças famintas, num retrato desolador para um ser humano. Maria se decepcionou por não poder fazer nada.

Menos de um ano após a libertação, em abril de 1889, Maria e Ana, participaram de um grupo de libertos, assinando um manifesto em defesa dos negros, que foi enviado ao Rui Barbosa. Na carta eles denunciaram que a legislação do fundo de emancipação, de 1871, não estava sendo cumprida na parte do imposto que deveria ser destinada a “educação dos filhos dos libertos”.

Em Vassouras, município do Rio de Janeiro, uma fazendeira também escreveu sobre o assunto, chamando o 13 de maio de “malfadado dia”, pois os negros libertos estavam agitados, devido ao preconceito que reinava ainda no meio deles. Nada acontecia em termos políticos, pois os poucos negros que tinham estudo não conseguiam ver suas reivindicações atendidas.

Maria ficou preocupada com o que estava acontecendo, e resolveu ir até o Rio, junto aos conselheiros da Coroa, para discutir a situação. Sua chegada virou notícia nos pequenos jornais da cidade, e ela acabou sendo ovacionada em plena porta do Palácio Imperial por centenas de negros. Em contrapartida, os defensores da Libertação oficial não gostaram nada. Acabou não sendo recebida por ninguém.

-Aninha, não é possível que ninguém queira receber a gente.

-É, Maria, acho melhor pegarmos o trem e voltarmos pra nossa labuta. Às vezes a gente tem que cuidar do que é da gente e deixar o resto pros outros mesmo.

-Mas não pode ser assim, Aninha. Temos que tentar de tudo pra que o Brasil seja melhor.

Saíram conversando, pegaram um coche e seguiram para a estação do trem. Quando estavam no pátio de embarque, alguém chegou correndo, procurando as duas.

-Minhas senhoras, vocês são as Quintilhanas?

-Sim, em que podemos ajudar?

-É para as senhoras voltarem. A Princesa Isabel soube de sua chegada e quer falar com vocês agora.

-Mas a Princesa não me vê com bons olhos, com certeza.

-Maria, vamos lá. Acho que as notícias são boas.

As duas voltaram e foram até o Palácio, onde Isabel já estava na sala de reuniões.

-Entrem, minhas queridas. Vou mandar servir uma água e um chá, que está na hora. As duas se olharam e ficaram à espera. A Princesa voltou e sentou-se em frente às duas.

-Muito bem vindas ao Rio de Janeiro. Sei que não foram bem atendidas por aqui, hoje. Mas agora quero falar, principalmente com a senhora, D. Maria.

-Pois não, Princesa.

-Desde aquela conversa comigo lá em Areias no ano passado, eu fiquei impossibilitada, devido à política, de apoiar a sua causa...

-Pois é, mas agora nada se pode fazer.

-Pode sim, D. Maria. Quero lhe informar que estou escrevendo uma carta colocando a situação dos negros e juntando opiniões para que possamos ainda indenizar todos os libertos.

-Os fazendeiros estão sem dinheiro.

-Não se preocupe, nosso amigo Barão de Mauá afirmou que vai doar o dinheiro necessário para a empreitada, pois ele é um grande escravagista.

-Ele também não tinha quebrado?

-Tinha, minha senhora. Se recuperou e está com grandes negócios novamente. Acabei de escrever uma carta agradecendo sua bondade. Vocês estão vendo-a em primeiro lugar, mas não podem contar a ninguém. Se os escravagistas e os políticos souberem, o Imperador estará em apuros.

-Isso é muito bom, minha Princesa.

-Melhor do que vocês imaginam, pois vou também reivindicar que as mulheres tenham direito ao voto.

-Isso é real?

-É sim. E gostaria de lhes informar que o grande professor Rui Barbosa também apóia a ideia.

-O que nós podemos fazer pra ajudar a senhora nessa empreitada?

-Se puderem arrecadar mais dinheiro, será melhor.

-Posso sim, e eu já me comprometo a fazer minha parte com as economias que tenho.

-Muito bem, D. Maria, vou mandar servir o chá pra comemorarmos

Depois do chá, as duas saíram pelas ruas do Rio de Janeiro aliviadas. Maria foi mostrar o mar pra Aninha e os criados, que ficaram extasiados com tanta água. Depois procuraram uma pousada, pois o trem do dia já partira. Passaram uma noite tranquila e no dia seguinte entraram no trem pra Cachoeira Paulista.

Lá, o coche já esperava. Retornaram à fazenda, com o pensamento voltado para a causa. A fazenda encheu-se cada vez mais de negros, deixando Aninha preocupada.

-Maria, eu sei que quer ajudar, mas você acha que podemos aguentar?

-Podemos, enquanto tivermos o dinheiro, podemos aguentar. Assim os pecados de papai vão sendo pagos aqui na terra mesmo.

Um dia, Maria não apareceu cedo. Aninha foi até seu quarto

e descobriu ela ainda deitada.

-Maria, o que aconteceu?

-Não sei, Aninha. Estou muito ruim, me lembrei da doença de mamãe. Acho que preciso de um médico.

Aninha saiu em disparada e mandou buscar um médico na vila. Quando o doutor chegou, os exames foram feitos. Ele chamou Aninha e mais algumas mulheres para a sala.

-Gostaria que não fosse grave, mas é. D. Maria tem pouco tempo de vida. É bom não falar isso pra ela, pois pode piorar.

Todos saíram da sala, e Aninha ficou sentada, triste, repassando a história das duas, da fazenda, dos sofrimentos, de tudo. Recompôs-se e foi até o quarto de Maria.

-Oi, Aninha, o que o médico disse?

-Maria, como somos amigas pra sempre, tenho que te contar. Ele disse que você tem pouco tempo de vida...

Falou isso e abraçou sua amiga, querendo arrancá-la da cama.

-Maria, você não pode ir assim, o que eu vou fazer da minha vida?

-Você vai tocar a fazenda, Aninha, cuidar de sua gente, com poder e dinheiro. Vou deixar tudo pra você.

-Maria, fique tranquila que as coisas na fazenda estão andando. Todo mundo sabe cuidar de sua parte.

Mesmo assim, as Quintilhanas continuaram seu trabalho, provocando cada vez mais os vizinhos fazendeiros da região, que estavam mais preocupados em sair dos prejuízos causados pela decadência do café. Na cama recebeu uma notícia triste de sua amiga, que a deixou mais abatida.

-Chegou uma notícia do Rio de Janeiro. O Barão de Mauá faleceu e os políticos derrubaram a Monarquia. Foi declarada a República. Os ideais da Princesa Isabel e do Barão foram completamente abafados pelos políticos.

-E a Princesa, sua família, o que aconteceu?

-Já estão num navio em direção à Europa. Foram expulsos do Brasil.

-É, acho que o destino é esse mesmo. Às vezes a gente quer mudar tudo, mas não consegue.

-Mas você tentou, Maria. Isso vale muito.

-Aninha você assuma todos os comandos da fazenda e não deixe faltar nada pra ninguém.

-Certo, Maria. Fique descansada que tudo vai dar certo. Logo você estará bem e voltará ao comando, pois a fazenda é sua.

-Não Aninha, é nossa. Você bem sabe.

Mais alguns dias, e Maria começou a sucumbir. Convenceu sua amiga de que tudo poderia terminar logo. As duas se abraçaram chorando por longos minutos.

-Aninha, se recupere. Vá, mande alguém na cidade chamar o padre que quero confessar.

-Mas, Maria, você não tem pecado nenhum.

-Vá, que eu preciso.

-Certo.

Aninha saiu e algumas horas depois o padre estava no quarto de Maria.

-Aninha, saia que eu quero uma conversa reservada.

-Tá bom, eu saio.

Aninha saiu, mas ficou por perto, escutando a conversa.

-Seu padre, na verdade eu não quero confessar nada. Só quero deixá-lo ciente do destino dos meus bens.

-Como?

-Tudo o que tenho, propriedade, máquinas, plantações, vai ficar tudo pra Aninha, e ela que divida com sua gente.

-Mas e a igreja, Maria, você não vai deixar nada?

-Vou, sim. A porção de terra antes do ribeirão, pode

passar pra sua igreja, e quero que faça uma capela nova no lugar.

Quando o padre saiu do quarto, descobriu que Aninha ouviu tudo atrás da porta. Olhou apenas, se despediu e foi embora. Ana entrou no quarto, como se não soubesse nada.

-Aninha, tudo vai ser seu e de sua gente. Eu passei isso pro padre.

-Mas, Maria, isso não tá certo.

-Tá sim. Se você não aceitar, tudo vai pra igreja e isso eu não quero que aconteça.

-Então, tá bom.

-E o dinheiro que ainda resta aí nos potes, saiba usar somente nas horas de necessidade, viu?

-Certo, Maria.

-Aninha, continue labutando pela sua gente, como nós fizemos durante todo este tempo. O preconceito com os negros vai continuar para sempre na história do Brasil, pois a Libertação foi feita dentro desta filosofia.

-Eu sei bem disso, pois temos muitos irmãos sofrendo ainda com essa libertação.

Aninha saiu do quarto e começou a andar pelos corredores da fazenda, pela varanda. Quando viu, estava tomando banho no ribeirão e relembrando os bons momentos ali vividos. Voltou pra fazenda e não conseguiu dormir. Ficou em desespero.

-Não é possível, o que vai ser de mim daqui pra frente? Sozinha não conseguirei viver, meu Deus! Eu quero ir junto. Me deixe ir com ela.

E assim adormeceu na sala, jogada ao catre.



o fim



Naquela noite, o silêncio reinava na fazenda, mas de repente um grito ecoou na noite. Logo após, um tropel de cavalos cortou a estradinha próxima. Aninha acordou e foi correndo para o quarto de Maria.

-Maria, o que aconteceu? Meu Deus, você não pode ir. Fala comigo, fala comigo.

No desespero, não notou que Maria estava toda ensanguentada e morta. Continuou desesperada, tentando acordar sua amiga, mas nada aconteceu. Aninha retirou então um machado que estava no corpo de Maria e sentou encostada na parede do quarto. Os negros saíram para o grande terreiro, mas não conseguiram ver nada.

-Pessoal, acendam as tochas, vamos pra fazenda, que alguma

coisa aconteceu.

Subiram pelas escadarias e arrebentaram a porta, indo direto ao quarto de Maria. Chegaram lá e encontraram na cama o corpo inerte, ensanguentado, de Dona Maria Quintilhana, morta a machadadas. Num canto estava Ana Quintilhana, parada, chocada, a roupa toda ensanguentada. Em uma das mãos um machado também sujo de sangue. Na outra apertava um pedaço de papel enrolado. O juramento, que ela não queria acreditar que terminara.

-Aninha, o que houve? Por que você fez isso? Não pode ser.

Aninha continuou inerte, sem falar nada, chorando copiosamente. Alguém saiu às pressas a cavalo para buscar o padre e o delegado da vila.

-Gente, vamos arrumar o corpo.

-Não, é melhor deixar assim pra polícia ver.

Chamaram Aninha pra sair, mas ela não arredou pé do quarto. Amanheceu, quando chegaram o delegado e o padre. Subiram correndo a escada e depararam com a cena terrível.

-Quem fez isso? Quem chegou primeiro aqui no quarto?

-Foi a Aninha, doutor. Eu cheguei depois e estava tudo acabado. A patroinha inerte, a Aninha chorando toda ensanguentada, como está.

-Mas, então, você viu quem matou essa pobre mulher, Aninha?

Ana não respondeu nada, pois nem conseguia falar. Só chorava desesperadamente. O delegado retirou todo mundo de dentro da fazenda, deixando somente Aninha. Algum tempo depois, o delegado saiu e liberou os negros para cuidarem do corpo de Maria. O resto do dia virou um ritual negro na Fazenda. Fogueiras improvisadas iluminavam as danças tristes em homenagem à patroa. O padre observava da varanda, não concordando com tudo aquilo. No meio do dia, o religioso tomou conta da situação.

-Vocês deixem essas danças e arrumem o corpo pra levarmos pro cemitério da cidade.

Mas os negros fizeram um paredão. Levantaram o corpo de Maria e, com suas cantorias, levaram para o cemitério dos negros, onde fizeram o enterro. O padre e as poucas autoridades presentes ficaram sem ação perante os mais de 500 negros da fazenda. Aninha seguiu à frente, levando o caixão até o túmulo. Lá chorou a morte da amiga, abraçada ao caixão, por longos minutos.

Depois do enterro, todos voltaram para a fazenda, indo direto pra suas casinhas. O silêncio e a tristeza imperaram todo o dia e noite seguinte. Aninha olhou o final do movimento e se fechou no quarto onde conviveu com a amiga. Segurando o pequeno papel na mão, ficou ainda delirando.

-Não, ela não se foi. Vou viver pra você, Maria, até encontrá-la novamente. Nosso juramento não vai morrer.

De madrugada, o silêncio foi quebrado por barulho de tiros e tropel de cavalos.

-Gente, acordem. Vêm muitos soldados por aí e todos armados.

Todos acordaram e saíram a correr sem rumo. Revidaram o ataque como puderam, mas muitos foram mortos, numa verdadeira carnificina. Na confusão, um incêndio tomou conta da histórica fazenda. No meio do fogo, saíram de lá alguns homens, arrastando a velha Aninha Quintilhana, que foi amarrada ao rabo de um cavalo. O comandante da milícia chamou os poucos negros que sobraram e informou o que estava acontecendo.

-Dona Ana está sendo presa pela morte de Dona Maria Quintilhana. Vai ser julgada e condenada à prisão. Como Dona Maria Quintilhana não deixou herdeiros, suas terras, as plantações e animais vão ser entregues à Igreja Católi

ca, conforme manda a lei. E vocês, juntem suas coisas e deixem a Fazenda nesta manhã, pois vocês são escravos libertos, graças a benemérita Princesa Isabel.

Enquanto o novo padre lançava seu olhar no novo poder, a milícia saiu, arrastando Dona Ana em direção à cadeia da Vila de Silveiras. Lá, jogaram-na num canto, onde ela permaneceu com os olhos parados a buscar uma explicação para o que estava acontecendo. Com o papel na mão, continuou a balbuciar palavras sem nexos.

-Maria, eu vou te buscar. Eu sei... Você vai voltar.

Seus olhos se transformaram... Os olhos, agora marejados de lágrimas não a deixavam mais narrar sua história para o engenheiro e escritor. E ela retomou seu mutismo perdida em pensamentos.

A voz de Euclides quebrou o silêncio do pequeno cubículo.

-Seu guarda, venha aqui.

-Pois não, seu Doutor, vai sair?

-Vou, pode abrir a porta e dar mais um café pra ela.

Euclides saiu da cela, deixando a velha negra quieta e com um olhar perdido no nada. O guarda trancou a porta e seguiu atrás de Euclides, que já estava à porta.

-Doutor, o que ela contou pro senhor? É a primeira vez que alguém teve coragem de ficar com ela...

Euclides não comentou nada, e desceu os degraus da cadeia. Mesmo assim, de pé no portal, o guarda continuou a falar.

-Tenho certeza que o senhor também não acreditou no que ela disse a respeito de muito dinheiro ainda escondido nas ruínas daquela velha e assombrada fazenda, não é Seu Doutor?

Euclides se virou, deu uma breve olhada, tirou o chapéu num cumprimento de despedida e continuou seu cami-

nho rua acima...

Em pouco tempo estava sobre o morro, de onde avistou as ruínas da velha fazenda. Desceu lentamente pela estradinha, já gasta pela passagem das tropas. Parava de vez em quando para observar melhor a região, com a velha fazenda ao pé da serra e mais acima a trilha que subia a Bocaina, a famosa Estrada do Dia Inteiro. Estava absorto em pensamentos, quando escutou a voz do velhinho que cuidava das ruínas da fazenda. Sem desmontar de seu cavalo, tentou puxar conversa.

-É, doutor, é uma judiação. Esta fazenda tá abandonada desde as coisas ruins que aconteceram por aqui. Agora ficou assombrada e ninguém tem coragem de entrar. O senhor não vai entrar, vai?

Euclides não respondeu, e com a paisagem da Serra da Bocaina ao fundo, num azul a perder de vista, continuou a passos lentos em direção às ruínas da fazenda.

O homem ficou parado em seu cavalo, observando a cena, incrédulo.

